

Francisco Carrera



RIOS DO RIO

*Uma abordagem histórica dos rios
da Cidade do Rio de Janeiro*

RIOS DO RIO

**Uma abordagem histórica dos principais rios
da Cidade do Rio de Janeiro**

VOLUME 1

**Copyright @2022 Todos os Direitos
Reservados**

Capa: Francisco Carrera

Foto de capa: Rio Camorim

Revisão : Wilson Carvalho

**Permite-se a reprodução desta publicação, em
parte ou no todo, sem alteração do conteúdo,
desde que citada a fonte e sem fins comerciais.**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrera, Francisco

Rios do rio [livro eletrônico] : uma abordagem histórica dos rios da cidade do Rio de Janeiro : volume 1 / Francisco Carrera. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2022.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-56384-9

1. Meio ambiente - Rio de Janeiro (Cidade)
2. Rio de Janeiro (Cidade) - Aspectos ambientais
3. Rio de Janeiro - História 4. Saneamento básico
5. Urbanização I. Título.

22-135363

CDD-981.531

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio de Janeiro : Cidade : História 981.531

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Curriculum do Autor

Advogado, paisagista, palestrante, especialista na área de direito Ambiental e urbanístico desde 1992, pós graduado e Auditoria e Perícia Ambiental, pós graduado em projetos de paisagismo, Mestre em Direito da Cidade pela UERJ, autor de diversas obras de Direito Ambiental e Urbanístico, professor coordenador de diversos cursos de pós graduação em Direito Ambiental no Brasil, professor da disciplina de Direito Ambiental da Escola de Magistratura do Rio de Janeiro – EMERJ , membro do IAB – Instituto dos Advogados



Prof. Ms. Francisco Carrera

2/4

Brasileiros, membro de diversos conselhos de meio ambiente e

professor conferencista em inúmeros seminários e congressos de Direito Ambiental e presidente da Comissão de Direito Municipal da OAB-RJ e Membro da União Brasileira da Advocacia Ambiental – UBAA. Sócio titular da Carrera Advogados, especialista em serviços ambientais ecossistêmicos. Assessor de diversas prefeituras no Brasil, Membro do Comitê CCE/TC 331 da ABNT- Biodiversidade, Especialista em cidades biofilicas e Sustentaveis. Autor da obra " Cidade Sustentável- utopia ou realidade ed.

3/4

Lumen Juris. Professor da Escola IEVA de jardinagem. Consultor jurídico e paisagista do Instituto IEVA. CEO da 520 Negócios Ambientais

Fale com o Autor

Acesse aqui os canais de
comunicação



@Francisco Carrera



@fjjcarrera



@520.negocios.ambientais



@Francisco Carrera



fjjcarrera@gmail.com



520ambiental@gmail.com

AGRADECIMENTOS

A meu Pai **JOSÉ CARRERA Y CARRERA** (In memoriam), o maior relojoeiro já conhecido da Cidade do Rio de Janeiro, que, desde os 15 anos de idade até os 79, lutou por sua profissão. A este homem, dedico esta obra, em gratidão a todo o carinho, estímulo, conselhos, orientações e sobretudo educação a mim conferida. À minha mãe, Maria Auxiliadora de Jesus Carrera, guerreira de sempre. Ao meu amigo, de muitas lutas Alexandre Gontijo, presidente do IEVA - Instituto Eventos Ambientais, aos meus irmãos Renato e Igor Carrera, à família Gontijo, à minha amiga Elizete Quintaes, pelo constante apoio, ao meu aluno e amigo Fritz Viehmayer Rodrigues (in memoriam) pela inesquecível oportunidade conferida, às amigas Élide Seguin e Alexandra Sarmiento, ao Sr. Geraldo Magela, coveiro do Cemitério São João Batista, que muito contribuiu com informações históricas sobre o Rio Berquó, a todos os moradores das margens dos cursos hídricos que pesquisamos, e a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para a produção desta obra.

Apresentação



Para nós do Instituto Eventos Ambientais-IEVA é um grande prazer poder apoiar a produção acadêmica e literária na área do direito ambiental, da proteção dos recursos hídricos e acima de tudo no reconhecimento expresso dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. O professor Francisco Carrera, nesta obra, ultrapassa seus limites de conhecimento, nos trazendo importantes informações técnicas e históricas dos principais rios da Cidade do Rio de Janeiro. Recordo-me bem de quando pudemos colaborar com a identificação destes cursos hídricos na Cidade, através da participação de nossos voluntários e colaboradores. Foram muitos dias de árdua pesquisa, entrevista e observação destes Rios. Tivemos, inclusive a oportunidade de colaborar nas atividades da Comissão Especial da Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, presidida pelo Vereador Alexandre Isquierdo, e composta pelos Vereadores Val do Ceasa, Zico, Vera Lins e Thiago K. Ribeiro, que dedicou-se a avaliar a situação e qualidade das águas de alguns cursos hídricos cariocas. A Educação ambiental é importante componente nesta atividade, sobretudo quando estimula o conhecimento e a conservação dos mananciais por parte dos cidadãos residentes em suas margens. A sustentabilidade ganha uma importante contribuição, e os elementos integrantes do moderno *ESG* (*Environmental – Social – Governance*), se aperfeiçoam, quando informações deste quilate podem ser partilhadas entre todos os cidadãos. Rogo a Deus que esta obra sirva de importante contribuição para um ambiente justo, e ecologicamente equilibrado! Ao professor Carrera, o nosso humilde parabéns!

Alexandre Gontijo

Presidente do INSTITUTO EVENTOS AMBIENTAIS – IEVA

Prefácio



Um dos berços de nossa civilização se iniciou na Mesopotâmia, que do grego quer dizer “entre rios”. Ao percorrermos a História, podemos encontrar, além dessa, inúmeras referências de como os rios desenvolveram papel importante na construção do que hoje entendemos por sociedade. Em um momento de debate mundial sobre o uso múltiplo da água, sua relevância socioambiental, energética e também industrial, é uma honra poder escrever o prefácio deste livro.

Temos a oportunidade de percorrer a história do nosso Rio de Janeiro, identificando em nossa cultura e desenvolvimento todo o legado pautado em nossos cursos hídricos. É também um importante convite à preservação daquilo que garantiu não só a nossa história, mas que certamente desempenha um papel de protagonista em nosso futuro. Nesse ato de conhecer para preservar, que você, caro leitor, possa se reencontrar “entre rios” do Rio.

Nilton Caldeira

Vice Prefeito e Secretário Municipal de Ambiente e Clima
da Cidade do Rio de Janeiro

Sumário

PREFÁCIO.....	
INTRODUÇÃO	
Uma viagem pelos mais importantes Rios do Rio de Janeiro.....	
MACROBACIA DA BAIA DE GUANABARA.....	
SUB-BACIA DO RIO CARIOCA.....	
DA DESCOBERTA DO PRIMEIRO RIO.....	
O Rio Carioca.....	
Rio Paineiras.....	
Rio das Velhas.....	
Rio Chrororó.....	
O Rio Catete – Um braço do Carioca que se perdeu	
SUB-BACIA DE BOTAFOGO.....	
Rio Berquo e Rio Banana Podre, Navegar é preciso, nas águas de Botafogo.....	
SUB-BACIA DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS.....	
Rio dos Macacos, que já foi Pau Grande.....	
Rio Cabeça.....	
Rio do Algodão.....	
Rio Rainha, que antes tinha nome de Rio Branco.....	
SUB-BACIA DO CANAL DO MANGUE.....	
Rio Papa Couves, sob os passos do samba na Sapucaí.....	
Rio Comprido – lugar de nobres e ingleses.....	
Rio Maracanã – As araras e maritacas guardam sua história.....	
Rio Felizardo.....	
Riacho do Pico da Carioca	
Rio Cascata.....	
Rio Trapicheiro, de trapiche, não tem nada!	
Rio Joana – Ou Rio Perdido.....	
SUB-BACIA DO CANAL DO CUNHA	
Rio Jacaré, do despejo dos Jesuítas à renovação da favela	

Rio Meier, um dia já navegável
Rio dos Frangos.....
Rio Faria, outro importante contribuinte dos engenhos Jesuítas
Rio Timbó.....
Rio Salgado
Rio Dom Carlos
SUB-BACIA DOS RIOS ACARI/PAVUNA/MERITI.....
Rio Acari– Limite de bacias, municípios e regiões.....
Rio São João de Meriti.....
Rio Cambui
Rio Tinguí
Rio Sapopemba
Rio dos Cachorros II
Rio Valqueire
Rio Arroio dos Afonsos
Rio Caranguejo.....
Rio Marinho.....
Rio Meriti
Rio Marangá.....
Rio Piraquara.....
Rio Ninguém.....
Rio Sanatório.....
Rio Fontina.....
Rio Pau
Rio Cabral.....
Rio Anchieta.....
Rio das Pedras de Coelho Neto.....
Rio Irajá - Um pote de mel e uma rota de tráfico que foi esquecida
Rio Arapogi

Rio Nunes	
Rio Escorremão	
Rio Quitungo	
Rio Bicas	
Rio Ramos.....	
SUB-BACIA DO RIO SARAPUÍ	
Rio Sarapui	
MICRO BACIA DA ILHA DO GOVERNADOR.....	
Rio Jequiá	
SUB-BACIA DE SÃO CONRADO	
Rio do Pires	
Rio Canoas.....	
Valão da Rocinha	
SUB-BACIA DO RIO CACHOEIRA	
O Rio Tijuca – Principal contribuinte da Floresta	
Rio Cachoeira	
Rio Itanhangá	
Rio Taquara da Tijuca	
Rio Leandro	
Rio Amendoeira.....	
MICRO BACIA RIO MUZEMA	
Rio Muzema	
SUB-BACIA DO RIO DAS PEDRAS	
Rio das Pedras.....	
SUB-BACIA DO RIO DO ANIL.....	
Rio do Anil	
Rio Sangrador, que já foi Porta D'água.....	
SUB-BACIA DO RIO GRANDE	
Rio Taquara ou Rio Grande	

Rio Banca da Velha	
Riacho da Padaria	
Rio da Figueira	
Rio dos Calharins	
Rio Pequeno	
Rio dos Teixeiras	
Rio Tindiba	
Rio Pechincha	
Arroio Fundo	
SUB-BACIA DO RIO GUERENGUÊ	
Rio Guerenguê	
Rio Tucum	
Rio do Engenho Novo	
Rio Monjolo	
Arroio Pavuna	
SUB BACIA DO RIO CAMORIM	
Rio Camorim	
Rio Caçambê	
SUB-BACIA RIO DOS PASSARINHOS DE JACAREPAGUÁ	
Rio dos Passarinhos de Jacarepaguá	
CONCLUSÕES	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	



INTRODUÇÃO

Esta obra representa uma iniciativa inédita em conhecer os aspectos históricos e emblemáticos de uma cidade que é banhada por 267 cursos hídricos. Muitos deles responsáveis pela evolução patrimonial e pelo crescimento urbanístico da cidade, guardando peculiaridades e informações que hoje são de grande importância para a formação de novas políticas e de iniciativas de conservação e preservação destes rios. A obra contou também com a contribuição de vistorias locais realizadas pela equipe de estagiários e voluntários do Professor Carrera, no sentido de se examinar a real situação dos cursos hídricos da cidade do Rio de Janeiro. No ano em que a Cidade Maravilhosa completa 454 anos, nada melhor e essencial do que uma publicação com conteúdo didático e educacional. Este livro objetiva levar às escolas e a todos os cidadãos, em especial os cariocas, ao conhecimento da potencialidade e função socioambiental de seus rios. Para tanto realizamos uma pesquisa simples, com uma abordagem toponímica e histórica dos rios da Cidade do Rio de Janeiro. Esta foi a nossa missão quando iniciamos este livro. Abordar os principais rios com ênfase em seus processos históricos e sua verdadeira contribuição para a região de sua bacia hidrográfica. Só na Cidade do Rio de Janeiro, encontramos, oficialmente, 267 rios. Entre eles, destacaremos os 88 principais das bacias da Baía de Guanabara e Oceânica, com importância para a formação da bacia e, acima de tudo, com relevância e potencialidade para projetos, intervenções e educação ambiental. Nos próximos volumes, esgotaremos a Bacia da Baía de Sepetiba e demais rios de outros municípios.

O trabalho foi desenvolvido, levando-se em consideração a separação física entre as bacias e sub-bacias hidrográficas do Rio de Janeiro. Infelizmente não conseguimos contemplar os 100%, mas dedicamos um destaque especial para os rios mais importantes que já contribuíram e ainda continuam contribuindo para a Cidade do Rio de Janeiro. Desde o Acari, (que, hoje, possui um grande fluxo e volume d'água), até rios menores, como o Rio Meier, que já foi um dos mais importantes da região.

Este livro também destaca algumas características peculiares de cursos hídricos que, hoje, já estão totalmente canalizados, mas já foram importantes contribuintes da cultura e histórico de ocupação do solo na Cidade do Rio de Janeiro.

A metodologia adotada levou em consideração o testemunho de antigos moradores, por intermédio de entrevistas com as comunidades locais, da análise de contribuições da Internet e dos mapas de hidrografia da Cidade, do Armazém dos Dados (do Instituto Pereira Passos), das cartas hidrográficas da Marinha do Brasil, dentre muitos outros, como mapas antigos, cartas náuticas, livros históricos, etc...

As fotografias ora são do próprio autor ora são de sua equipe de apoio, do Observatório Urbano da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - e muitas coletadas pelo Google Earth, em razão da ausência de segurança nos locais.



Foram analisadas as macro bacias da Baía de Guanabara e Oceânica, e suas respectivas Sub Bacias, cada qual de acordo com sua peculiaridade.

A crise hídrica está literalmente transformando conceitos, valores e até mesmo a história das cidades e das principais regiões metropolitanas, em especial a Região Sudeste, que ano a ano atravessa um de seus piores momentos de seca da história. Os reservatórios ficam extremamente baixos em épocas de secas, e outros cursos hídricos literalmente já estão desaparecendo. Portanto uma nova geografia vem se apresentando, fazendo com que, pesquisadores, acadêmicos, políticos, juristas, engenheiros e especialistas em recursos hídricos, renovem seus estudos caminhando para uma solução à ameaça da escassez, e um forte racionamento no consumo de água potável.

Não contemplamos aqui, as análises hídricas de qualidade das águas e tampouco a descrição mais pormenorizada das vazões e condições de balneabilidade destes rios. Nosso intuito é informar aos moradores, visitantes e turistas da cidade, onde estão estes rios e quais foram os legados históricos que eles nos deixaram.

Destacamos também o trabalho especial e único do Programa Guardiões dos Rios, que há tempos esteve sob o comando do saudoso professor Alexandre de Bonis, que era o coordenador de recursos hídricos da antiga Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMAC. Este Programa, realizou ações de Educação Ambiental, com ênfase na atividade de revegetação das margens e manutenção dos rios da Cidade. Foi um projeto que ficou desativado por muitos anos, desde 2008, tendo a administração, em 2012, pela SMAC, retomado as ações e com resultados extremamente positivos. Portanto, deixamos aqui a nossa homenagem póstuma.



Guardiões dos Rios em Ação, Programa da Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMAC, coordenador pelo saudoso Prof. Alexandre De Bonis. (In memoriam)



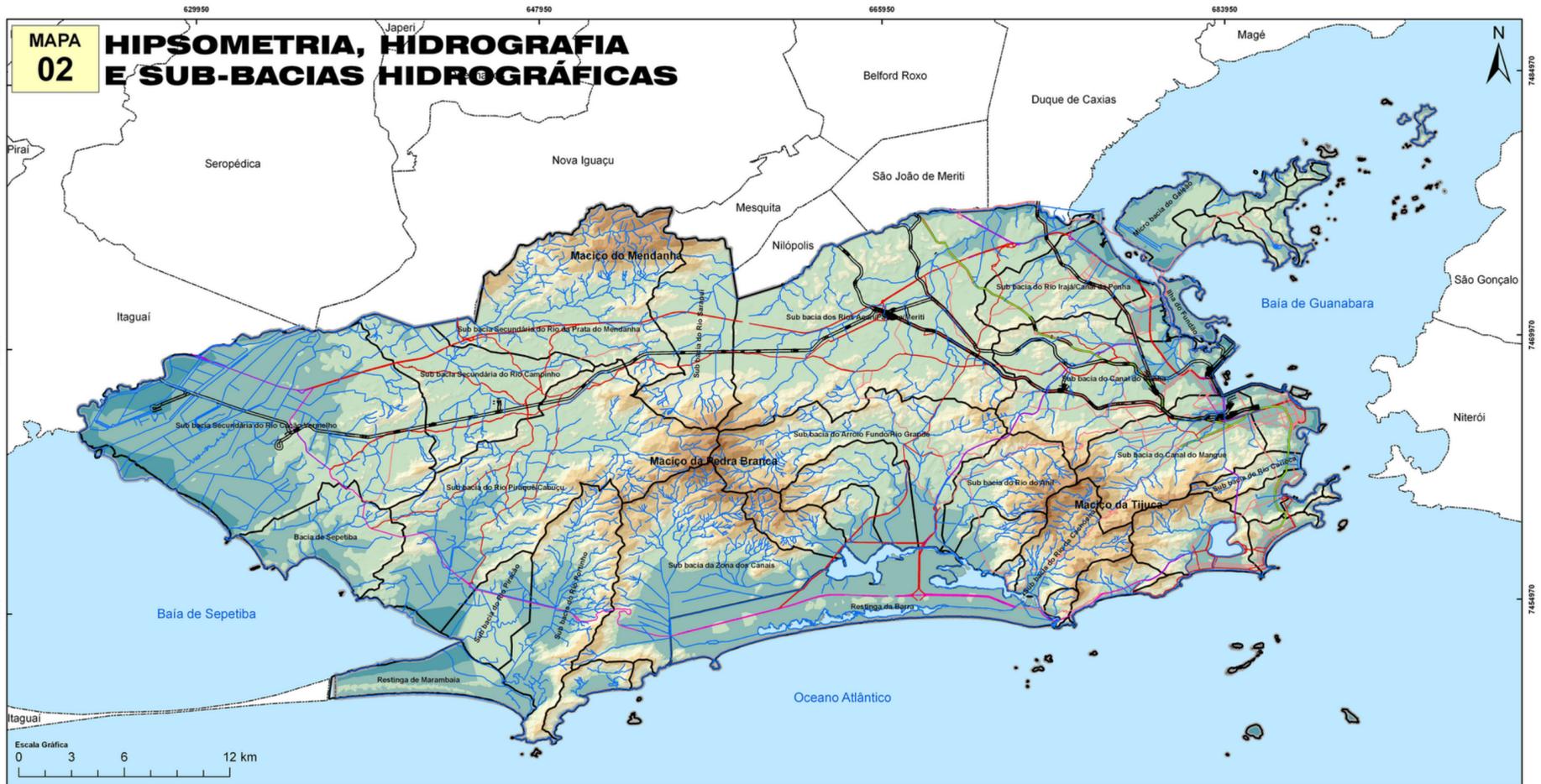
INICIANDO UMA VIAGEM
PELOS MAIS IMPORTANTES
RIOS DO RIO DE JANEIRO



É impossível falar da Cidade do Rio de Janeiro, sem lembrarmos inicialmente, da palavra que lhe constitui. A Cidade maravilhosa, desde os tempos de sua descoberta, leva o nome de um curso hídrico. Aliás, quando os colonizadores chegaram à barra da Baía de Guanabara, pelo oceano Atlântico, ao avistarem o espaço entre o Morro do Pão de Açúcar e a ponta de Jurujuba, onde se encontra hoje instalada a Fortaleza de Santa Cruz, tiveram uma impressão interessante. Certamente, para aqueles navegantes estrangeiros e intrusos, que nunca haviam chegado a essas terras cariocas, a vista realmente se assemelhava a uma foz de um grande rio, desaguardo no oceano. E até hoje, para qualquer turista que vem visitar a cidade pelo mar, antes da embarcação ingressar na Baía de Guanabara, sem nevoeiro, a impressão é a mesma. Portanto, antes mesmo da colonização da cidade, o Rio de Janeiro já nasceu com a característica de um curso hídrico. Escrever um livro que aborde os mais importantes rios da cidade, é um momento indescritível e prazeroso. Ao promover a leitura dos capítulos, o leitor, além de conhecer a natureza, destino e curso dos rios da cidade, também poderá aprender muito sobre a história desses rios que desde os tempos da fundação da cidade, garantem há séculos o abastecimento da região. Dividimos o livro em Bacias Hidrográficas e Sub-bacias, destacando os rios de maior importância hídrica para a região, como também para a drenagem das águas pluviais e também para o uso particular. Além do trabalho de pesquisa histórica, procuramos levar ao leitor, complementos e fatos históricos de algumas regiões da Cidade do Rio de Janeiro, onde esses rios já deixaram legados e impressões hoje esquecidas. Minas de ouro, cais de embarcações, pântanos encantadores, antigos aquedutos e histórias, contos e até mesmo fatos que marcaram e perpetuaram os espaços urbanos na Cidade do Rio de Janeiro, ganham especial ênfase nesta obra. Além do fator cultural, abordamos também a beleza da arquitetura e escultura do ambiente artificial de alguns chafarizes, bicas e aquedutos do Rio de Janeiro, uma cidade, sem dúvida, com espírito fluvial. *“Os rios, os lagos e lagoas além de atuarem como importantes vias de transporte, também purificavam. Cabe destacar que eles foram importantíssimos para a expansão urbana da cidade rumo à região que cobre a atual zona oeste carioca. Vários bairros como Taquara, Anil, Campo Grande, Santa Cruz, Guaratiba e Freguesia devem sua origem aos engenhos de cana-de-açúcar que se esparramavam pelo termo do município, mas o fazendo acompanhando os cursos dos rios que banhavam a região.”*¹

¹ SANTOS, Leonardo Soares dos. “O Desmanche de uma tradição: Reformas urbanas e herança medieval no Rio de Janeiro de fins do XIX”. Revista Mundo Antigo – Ano I – Volume I – Junho – 2012

MAPA 02 HIPSOMETRIA, HIDROGRAFIA E SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS



Legenda

- Ferrovia
- Metrovia
- Rodovia Arterial Principal
- Rodovia Arterial Secundária
- Rodovia Coletora
- Rodovia Especial
- Limite do Município do Rio de Janeiro
- Limite de Outros Municípios
- Canal Fluvial
- Limite de Sub-bacia Hidrográfica
- Corpo Hídrico

Hipsometria (m)

- 0 - 3
- 3,01 - 5
- 5,01 - 50
- 50,01 - 200
- 200,01 - 500
- 500,01 - 800
- 800,01 - 1.020



Plano Diretor
da Cidade do Rio de Janeiro

Sistema de Projeção Universal Transversa de Mercator (UTM)
South American Datum 1969

Fontes:
Basegeo Web, Armazem de Dados Prefeitura do Rio de Janeiro
Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE)

BACIAS HIDROGRÁFICAS DA CIDADE



MACROBACIA DA BAIJA DE GUANABARA

SUB-BACIA DO RIO CARIOCA A DESCOBERTA DO PRIMEIRO RIO

“Em 01 de janeiro de 1502 a frota depara-se com uma paisagem paradisíaca, a chamada “boca do mar”, cercada por montanhas arborizadas, os tripulantes pensavam estar mediante a foz de um rio, batizando o local com o nome de Rio de Janeiro.”²

Na verdade, alguns historiadores dizem que o Rio de Janeiro foi descoberto por Estácio de Sá, porém, o autor desta descoberta, foi, na verdade, Américo Vespúcio, que logo após o Recebimento da Carta de Pero Vaz de Caminha pelo então Rei de Portugal D. Manuel I, determinou que Vespúcio acompanhasse o navegador Gonçalo Coelho, que comandou a sua primeira viagem ao Brasil, tendo partido de Lisboa em 10 de maio de 1501.

Portanto, toda a descrição da Cidade do Rio de Janeiro nasce de uma primeira imagem detalhada por Américo Vespúcio, quando navegava pelo litoral brasileiro, rumo à Capitania de São Vicente. Logo após, Estácio de Sá, com a famosa nau “Capitania”, permanece com sua pequena esquadra ancorado na ilha redonda e do farol, (hoje, no arquipélago das Cagarras), aguardando instruções para a entrada no “Rio” de Janeiro, tendo em vista que no local os índios Tamoios, orientados e comandados por tropas francesas, estavam à espreita em suas velozes canoas para tomarem de assalto a esquadra.

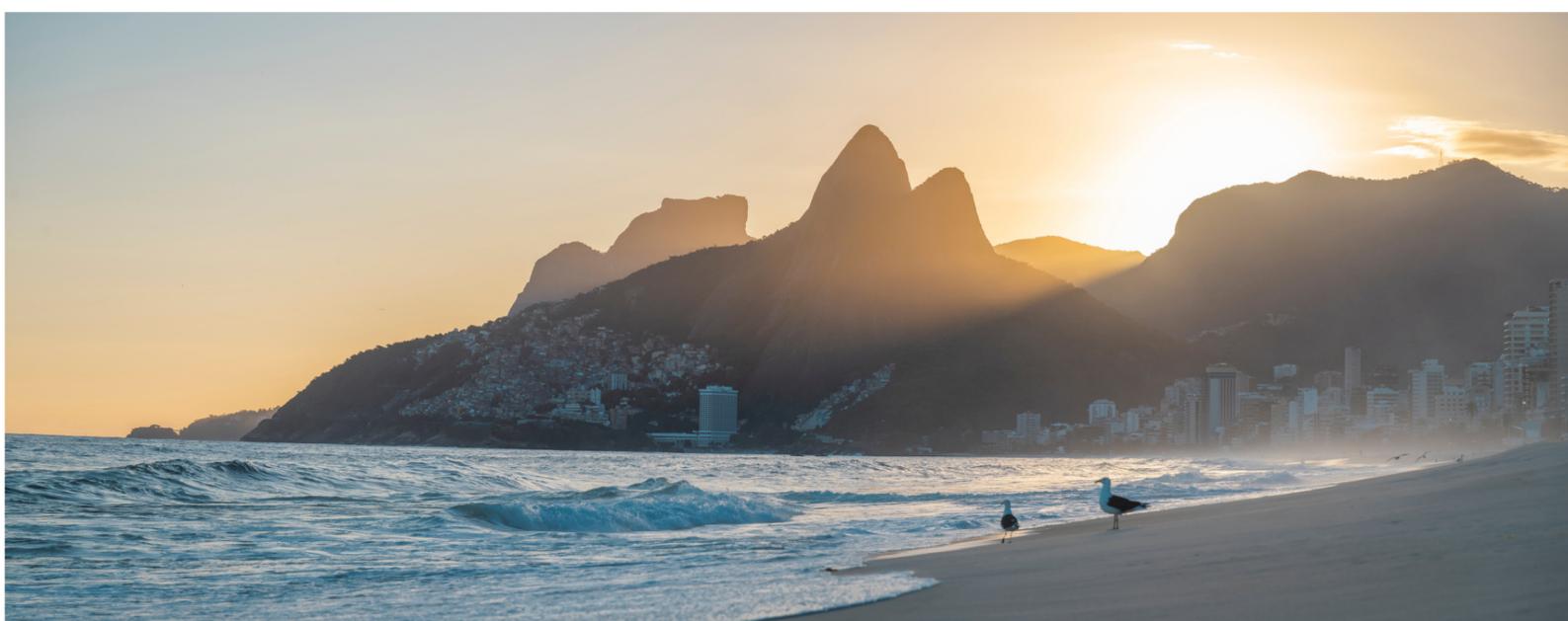
² FONTANA, Riccardo, O Brasil de Américo Vespúcio, UNB, Brasília – 1994/1995. (Tradução: Edílso Alkmim Cunha e João Pedro Mendes)

Estácio de Sá chegou ao Brasil em 1557, na esquadra do Governador com outros primos, segundo Capistrano de Abreu.⁽³⁾ Em 22 de novembro de 1559 foi nomeado capitão da galé Conceição e tomou parte na frota que deveria livrar a Guanabara da presença dos franceses, na galé sob seu comando. Esteve em São Vicente com Mem de Sá depois da tomada da fortaleza francesa e daí foi enviado ao Reino para solicitar auxílio da Coroa para a pacificação da região da Guanabara. O Governador determinou que uma pequena armada retornasse ao Rio de Janeiro, como ficasse preso ao governo das Capitanias do Norte, delegou a Estácio de Sá o comando da esquadra. A missão era "fazer povoação" no Rio de Janeiro e dela fazia parte o Ouvidor Brás Fragoso que deveria conseguir auxílio no Espírito Santo. A frota chegou à Guanabara a 6 de fevereiro de 1564, tendo conseguido no Espírito Santo ajuda do capitão-provedor Belchior de Azevedo que se incorporou à mesma e do valente cacique temiminó Martim Afonso Araribóia, juntamente com todos os seus índios, que voltavam à Guanabara depois de terem sido expulsos pelos índios Tamoios, da Ilha de Maracajá, para ajudar os portugueses na expulsão dos franceses. Os aborígenes locais, com cerca de cem canoas atacaram dois barcos, matando homens e pondo Estácio de Sá em dificuldades. O Capitão-mor achou conveniente não se instalar em terra firme, onde a defesa era difícil. Escolheu uma língua de terra entre o Morro Cara de Cão e os penedos do Pão de Açúcar e da Urca, onde seria mais tarde o istmo da península de São João, para erguer a cerca modesta que seria o núcleo inicial de uma grande cidade futura."³

³ DE VARNHAGEN Francisco Adolfo, Visconde de Porto Seguro. História Geral do Brasil. 10a ed., vol I, tomo I, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1978, pág. 324.

Assim, os registros históricos comprovam que o verdadeiro descobridor da grande foz do Rio de Janeiro, atual barra da Baía de Guanabara, foi, na verdade, Américo Vespúcio, conduzido pela esquadra de Gonçalo Coelho, em 01 de Janeiro de 1502. Posteriormente, em 1565, a cidade foi oficialmente fundada por Estácio de Sá no dia 01 de Março deste mesmo ano.

Esta pequena descrição histórica, nos leva a um início de aventura pelos rios da Cidade do Rio de Janeiro. À começar pelo Rio que levou o apelido de "carioca", rio este que, hoje, possui inúmeros conflitos etimológicos e conceituais, mas que ainda está desafiando as ações de saneamento ambiental da cidade.



O RIO CARIÓCA

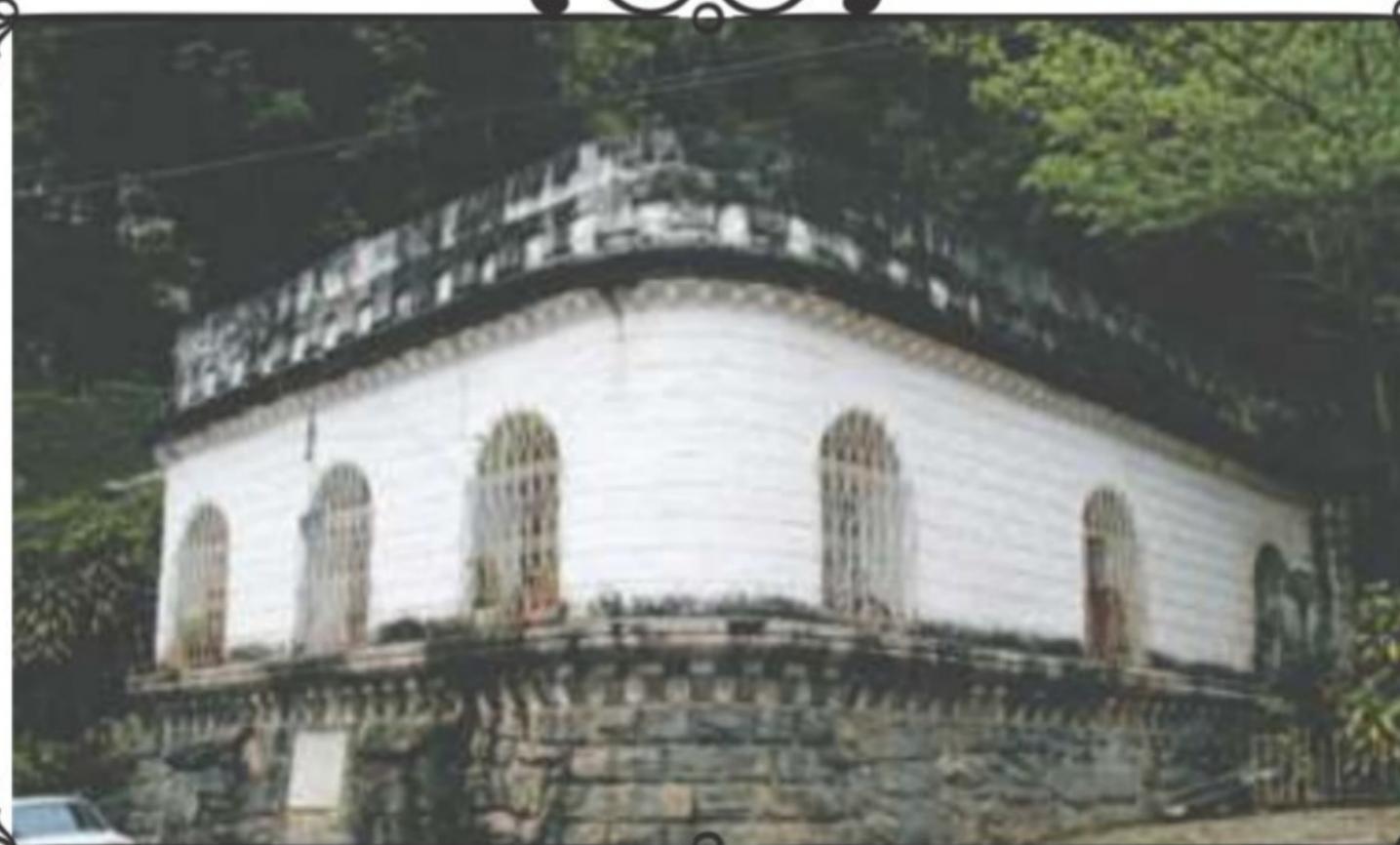
O primeiro de muitos outros rios da cidade, o Rio Carioca foi descoberto ainda no período inicial da colonização do Rio de Janeiro, principalmente por manter a sua foz nas proximidades do istmo, localizado entre os morros Cara de Cão e do Pão de Açúcar, já nas proximidades das enseadas de Botafogo e Flamengo.

O Rio Carioca, hoje representa uma pequena sub-bacia contribuinte da Baía de Guanabara, com uma área de 7,9km², extensão de 7,1 km e vazão total em tempo seco de 575 L/s. Nasce nas Paineiras, próximo à Estrada do Sumaré, na Serra da Carioca, pertencente ao Maciço da Tijuca, precisamente na Serra da Carioca nas proximidades da Estrada das Paineiras, próximo ao estacionamento do Corcovado. Recebe as águas do **Rio Paineiras e do Rio das Velhas**, em ambiente bucólico, amplamente visitado pelos moradores e turistas. Neste local, ainda podemos encontrar um piscina antiga do Rio das Velhas que na verdade representa a primeira represa de controle de vazão do Rio Carioca. (Figura 2). Na Rua Almirante Alexandrino, entre a Estrada Joaquim Mamede e Rua Professor Mauriti Santos, ao lado direito de quem sobe, podemos encontrar o **Rio Chororó**, que desce pela vertente do Silvestre, descendo a Rua Indiana, até a sua foz, no **Rio Carioca**, entre as ruas Cosme Velho e Guararapes. Na rua Almirante Alexandrino - outrora rua do Aqueduto - no Morro do Inglês, estão o Reservatório da Ladeira do Ascurra e a caixa de derivação, datados de 1868 e 1744, respectivamente (de onde as águas eram conduzidas para o Aqueduto da Carioca a fim de abastecer os moradores da cidade. Seculares, estas estruturas encontram-se atualmente em estado precário de conservação. O reservatório encontra-se escondido por matagal.⁴

As fotos a seguir demonstram o atual estado de conservação destes importantes espaços que, hoje, estão totalmente escondidos pela vegetação, mas já foram importantes centros de abastecimento da Cidade do Rio de Janeiro.



Represa de Controle de Vazão (Rio Carioca) – Paineiras



Reservatório da Ladeira do Ascurra (Recebia água do Rio Carioca e derivações do Morro do Inglês e a destinava aos bairros de Cosme Velho e Laranjeiras, – I há uma caixa de derivação para o Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa). A água seguia pela antiga rua do Aqueduto, atual Almirante Alexandrino, passava pelo Aqueduto e terminava no Chafariz da Carioca)

Mais abaixo, já na altura do final da Ladeira do Ascurra, encontraremos o **Rio Silvestre**, que desce por ela até encontrar a sua foz no Rio Carioca, na altura da Ladeira, na esquina com a Rua Cosme Velho nas proximidades do Terminal de ônibus. Neste ponto, há uma área em que o **Rio Carioca** está exposto. A história do Rio Carioca não se limita aos arredores de sua nascente, e tampouco à sua foz. Na verdade, este rio, foi um dos mais importantes na colonização da cidade, principalmente em razão da presença de inúmeras lagoas e lagunas salobras nas várzeas e baixadas do Rio, fato que transformava a escassez dos recursos hídricos em uma importante demanda pela construção de aquedutos e caminhos para as águas doces com padrões de consumo humano. A famosa Vila Velha (primeiro nome dado à Cidade do Rio) não tinha condições de abastecimento hídrico. Até mesmo os poços perfurados pelos portugueses, franceses e índios no local, não atendiam à demanda existente. A água era extremamente salobra e impossível de se consumir, apesar dos índios Tamoyos afirmarem que as águas do Rio Carioca trazia a virilidade aos homens e beleza às mulheres.

Diante de tal dificuldade, a tendência foi percorrer a orla da Baía de Guanabara, pela praia do Flamengo até a Ponta do Boqueirão, (hoje, na cabeceira da pista do Aeroporto Santos Dumont) ou praia de Santa Luzia (atual Avenida Presidente Antônio Carlos).

Como a colonização da cidade se dirigiu para as proximidades e arredores do Morro do Castelo, local onde estava situado a Igreja dos Jesuítas e também um dos primeiros e mais importantes núcleos de ocupação urbana na cidade, tornou-se necessária a criação de um caminho que pudesse chegar até a Foz do Rio Carioca, localizado na Praia do Flamengo. A solução foi construir um caminho entre as duas principais e fétidas lagoas da nova cidade, (lagoa de Santo Antônio e Lagoa do Boqueirão). A primeira situada entre o Largo da Carioca e o Morro de Santo Antônio, onde hoje está localizada a estação dos Bondes de Santa Teresa, e a segunda, totalmente aterrada para a construção do Passeio Público. Entre estas duas lagoas, foi criado um caminho até a foz do Rio Carioca, iniciando uma jornada exploratória e colonizadora em direção à Zona Sul da Cidade. A antiga Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga, está construída sobre este caminho e pode representar parte desta jornada em busca da água limpa e consumível. Por este caminho, muitos "Aguadeiros" percorreram à pé ou no lombo de mulas conduzindo as águas do Rio Carioca, até a região central da cidade. Este caminho e esta atividade terminaram com a construção do Aqueduto da Carioca, atual Arcos da Lapa.⁵

De outra sorte, alguns outros caminhos foram traçados, bem como algumas lagunas foram aterradas, e por mais uma vez, o Rio Carioca foi um dos mais importantes rios a influir no traçado urbanístico da Cidade do Rio de Janeiro.



*Rio Carioca, no Largo do Boticário – Cosme Velho – ainda exposto, sem ser canalizado.
(FONTE: Google Earth)*

⁵ “A presença da floresta também se fazia sentir através do abastecimento de água, calcado nas nascentes e rios que desciam das encostas florestadas. Ainda em 1673, teve início a construção de um aqueduto para trazer água das montanhas. Este movimento foi aperfeiçoado, em 1741-50, com a construção dos Arcos da Lapa, um outro ícone da paisagem cultural carioca.” (PÁDUA, José Augusto. In A FLORESTA DA TIJUCA NA HISTÓRIA I: Geografia e Carisma. Disponível em <http://www.oeco.org.br/colunas/jose-augusto-padua/17230-oeco-19200/> acesso: 21.10.2016 ”



Foz do Rio Carioca na Praia do Flamengo. (FONTE: Google Earth)



Ô RIO CATETE

Um braço do Carioca que se perdeu

Se observarmos a figura abaixo, vamos identificar o traçado e curso do Rio Carioca, que neste mapa é chamado de "Rio Catete", que, na verdade, constituía um afluente do Rio Carioca, que, nas imediações da atual Rua Conde de Baependi, no bairro do Flamengo, derivava em sentido norte, rumo à praia da Glória, criando um grande brejo próximo ao, hoje, Largo do Machado e descendo em seguida à rua que leva o seu nome, desaguando logo após na praia do Russel, na Glória.



Plano da Cidade do Rio de Janeiro, séc. XVII, traçado em Destaque para a área em vermelho, onde podemos localizar o "Rio Catete" e sua derivação para a praia do Russel, na Glória.⁶

⁶ Arquivos da Fundação Biblioteca Nacional.

O nome "catete" é originário da língua tupi e significa "água de mata verdadeira", através da junção dos termos ka'a ("mata"), eté ("verdadeiro") e ty ("água").

Relatos muito antigos que descrevem as batalhas entre portugueses e franceses (que lutavam com o auxílio dos índios Tamoios), já se referem ao Catete de uma maneira corriqueira. O local era habitado pelos índios da aldeia Uruçumirim (Uruçu=Abelha; Mirim=pequeno), chefiada por Biraçu Merin.⁷

Durante o governo de Antônio Salema, foi construída uma ponte (a primeira da cidade) sobre o Rio Carioca na altura da atual Praça José de Alencar - a Ponte do Catete. O Caminho do Catete seguia até a Praia de Botafogo.

Ao longo do então chamado Caminho do Catete havia um braço do Rio Carioca, o Rio Catete, que corria paralelamente. Este rio desaguava na Praia do Russel, na Glória, onde hoje se localiza a Rua do Russel. O Rio Catete logo foi aterrado, a exemplo da Praia do Russel, durante a construção da Avenida Beira-Mar, no início do século XX.

A partir do século XVIII, várias chácaras se estabeleceram ao longo deste caminho, bem como algumas olarias. À medida que a cidade crescia, algumas mansões se estabeleciam ao longo do caminho, que passaria a ser chamado Estrada do Catete.

A fama do Rio Catete cresceu ainda mais quando o então Marquês de Sapucaí ficou responsável pelo controle da passagem de veículos e de pedestres sobre a famosa ponte, que atravessava o Rio Carioca, seguindo o curso do Rio Catete.

"O Decreto imperial de 20 de dezembro de 1841, referendado pelo Ministro Cândido Araújo Viana, futuro Marquês de Sapucaí, que autorizava a cobrança e punha guardas à disposição da companhia para garantir, se necessária, seus cobradores fixaram realmente em 40 réis a taxa para animal cavalariço, muar ou vacum, com carga ou sem ela, ou movendo qualquer transporte, que fosse de eixo móvel ou fixo, na roda - dessa maneira desobrigando dela a generalidade dos pedestres na sua maioria, por certo, gente sem recursos para tão caro pedágio..."⁸

⁷ <http://rjbhistoria.blogspot.com.br/2011/11/rio-de-janeiro-especial.html#ruas>

⁸ BRASIL. Gerson. História dos Subúrbios. Botafogo. Pág. 15. Depto. De História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal

SUB BÁCIA DE BOTAFOGO

RIOS BERQUÓ E BANANA PODRE – Navegar é preciso, nas águas de Botafogo

“Uns deixaram seus nomes na geografia e na história, e eles eram o Berquó e o Banana Podre, ainda navegáveis em canoas quando os engordava o mau tempo, há um século. Outros eram pobres fios de água anônimos, mas as dificuldades que causavam ao trânsito de pedestres e carruagens não eram menores, porque também exigiam que sobre eles se colocassem pontes ou pontilhões.”⁹

Falar um pouco dos rios do Bairro de Botafogo é uma tarefa quase impossível, sem promovermos a citação de títulos de nobreza, nomes importantes e personalidades de grande destaque na história da Cidade do Rio de Janeiro.

Este lugar, tão aprazível para a nobreza do século XIX e tão bucólico para os senhores das grandes chácaras da localidade, dependia exclusivamente de dois grandes rios da região. O Rio Berquó, que nascia na vertente do morro de São João e desaguava na Baía de Guanabara, e o Banana Podre, que nascia no alto do maciço do Corcovado, recebia contribuições de riachos da Rua Icatu, Rua Viúva Lacerda e do morro Dona Marta e em traçado sinuoso, se dirigia à sua foz, na Baía de Guanabara, na altura do Mourisco, onde também fica a foz do Rio Berquó. Ambos os Rios ainda estão plenamente em atividade, porém, totalmente canalizados.

⁹ Apud BRASIL, Gérson. História dos subúrbios – Botafogo – Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal. Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

“Terras pouco habitadas e mal cultivadas, atravessam- nas dois rios, o Berquó e o Banana Podre. O primeiro dêles descia do morro de São João ou da Saudade e desaguava onde depois os clubes de regatas Botafogo e Guanabara construiriam seus pavilhões e o segundo, procedente do Corcovado, ia à procura do mar, onde o Conselheiro José Bernardo Figueiredo teria sua vasta chácara, perto da hoje Marquês de Olinda. (...) Uns deixaram seus nomes na geografia e na história, e eles eram o Berquó e o Banana Podre, ainda navegáveis em canoas quando os engordava o mau tempo, há um século. Outros eram pobres fios de água anônimos, mas as dificuldades que causavam ao trânsito de pedestres e carruagens não eram menores, porque também exigiam que sobre êles se colocassem pontes ou pontilhões.”¹⁰

O Bairro de Botafogo, no início do século XIX, ganhou um destaque especial pela presença de inúmeras autoridades da época. Já no seiscentismo, a nobreza percorria os sinuosos caminhos do bairro, principalmente às margens dos seus dois principais rios, o Berquó e o Banana Podre. Com a fundação do Engenho de Açúcar do Rei, na Gávea, e ainda a Fábrica de Pólvora da Corte, hoje localizada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o local passou a ser de grande atração para os nobres da cidade. O primeiro caminho criado, em direção a estas fábricas, foi o de São Clemente, criado na fazenda, de mesmo nome em homenagem ao Dr. Clemente Martins de Matos, vigário- geral do Rio de Janeiro, que possuía no seu interior, um pequena capela erguida por devoção ao Santo do mesmo nome. No Bairro também residiram importantes representantes da família real como Dona Carlota Joaquina e seu mal humor que lhe era peculiar, em um famoso casarão, na esquina da Rua Marquês de Abrantes com Praia de Botafogo, à beira mar, além da residência na Rua das Laranjeiras, na famosa “Casa da Rainha”, atual Parque Guinle. O Rio Berquó, no início da formação da cidade, concorreu, inclusive com o famoso Rio Carioca, em nível de importância. Porém cada um com suas peculiaridades. O Carioca, para abastecimento e saneamento. E o Berquó, para a infra estrutura e até mesmo para navegação até as glebas do entorno da laguna de Sacopenapã, atual Rodrigo de Freitas.¹¹

Antes da sua canalização, o Berquó percorria as glebas da Fazenda Clemente e auxiliou no traçado da atual Rua Álvaro Ramos, conhecida naquela época por “Caminho do bergó”. O Berquó, até hoje, segue subterrâneo pela Álvaro Ramos até a sua foz na Praia de Botafogo. Ainda podemos encontrar parte da calha de um de seus contribuintes, ainda a descoberto, no interior de uma sepultura no Cemitério de São João Batista. Porém, somente consultando a administração do cemitério é que podemos ser levados até o local. Na verdade o rio continua submerso, escondido pelas lápides eternas do São Joao Batista. Graças ao Sr. Geraldo Magela, coveiro do local há mais de 30 anos, conseguimos localizar o Berquó, ainda com águas límpidas, hoje utilizadas para a limpeza manual das lápides e sepulturas.



Rio Berquó, no interior do Cemitério de S. João Batista. (fotos do autor)

¹¹ **Berquó** – Nasce nas encostas que se erguem em direção ao Corcovado, em Botafogo, e no mesmo bairro deságua no mar. Na maré cheia, canoas e faluas o subiam por uma extensão superior a um quilômetro, até a altura da atual rua Real Grandeza, na localidade chamada Olaria. Em meados da década de 1870, começou sua retificação. Entre 1903 e 1906, foi canalizado, por ordem do prefeito Pereira Passos. Hoje, é um rio subterrâneo.

Banana Podre – Tem nascentes nos mesmos lugares do Berquó. Mais meandroso que o outro, não era tão favorável à navegação. Também foi confinado ao subsolo por ordem de Pereira Passos.

Originalmente, antes de chegar ao mar passava pela Lagoa de Dona Carlota, aterrada. (FERREIRA, Jorge de Faria, **Rios**. “Em maior ou menor medida, todos os rios da Guanabara sofreram degradação e drásticas intervenções, como a retificação dos cursos, o que acelera a correnteza e contribui para o arrasto de sedimentos.” In <http://www.portalbaiadeguanabara.org.br/portal/especiais/item/56-rios?tmpl=component&print=1>



*Foz dos Rios Berquó e Banana Podre, na Baía de Guanabara – Praia de Botafogo.
(fotos do autor)*

Já o Banana Podre tinha o curso extremamente sinuoso, uma vez que percorria as encostas do morro do corcovado, pelo interior das chácaras e casarões que ali se encontravam, principalmente os fundos da Rua São Clemente. Em alguns pontos, o Banana Podre impedia, inclusive o acesso dos moradores às suas residências. A atual rua Marquês de Olinda ficava literalmente intransitável durante as cheias do Banana Podre, fato que levou o então famoso Dr. Carlos Fernandes Eiras a solicitar a construção de uma ponte de madeira e instalação de trilhos para auxílio à composição e mobília de sua clínica, instalada ao final desta rua, local onde até hoje podemos encontrar o famoso Chalé Olinda, muito frequentado pela Princesa Isabel.

Podemos ainda localizar a nascente do Rio Banana Podre, no alto da Rua Icatu, no bairro de Humaitá. Ali, iremos ainda encontrar o Banana Podre com suas águas um pouco limpas, e recebendo muita carga de esgotos clandestinos durante o seu curso, além de contribuições de galerias pluviais, seguindo, canalizado por todo o trecho até a sua foz, na praia de Botafogo, juntamente com o rio Berquó.

SUB-BACIA DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS

RIO DOS MACACOS, EX- PAU GRANDE.

Um dos mais famosos rios da Zona sul da Cidade, ainda está, em sua maior parte, a céu aberto, somente sendo canalizado pela galeria do Jôquei Clube e Lagoa Rodrigo de Freitas, local de sua foz. Este rio recebe contribuição de diversos outros tributários, localizados no maciço da Tijuca.

Segundo informações colhidas no site "Armazém dos dados" do Instituto Pereira Passos, na região da lagoa Rodrigo de Freitas.



"No século XVI, após sua posse, em 1571, o governador Cristóvão de Barros funda o Engenho d'El Rey, no local onde atualmente se encontra o Jardim Botânico, às margens de uma lagoa de águas salobras conhecida pelo nome indígena Çapôpenypau, que significa "lagoa das raízes chatas". No século XVII, a vasta região é dividida em dois outros engenhos, o de Nossa Senhora da Cabeça e o de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Em 1611, Sebastião Fagundes passa para seu genro, Rodrigo de Freitas Mello e Castro, o Engenho de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, cujos herdeiros conservam a posse das terras até o início do século XIX. O belo espelho d'água cercado por morros ganha então a sua atual denominação - Lagoa Rodrigo de Freitas.

Durante mais de dois séculos, a propriedade permanece com os herdeiros de Rodrigo de Freitas.”¹²

E foi exatamente nesta bacia hidrográfica que o Rio dos Macacos valeu de grande contribuinte para o desenvolvimento local. Inicialmente, nos séculos XVI a XVII, valeu de importante contribuinte para a irrigação dos engenhos de cana de açúcar. Em seguida, após a chegada da família real no século XIX, valeu de abastecimento hídrico para as residências locais e ainda para as indústrias têxteis que já no século XX se instalaram nas suas cercanias.

“A região do Horto conhecida como Chácara do Algodão abrigou duas importantes fábricas de tecido e a Companhia de Saneamento. Antes da industrialização da cidade e do local, a região abrigava algumas chácaras de plantação de algodão, daí ter sido batizada com esse nome. Inicialmente rural e aos poucos se industrializando, a região possui como fio condutor de sua história o algodão e a confecção têxtil.



Entrada da Fábrica Carioca
Antiga Companhia América Fabril

Em 1890 foi fundada a Companhia de Fiação e tecelagem Carioca, mais conhecida como Fábrica Carioca e em 1920 a América Fabril, uma instituição de maior porte e mais nacional comprou a primeira. Também na região da Chácara de Algodão funcionou a Companhia de Saneamento desde 1889. Havia duas vilas operárias diferentes: a vila dos operários da Fábrica Carioca, composta por 132 casa em 1921, e a Vila Sauer, de propriedade da Companhia de Saneamento, cuja construção se iniciou em 1891 e se compunha por 89 casas para famílias operárias e 22 cômodos para solteiros, estes situados em um mesmo prédio da rua Abreu Fialho.

¹² MIGUEZ Marcelo Gomes at. All. In “INTERAÇÕES ENTRE O RIO DOS MACACOS E A LAGOA RODRIGO DE FREITAS SOB A ÓTICA DOS PROBLEMAS DE DRENAGEM URBANA E AÇÕES INTEGRADAS DE REVITALIZAÇÃO AMBIENTAL.” Oecol. Aust., 16(3): 615-650, 2012 Oecologia Australis 16(3): 615-650, Setembro 2012.

Quando a América Fabril comprou a Fábrica Carioca de Tecidos, incorporou também a Vila Sauer. Assim, na década de 1920, todo o casario operário do Horto passou à propriedade da América Fabril. Porém as terras da região eram, e ainda são, da União. As vilas operárias situavam-se onde hoje se encontram as ruas Abreu Fialho, Caminhoá, Estella, Pacheco Leão, Fernando Magalhães, Alberto Ribeiro e Mestre Joviniano.”¹³

O Rio dos Macacos, possui 4.46 Km de extensão e compõe o vale do mesmo nome, localizado nas encostas das Serra da Carioca, sendo sua nascente no morro da Vista Chinesa. Era chamado àquela época de rio do Pau Grande desde sua nascente, só recebendo o nome de rio dos Macacos quando banhava a fazenda Macaco, que se localizava no Horto. Já no interior do Jardim Botânico, iremos encontrar um outro contribuinte do Macacos, o Riacho do Iglesias, que nasce na Vista Chinesa, desce o Maciço da Tijuca, e é conduzido por um aqueduto, intitulado Aqueduto da Levada, construído por escravos, para abastecer o antigo Engenho Del Rey e, posteriormente, para abastecer a antiga Fábrica de Pólvora. Atualmente o riacho irriga as instalações do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, conjuntamente com os Córregos do Xaxim, do Ouriço e o Riacho do Pai Ricardo, todos contribuintes do Macacos.

Em razão de sua declividade brusca, constitui um grande contribuinte da sub-bacia hidrográfica da Lagoa Rodrigo de Freitas. Ainda no alto da Serra, o Rio dos Macacos recebe a contribuição de vários córregos pela sua margem esquerda, e a especial contribuição de seu maior tributário, o **Rio Cabeça**.

Um outro importante contribuinte do Rio dos Macacos é o Canal do Jóquei, que recolhe parte das águas do Rio Rainha, com nascente também entre os morros do Alto da Boa Vista, e da Gávea, desce a vertente do morro do Cochrane, passa pelos jardins da Pontifícia Universidade Católica (PUC), na Gávea. Parte de suas águas são destinadas ao Canal da Rua Visconde de Albuquerque e outra parte para o Canal do Jóquei Clube. Estas águas terminam por desaguar no Rio dos Macacos, na Rua General Garzon, quase esquina com a Avenida Borges de Medeiros. Daí em seguida, sua vazão é controlada por uma comporta instalada em sua foz, no final do canal da General Garzon.

Este rio até hoje guarda importantes peculiaridades. Além de ser o mais importante na drenagem das águas pluviais da bacia, foi um dos responsáveis pelas maiores enchentes da idade, chegando, inclusive a rivalizar em altura de lâmina d'água com a região da Praça da Bandeira. As fotos emblemáticas das águas ultrapassando os gradis do Jardim Botânico, legaram ao local o nome de "penico da Cidade", em razão das constantes chuvas orogênicas, provocadas, naturalmente pelo maciço da Tijuca, e, em especial, a grande elevação do morro do Corcovado e adjacências. (mais de 600m).



Rio dos Macacos, no Interior do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Foto Google)

RIO CABEÇA

Outro curso hídrico que às vezes, no corre-corre de nosso dia a dia, deixamos passar sem perceber a sua importância para a cidade. O Rio Cabeça nasce na serra do Alto da Boa Vista e desce a vertente do Morro das Paineiras, até a sua foz, no Rio dos Macacos. Na verdade, o Rio Cabeça é drenado por galerias subterrâneas na sua parte mais baixa da bacia, já na altura da Rua Jardim Botânico, e conduzido até os canais abertos das Ruas Lineu de Paula Machado e Batista da Costa, quando, enfim, é canalizado, também de forma aberta, até o Rio dos Macacos.



Rio Cabeça, canal na Esquina da Rua Jardim Botânico.

RIO DO ALGODÃO

Ao final da Lopes Quintas, seguindo pela Visconde de Itaúna à esquerda e à primeira à direita, na Rua Sara Vilela, ao final, iremos encontrar a famosa Cachoeira dos Primatas, na verdade o leito do **Rio do Algodão**, que, mais abaixo, desaguará no Canal da Rua Lineu de Paula Machado, juntamente com o Rio Cabeça.

Para quem sobe pela Rua Pacheco Leão até o final e à direita segue em direção ao Parque Nacional da Tijuca pela Rua Dona Castorina, encontrará à direita, logo na primeira curva da Dona Castorina, uma ponte sobre o Rio dos Macacos e, na próxima curva, à direita, uma trilha que nos levará à famosa cachoeira do Horto e à Cachoeira do Chuveiro. Ambas integrantes do nosso tão estimado Rio dos Macacos. No local, encontraremos um antigo reservatório da CEDAE, que retifica o Rio, desviando o seu curso até novamente vir a descoberto, no interior das instalações do Jardim Botânico, percorrendo o arboreto até a ponte de Tábuas, quando é coberto por uma galeria até a Rua General Garzon. O nome Ponte de Tábuas deriva de uma planta típica de áreas alagadiças, várzeas e manguezais, denominada "taboa" (*Typha domingensis*), pois na época de abertura do caminho que levava a família Real da praia de Botafogo até a Fábrica de Pólvora, onde então os Rios Cabeça e Macacos cruzavam o caminho. Tendo sido montada uma ponte com esta planta, que produz um material bastante resistente ao tráfego de pessoas. Mais á frente, a ponte foi reforçada para a ligação do caminho com bondes, ainda conduzidos por mulas.¹⁴

¹⁴ GOUVEIA, Maria Teresa. Rio dos Macacos: paisagens e personagens de um rio / Maria Teresa Gouveia. - Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2007.

RIO RAINHA

antes RIO BRANCO

Outro também muito procurado para pesquisas e história é o Rio Rainha, que constitui um importante contribuinte da microbacia do rio dos Macacos. Sua nascente está situada na Ponta das Andorinhas, um dos picos da Serra da Carioca, no Maciço da Tijuca. Seu curso corta o Bairro da Gávea e deságua no canal da Avenida Visconde de Albuquerque, no Leblon. O trajeto do curso do Rainha já foi outro. O Rio Rainha, que por ironia do destino, já foi chamado de Rio Branco, quando desembocava na Lagoa Rodrigues de Freitas, passando por toda área de mangue que era o terreno da PUC-Rio. No governo do Prefeito Carlos Sampaio, em 1920, foram feitas canalizações dos rios da Serra da Carioca e seu destino passou a ser o canal do Leblon.

Ainda pode ser visto em estado natural nos fundos das residências da Marquês de São Vicente, desde a Escola Americana até chegar aos jardins do campus da PUC, seguindo, a céu aberto, até o canal da Rua Visconde de Albuquerque, no Leblon.



Rio Rainha, em curso aberto, no interior do campus da PUC-Rio - Gávea.

SUB-BACIA DO CANAL DO MANGUE

O RIO PAPA COUVES, sob os passos do samba na Sapucaí.

Quem poderia imaginar que sob a Avenida Marquês de Sapucaí, a internacionalmente famosa Passarela do Samba, há um rio que já foi de grande importância para a colonização e ocupação da Cidade do Rio de Janeiro? Isso mesmo, embaixo da Sapucaí corre o Rio Papa Couves, que juntamente com o Rio Catumbi e Coqueiros, desce as vertentes da Serra da Carioca e desagua em sua foz, no Canal do Mangue.

Residir no bairro do Catumbi era uma proeza para poucos, pois o local era habitado, pela nata da sociedade dos séculos XVIII e XIX, tendo em vista que a região era próspera na produção de engenhos de açúcar e a lavoura também era servida pelas águas dos Rios Catumbi, Papa Couve e Coqueiros. O Catumbi foi um rio de grande importância, na língua Tupy significa "água do mato escuro ou rio sombreado"¹⁵, certamente em razão da formação geográfica do vale do Catumbi. Sua nascente estava situada no Morro de Paula Mattos, no bairro de Santa Teresa, na vertente para o Bairro do Catumbi. Hoje, em razão das obras dos Governadores Carlos Lacerda, Negrão de Lima e Chagas Freitas, a região foi literalmente cortada pela construção do Viaduto 31 de Março, que liga o Túnel Santa Bárbara ao

¹⁵ "Na linguagem indígena Catumbi significa rio na sombra ou sombreado.7 Entretanto, segundo Agenor Lopes de Oliveira, autor da Toponímia Carioca editado em 1935, o termo Catumbi seria uma corruptela (palavra que, por abuso, se escreve ou pronuncia erradamente) de catú-huú-ybyi, ou "atoleiro muito fundo", formado pelos elementos catú - "muito", huú - "lameiro, lodo, detritos" e ybyi - "oco, côncavo, seco". O escritor Brasil Gerson, renomado historiador do Rio de Janeiro e famoso pelo livro Histórias das ruas do Rio, relata uma importante citação do naturalista austríaco João Emanuel Pohl que veio ao Brasil na comitiva da Imperatriz Leopoldina, e afirmava que o bairro do Catumbi era um dos lugares mais insalubres da cidade. "Com o ar úmido que se origina em março, época dos aguaceiros, e que penetra na roupa e cobre de ferrugem os artigos de ferro e aço" – escrevia o austríaco na sua viagem traduzida por Teodoro Cabral e editada pelo INI – "é preciso ter cautela com os resfriados, especialmente no subúrbio de Catumbi no mangal de São Diogo". (MATOS, Mauro. Catumbi, um bairro do tempo do império. 2005. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.)

Bairro de Santo Cristo. Durante estas obras, a região foi totalmente devastada, muitas residências destruídas e um histórico de um legado cultural foram perdidos. Alguns cursos hídricos foram literalmente cortados ao meio pelas obras de urbanização, dentre estes, o Rio Catumbi, que nascia na vertente do morro de Paula Mattos, no atual bairro de Santa Tereza, e encontrava o Rio Papa Couves, no vale do Catumbi. Daí em frente, nomeia-se como Catumbi e prossegue até o Canal do Mangue. A região era tomada por áreas úmidas, principalmente em razão da alta concentração de águas das vertentes da Serra da Carioca. O local era, inclusive, segundo os moradores mais antigos do local, denominado de “Zona do Agrião”, em razão das várzeas de seu entorno.

O Rio Catumbi, apesar de hoje não mais ser visto, já foi um rio de grande importância, a partir de meados do Século XVIII. Este rio fez parte das obras de saneamento, realizada pelo Militar Paulo Fernandes Vianna, que foi responsável por diversas obras de grande importância para o saneamento da Cidade. Uma de suas maiores obras foi a construção do Aqueduto do Catumbi, que retirava água da “Cova da Onça”, atual rua Barão de Petrópolis, no Rio Comprido, e a levava até o Chafariz do Lagarto, e ao Chafariz do Catumbi, ambos instalados, até hoje, na Rua Frei Caneca, em frente ao Batalhão de Choque da Polícia Militar e ao lado do Sambódromo.¹⁶

¹⁶ “No encanamento de Maracanã fazem-se indispensáveis dois reservatórios, no lugar de Catumbi, para que grande parte da população desta cidade não continue a beber uma água carregada de goma de argila e de muitos outros corpos heterogêneos e pesados, que, pelo contínuo movimento das águas, não podem precipitar-se; cada um destes reservatórios deve ter cinco braças de comprimento, 2 ½ de altura e 12 palmos de largura, tudo pela parte interna, a fim de dar capacidade para 9.792 pés cúbicos d'água, ou 14.688 barris, quantidade maior, que o fornecimento de dois dias para suprimento do chafariz de Catumbi e Campo (Lavadeira); a despesa com esta obra calculada em 8:088\$; a construção porém do seu encanamento sobe a 436:590\$, ou, sendo o conduto feito de chumbo, a 323:500\$000. Durante o ano de 1839, no encanamento do Maracanã, fizeram-se 3.570 pés cúbicos de escavações; de alicerces e sapatas 1.290; de muralhas 9.641, de pegões 1505, de meio fio 500 palmos, de emboço 4.059, de reboques 3.870, de cobertura de lajes de alvenaria 310, de bordadura 2.454 palmos quadrados; assentaram-se 277, que formarão de novo encanamento 554 palmos e tijolos de ladrilho 1.136; fez-se um grande tanque para depósito das areias no Rio Comprido e dois arcos circulares com 11 palmos de corda e quatro de altura; desobstruíram-se 3.224 pés cúbicos de diferentes desmoronamentos; assentaram-se 175 calhas de madeira, tendo cada uma 20 palmos de comprimento; 76 pontaletes, 62 travessões, 34 grades, diversos gatos e pau de prumo; calafetaram-se e brearam-se por fora 157 calhas e 97 escarvas; assentaram-se 168 tábuas de passadiço, repararam-se algumas calhas e todas elas, bem como o madeiramento respectivo, foram alcatroados: finalmente concertou-se o madeiramento das águas férreas” (Relatório Assis Coelho). (CORRÊA, magalhães. Terra Carioca. Coleção Memória do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. 170. 1935. Rio de Janeiro. Brasil

Atualmente o Rio Catumbi é constituído de águas pluviais drenadas pelas ladeiras do morro de Paula Mattos, e das águas do Rio Papa Couve, que atingem as galerias pluviais do Rio Catumbi, sob a atual rua do mesmo nome. Na verdade, após diversas obras de urbanização no bairro, que foi cortado pela passagem de um viaduto e abertura do Túnel Santa Bárbara, o Rio Catumbi perdeu a sua fama e o Papa Couves, assume o seu lugar até hoje. O Papa Couves nasce na Serra da Carioca, e desce pelas Rua Navarro e Itapiru, seguindo canalizado sob a Rua Catumbi, Marquês de Sapucaí e desaguando no Canal do Mangue, na Avenida Presidente Vargas na altura da Cidade Nova, quase em frente ao prédio do Edifício Presidente. O Rio Papa Couves também recebe as águas do Rio Coqueiros (hoje canalizado) que verte pelas encostas do Morro da Coroa (Serra da Carioca até o Vale do Catumbi.)

O bairro do Catumbi já foi um dos mais nobres bairros da Cidade do Rio de Janeiro, famoso por suas chácaras nas encostas e suas fazendas de cana na planície e por moradores ilustres como Pixinguinha, Machado de Assis, dentre outros. Na verdade o bairro do Catumbi está cercado de morros. De um lado o antigo Morro do Barro Vermelho, hoje, morro da Mineira, e Morro de São Carlos, e de outro lado, o morro de Paula Mattos, hoje situado no Bairro de Santa Teresa, local onde está situada a Igreja da Irmandade de Nossa Senhora das Neves, antiga área de propriedade da família Mattos, local onde podemos ainda encontrar ruas com o calçamento original, de pedras de pé-de-moleque, com um talvegue no centro da via, por onde correm as águas pluviais. Esta estrutura pode ser hoje observada na Ladeira do Viana e na Rua Santo Alfredo, ambas pavimentadas com estes calçamentos. Esta modalidade de drenagem

contudo, multiplicariam-se os deslocamentos do príncipe e seus súditos, do Centro para São Cristóvão e vice-versa. Mas o caminho era bem ruim, pois, se fosse preferida uma rota seca deveria se seguir pela rua de Matacavalos (Riachuelo) para depois atingir o Catumbi e seguir tortuosamente até São Cristóvão, fora isso restando apenas a opção pelos terrenos alagados de São Diogo.

Foi então aterrada uma faixa nesses alagados por onde a carruagem de D. João podia passar, cumprindo um trajeto mais direto e mais rápido. Colocaram-se lampiões espaçados regularmente, os quais, acesos à noite, deram o primeiro nome da via: Caminho das Lanternas. Era uma faixa pequena, entretanto, e tornava-se imperioso conquistar a enorme área às águas, tarefa gigantesca, mas que devia começar de algum modo. Assim, em 1811, é promulgado um alvará régio concedendo isenção de impostos a quem a ocupasse, os quais contribuiriam, em defesa dos próprios interesses, para o aterramento pretendido.

Moradias surgiam, e a nova população criou a demanda por itens indispensáveis, sendo o mais importante a água. Com chafarizes distantes e dispondo só de poços ou água de mangue, a carência do líquido desestimulava a ocupação, e portanto deveria ser resolvida com máxima urgência. Foi encarregado Paulo Fernandes Vianna, intendente de polícia, que agiu rapidamente aumentando o volume de água no Chafariz do Lagarto através de um aqueduto trazendo as águas do Rio Comprido, e construindo um novo chafariz ao lado, o do Catumbi, cujas águas serviram também a outra fonte, no Campo de Santana.”

(PACCINI, Paulo. In <http://www.sempreRio.com/pt/home/item/31-o-chafariz-do-catumbi>) acesso em 05.02.2015)

pluvial, deriva do costume da época (meados do século XVII), onde os “Tigres”¹⁷ lançavam os barris com dejetos nos talvegues, em épocas de chuva forte, para leva-los com as correntezas até as águas da Baía de Guanabara. Em época de seca, o trajeto dos “Tigres” era feito durante a madrugada e com muita rapidez. Os escravos corriam ladeira abaixo, com as ânforas e jarros superlotados de dejetos e os lançavam nas águas da Guanabara. A corrida era para que o mal cheiro não viesse a incomodar os moradores da região. Outra curiosidade interessante era que este mesmo caminho no centro da rua que se chamava “talvegue”, deu origem a um nome bastante popular na cidade, o “meio fio”. Esta palavra nasceu em razão do fio de água que corria pelo talvegue, no meio da rua. A ideia era urbanizar os caminhos, conduzindo o fio d’água para os cantos das calçadas e passeios, levando-se, assim, uma metade do fio que corria no meio da rua, para cada canto da via. Daí a ideia de fio pela metade, ou meio-fio d’água. O autor desta obra nasceu e viveu sua infância na Ladeira do Viana, na residência de nº 07, um sobrado em estilo eclético, datado do final do século XIX no Bairro de Santa Teresa, logo abaixo do Largo das Neves, no antigo morro de Paula Mattos ou do Neves. Com a vinda dos Bisavós do autor de Pontevedra e de Vigo, na Galícia, Espanha, o local foi totalmente descaracterizado, e, hoje, ainda é um sobrado, com terraço, em estilo eclético e modernista. Toda a área foi de propriedade do Comendador Francisco Ferreira das Neves. No alto do morro de Paula Mattos, atual Largo das Neves, local, foi erguida a Irmandade de N. Senhora Das Neves, de 1860, em homenagem a Virgem das Neves, que milagrosamente fez nevar no *Monte Esquilino*, em Roma, em pleno verão, no dia 05 de agosto. Neste local, tanto a Ladeira do Viana quanto a rua Santo Alfredo, ambas possuem o antigo “talvegue”, destinado a conduzir as águas pluviais das cabeceiras do morro de Paula Mattos até o vale do Catumbi, onde encontram o Rio Papa Couves. Até hoje, é muito comum, assistirmos as “enxurradas” durante

¹⁷ “Até então, os dejetos eram guardados nas residências, em barris. A remoção dos barris cheios se fazia, normalmente à noite, quando escravos, carregando os barris à cabeça, cruzavam a cidade até terrenos baldios ou o mar, onde a imundície era despejada. Um comerciante inglês que viveu no Rio entre 1808 e 1818 relata que, em muitos casos, esses barris eram esvaziados diariamente, em outros, apenas uma vez por semana, dependendo do número de escravos disponíveis (e, necessariamente, da quantidade de usuários do mesmo barril). Se ocorresse desabar uma chuvarada, a carga era despejada em plena rua, deixando-se, à enxurrada, a tarefa de levá-la ao mar. O conjunto escravo-barril era apelidado de tigre, em razão do aspecto dos carregadores. Transbordamentos iam deixando rastros no corpo do homem que, assim, ficava com listras sinuosas. Conta Manoel de Macedo (o autor de *A Moreninha*) que um viajante francês, demorando-se por alguns dias no Rio, ouviu, de patrícios, queixas dos incômodos tigres que, frequentemente, corriam pelas ruas à noite. Algum tempo depois, veio a publicar um livro de viagens em que relatava: “Na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, feras terríveis, os tigres, vagam, durante a noite, pelas ruas...”, in http://rio-curioso.blogspot.com.br/2008/01/os-tigres-do-rio_02.html acesso em 11.10.2014

os grandes temporais, com a água que desce de Santa Teresa através destas vias. Na década de 80, no século passado, os moradores do local, organizaram um movimento destinado ao tombamento do calçamento colonial, destinado a preservar a identidade e cultura do lugar. À época, foram promovidos mutirões para a recuperação do calçamento da rua, que estava em péssimo estado de conservação. Além dos mutirões, o movimento ainda teve o apoio do escritor Pedro Nava, que intercedeu junto ao então prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Roberto Saturnino Braga, para o tombamento definitivo do calçamento e do talvegue de ambas as ruas. A vitória do movimento foi extremamente promissora, sendo uma das últimas ruas da Cidade, onde ainda podemos encontrar o calçamento em pé de moleque original com o talvegue funcionando a todo vapor durante as grandes chuvas. O tombamento foi realizado pelo Decreto Municipal nº 5.812 de 09 de Maio de 1986.¹⁸ As águas destas ladeiras terminam por desaguardarem nas galerias do Rio Papa Couves, no vale do Catumbi. Infelizmente, em razão da construção do Túnel Santa Bárbara e do Viaduto de 31 de Março, que liga a Zona Norte à Zona Sul da Cidade, a drenagem natural das águas pluviais do Morro de Paula Mattos para o Catumbi ficou totalmente prejudicada, indo, na verdade, terminar no asfalto das vias construídas, deixando muito material no local (lama, barro e resíduos). Nada muito diferente da época dos “Tigres”. Naquela época, até uma pequena marchinha foi criada para tipificar a conduta de lançar dejetos no talvegue da rua, que assim dizia.

¹⁸ DECRETO 5.812 – de 9 de maio de 1986

DETERMINA O TOMBAMENTO DO BEM CULTURAL QUE MENCIONA.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta do processo n.º 07/260.065/83, apensado ao de n.º 06/100.487/83, e CONSIDERANDO o pronunciamento unânime do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro a respeito; CONSIDERANDO ser dever indeclinável do Poder Público preservar o patrimônio cultural da cidade, constituído, no caso, de pavimentação do tipo pé-de-moleque, remanescente do Brasil-colônia; CONSIDERANDO a participação atuante da comunidade na defesa de sua conservação,

DECRETA:

Art. 1.º Fica tombada, nos termos da Lei n.º 166, de 27 de maio de 1980, a pavimentação tipo pé-de-moleque da Rua Santo Alfredo e da Ladeira do Viana, no Bairro de Santa Teresa.

Art. 2.º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1986

422.º de Fundação da Cidade ROBERTO SATURNINO BRAGA Maria Yedda Leite Linhares D.O. RIO 12/05/1986



“lá- lá - iô iô, sai da frente que lá vai cocô...”

Já no início dos anos 50, outra marchinha também ficou muito famosa na região, principalmente em razão das grandes enchentes do Catumbi, de autoria de Rutinaldo e Norival Reis, cantada pela eterna Emilinha Borba:

“Quando chove em Catumbi é um chuá, só sai de casa quem souber nadar..”

(Emilinha Borba, 1952)

“Choveu, choveu, choveu, choveu Catumbi, encheu...

Se na Cidade está choviscando... No “Catumbi estou nadando...”

(Rutinaldo e Norival Reis, 1953)

As enchentes e transbordamentos do Rio Catumbi ensejaram a sua canalização, por iniciativa do Governador Carlos Lacerda. Porém, as obras não foram lá tão eficientes, pois em dias de grandes temporais, a região do bairro do Catumbi e adjacências ainda é vitimada pelas cheias, que, às vezes, atingem 60 cm de linha d'água.

O Rio Papa Couves nasce nas vertentes da Serra da Carioca, hoje, Bairro de Santa Tereza, no alto da Rua Navarro, nas proximidades da favela do Fallet. No final da Rua Navarro, podemos localizar alguns respiradouros e coletores de águas pluviais, que comprovam a passagem do Rio Papa Couve por esta região, até encontrar a Rua Itapiru, passando pela Rua Doutor Agra (ainda visível) e a galeria da Rua Catumbi. E daí até a sua foz, no Canal do Mangue. A sua única área ainda descoberta está localizada no interior da sede do Educandário Nossa Senhora de Nazaré, na Rua Dr. Agra, no Catumbi.

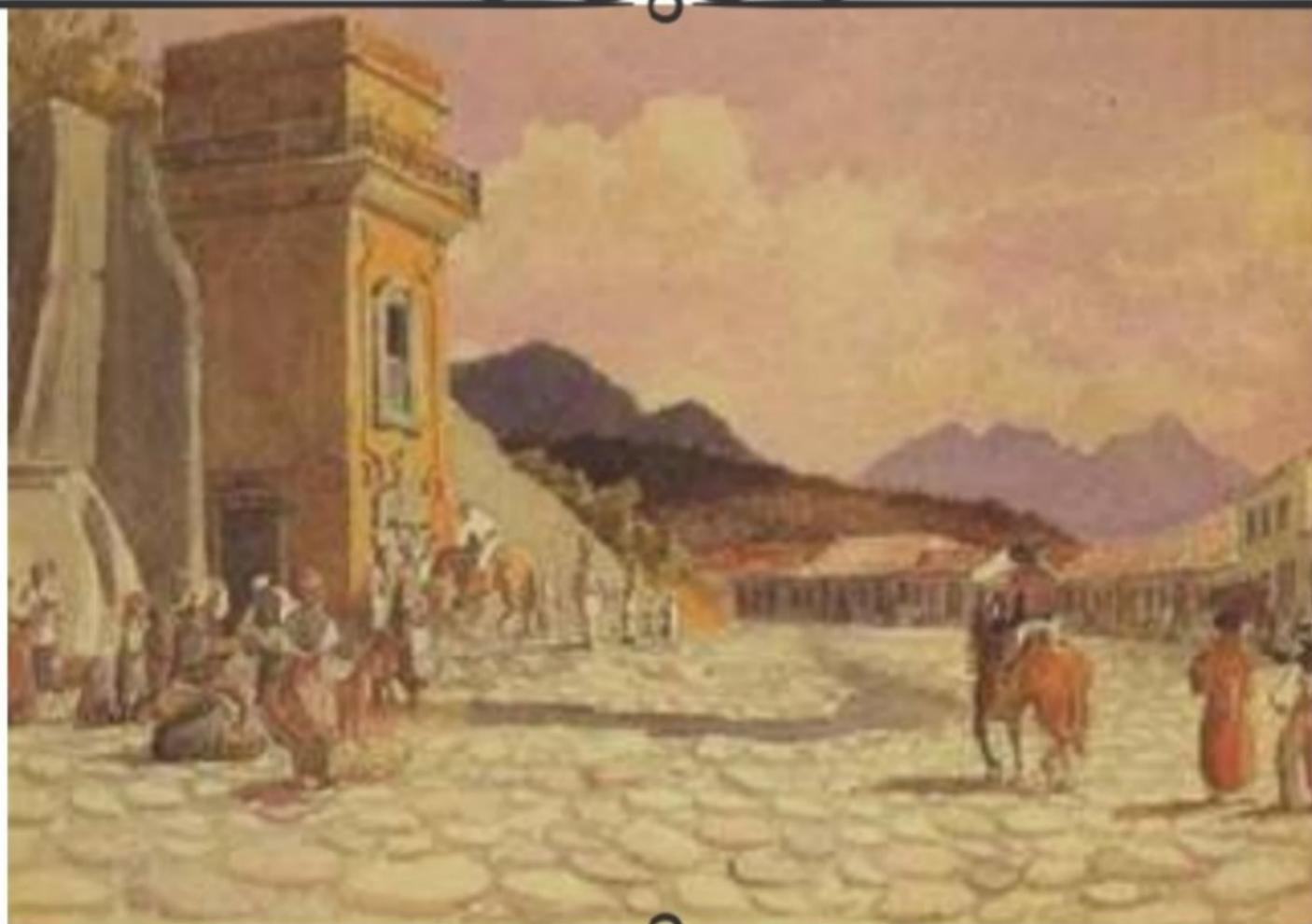


Os tigreiros viraram alvo das autoridades, que queriam abolir o inconveniente transporte de excrementos pelas ruas. Litografia de Fleuiss, Semana Ilustrada, 1861.



Sem sistemas de esgoto, os dejetos eram atirados diretamente nos rios, e eram os escravos que se encarregavam do serviço. Semana Ilustrada, 1861.

Acima, os "Tigres" em ação.



O Chafariz do Catumbi, (ou de Paulo Fernandes Vianna) foto atual e aquarela de Emerix Essex Vidal de 1827.



Chafariz do Lagarto de Mestre Valentim



Rio Papa Couves, em seu último trecho ainda descoberto, no interior das Instalações do Educandário N. Sra. De Nazaré, na Rua Dr. Agra no Catumbi. (foto do autor)



Imagem da Rua Santo Alfredo, em Santa Tereza, com calçamento pé de moleque e o talvegue ao centro, destinado a conduzir os dejetos que eram lançados ladeira abaixo, em época de chuva forte. (fonte Google Earth)



Rua Padre Miguelinho, foto de Augusto Malta 1904, com o "Talvegue ao centro", ao final, avistando-se o Vale do Catumbi, com destaque para a entrada do Cemitério de São Francisco de Paula.

RIO COMPRIDO

Um Rio de nobres e ingleses

Também um dos mais importantes rios da Cidade, principalmente durante o século XIX, durante o período em que o Brasil hospedava o Vice-Rei Dom João. O bairro já sediou o Quartel do Exército de D. João VI que posteriormente foi desativado.

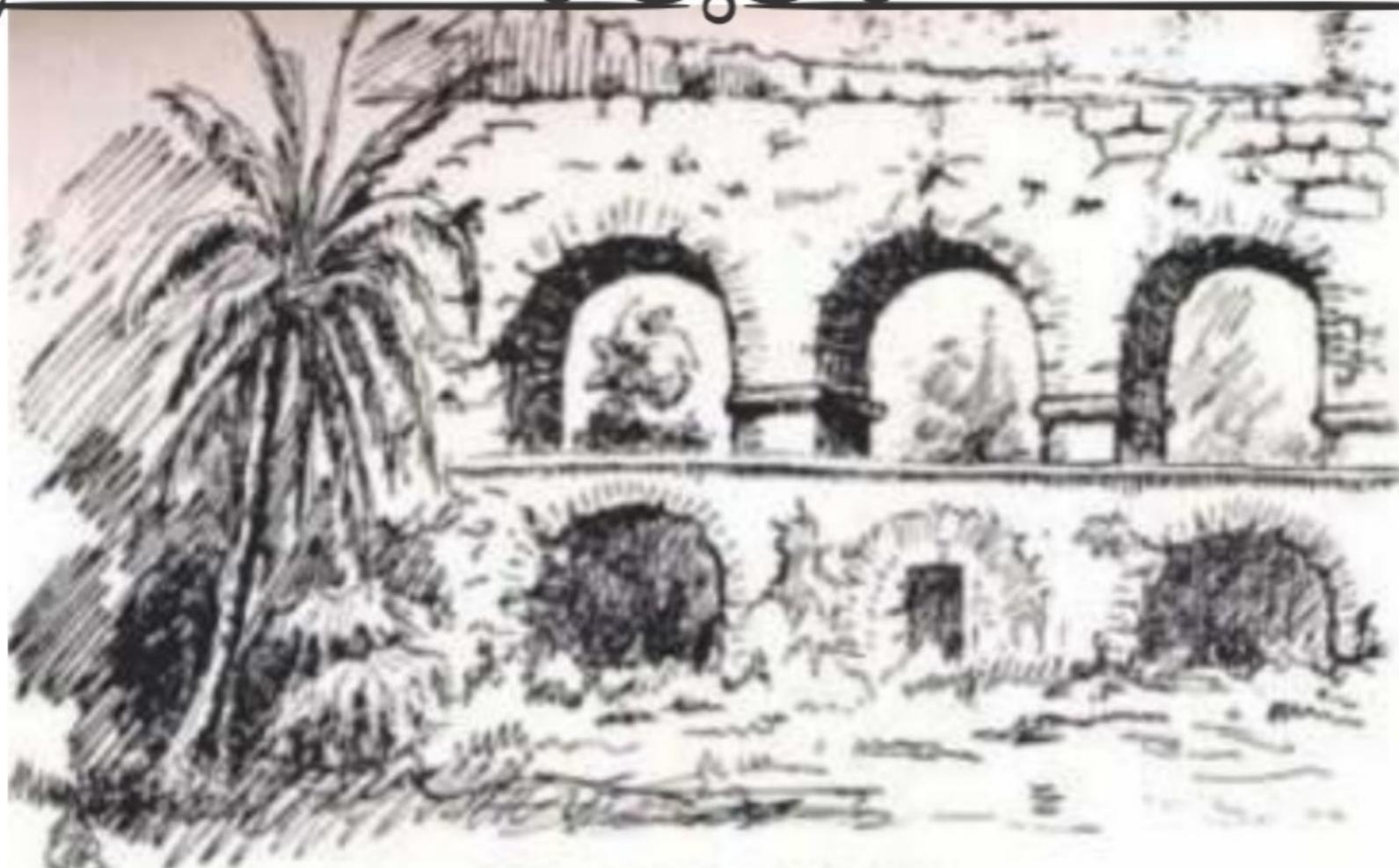
O Rio Comprido era denominado de Rio Iguaçu e cruzava a região conhecida como Catumbi Pequeno, até a sua foz, no Manguezal de São Diogo, atual canal do Mangue.

O Rio comprido nasce nas vertentes da Serra da Carioca, na região do Sumaré e entorno, em especial nas proximidades do local denominado Lagoinha. Neste ponto, podemos avistar algumas das múltiplas nascentes do Rio Comprido, ainda com água jorrando, naturalmente, conduzida por precários encanamentos. A Água é lançada na via pública como se fosse uma antiga "Bica", trazendo as águas da Serra da Carioca. Pena que estas águas são contaminadas pelo esgoto lançado irregularmente pelas construções (núcleos urbanos informais), que estão em toda a encosta do morro do Sumaré e entorno. Já nas proximidades da saída do Túnel Rebouças, sentido Lagoa- Rio Comprido, podemos encontrar, uma queda d'água a céu aberto, parte das águas do Rio Comprido, sendo conduzidas para o seu canal artificial. Já no sentido Rio Comprido-Lagoa, logo abaixo da Casa de Osório e do Hospital do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, também localizamos outro contribuinte do Rio Comprido, o famoso **Rio Bananal** que verte das encostas do maciço da Tijuca também abaixo do Sumaré.

Recentemente no Bairro do Rio Comprido, foi descoberta uma parte do **Aqueduto do Rio Comprido**, nas imediações da Rua Santa Alexandrina, (especificamente na Rua Cândido Oliveira) embaixo das linhas da *Light*, empresa concessionária de energia elétrica, em uma pequena chácara abandonada. O local está em péssimo estado de conservação, mas guarda um importante pedaço de uma memória que já conta com muitos poucos registros. Este Aqueduto, certamente conduzia as águas do **Rio Comprido** e da Cova da Onça, até o **Chafariz do Lagarto**, no Catumbi. Esta seria uma das hipóteses, mas também poderia conduzir as águas das vertentes do morro da Serra da Carioca até o próprio Rio Comprido. A incógnita ainda permanece, mas a comparação dos estilos e material de construção, apontam semelhanças interessantes.



Aqueduto do Rio Comprido (recém descoberto em 2011) talvez responsável pela condução das águas do Rio Comprido até o chafariz do Catumbi e do Campo de Santana. (foto Prefeitura do Rio – Divulgação)



Ruínas do Aqueduto de Catumbi

Ruínas do Aqueduto de Catumbi, Afresco do ilustrador e naturalista autodidata Armando Magalhães Corrêa, conservador do Museu Nacional em 1930. Em sua obra "O Sertão Carioca".¹⁹

O Rio Comprido é um bairro localizado entre os morros de Santos Rodrigues e o prolongamento ocidental do Morro de Santa Teresa, tendo como bairro vizinho o Catumbi, que no século 19 era ligado por uma estrada de terra por onde passavam carroças e cavaleiros. (atual Rua Itapiru). No local, diversas chácaras de nobres ganharam destaque, como por exemplo, a do Conde de Estrela, que possuía um Solar no Largo do Rio Comprido. Em suas terras foi aberta a Rua da Estrela, Visconde de Jequitinhonha, que possuía uma chácara na Rua Aristides Lobo, tendo o pequeno Rio Comprido correndo suas águas ao fundo de seus quintais, antes das obras de canalização do Rio.

¹⁹ CORRÊA. Armando Magalhães. O Sertão Carioca. 1930.

No bairro também residia o Barão de Itapagipe, um Marechal nascido em Portugal, que possuía uma chácara na rua que leva hoje o seu nome. Nesta mesma rua, também morava o Conde de Sucena, comerciante e proprietário de artigos religiosos, num solar, onde nos dias de hoje fica o Hospital da Aeronáutica. Além destes nobres do Século XIX, o local também ficou famoso por possuir clubes que eram frequentados por Ingleses da alta sociedade carioca, com destaque especial para o Clube do Minerva, na Rua Itapiru, no local até hoje.

"(...) A autora enxerga a ideia de bairro como sendo construída através de uma noção de origem popular. E desta noção que encontraremos a origem do nome Rio Comprido. "No início se chamou Catumbi que na língua dos índios significava rio assombrado. Depois foi Rio dos Coqueiros, e mais tarde, batizado pelo Senador Câmara, ganhou o nome de Iguassú. Mas, no correr do tempo a designação popular Rio Comprido prevaleceu e foi oficializada em 1875." (Geraldo, 1985) Segundo o geógrafo Abreu (2010), depois de uma vasta pesquisa sobre a real localização do chamado rio comprido (nome da corrente fluvial e não do bairro), este autor transcreve em sua obra, Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700), documentos e arquivos que comprovam que o rio que corta o bairro era o rio Iguassú, denominado assim pelos índios que ali habitavam antes mesmo da chegada dos portugueses. "A palavra yguasu tem origem indígena (guarani) onde: "y" significava água e "guasu" significa grande. Portanto, iguassú ou iguaçu, em guarani significa "água grande" ou "rio grande" (Silva, 1966). Portanto, através dos tempos, o significado do termo iguassú tornou-se popular- mente conhecido como grande rio, longo rio, comprido rio ou rio comprido. Retornando à definição de

bairro dada por Soares (1995) a qual se baseia numa ideia coletiva, num sentimento mutuo dos moradores, chamar a freguesia de bairro e dar o nome de Rio Comprido pode ser considerado como o marco histórico no que tange ao nascimento deste lugar: que "em 1875 foi oficializado pela Câmara Municipal com este nome" (Geraldo, 1985)."

(In SIQUEIRA, Saulo Aguiar. RIO COMPRIDO: LUGAR, MEMÓRIA E IDENTIDADE . UERJ. Centro de Tecnologia e Ciências – Departamento de Geografia. Rio de Janeiro - RJ 2013)

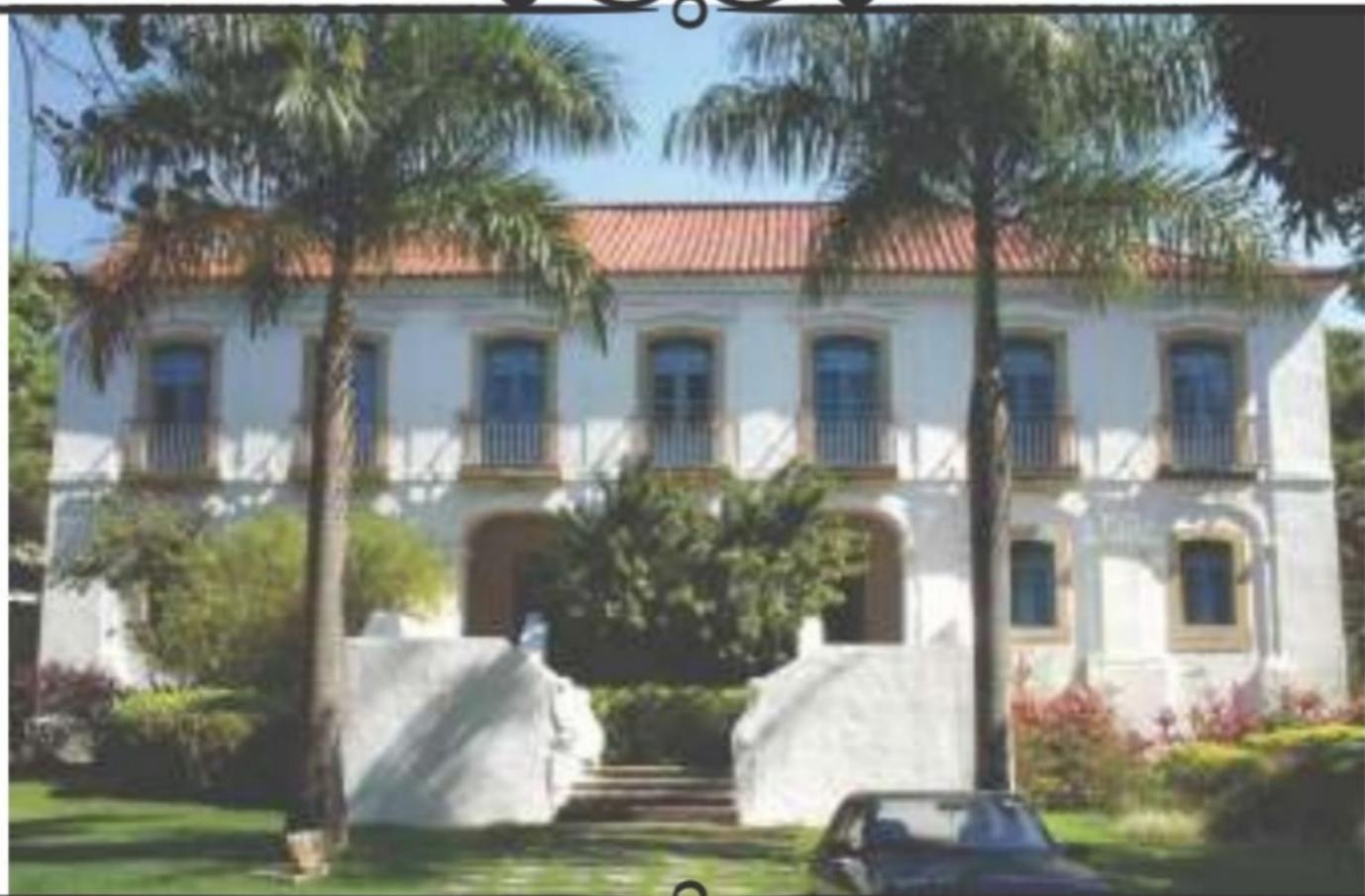
Todavia, em que pese toda a história do bairro, o maior destaque fica com a famosa "Casa do Bispo", uma edificação colonial de origem proveniente de uma doação particular, ocorrida no ano de 1762, ao Bispo Dom Frei Antônio do Desterro. No mesmo local foi instalado o Seminário Episcopal de São José e a casa ainda está no local, bastante conservada, tendo preservado seu traçado arquitetônico de origem.²⁰

Neste mesmo local, foi traçada a Rua do Bispo, rua esta que margeava um pequeno afluente do Rio Comprido, o **Rio Bananal**, que nasce no Morro do Sumaré, desce pela vertente do Morro do Turano, e hoje segue canalizadas pelas Ruas Paula Frassinete e Rua do Bispo, desaguando, por fim, no Rio Comprido. Este Rio também foi um dos responsáveis pela colonização do bairro e, principalmente, pela ocupação por importantes moradores da região. As águas do **Rio Bananal** abasteciam as residências e chácaras locais, além de contribuírem para a irrigação de hortas e plantações locais. Importante ainda destacar que o curso do Rio Comprido não era este hoje mantido pelo Canal que lhe conduz na Avenida Paulo de Frontin. Na verdade, o Rio Comprido tinha um curso bastante sinuoso, porém, banhava as chácaras da Rua Aristides Lobo e descia por este caminho, até o **Manguezal de São Diogo**, hoje localizado no **Canal do Mangue**.

²⁰ Quinta do Bispo, uma das mais belas e nobres residências rurais de todo o Brasil. Foi construída no início do século XVIII, em terras que pertenciam à Sesmaria dos Jesuítas, na Fazenda do Rio, para servir de casa de campo e chácara para recreio do segundo Bispo do Rio, Dom Frei Francisco de São Jerônimo. O conjunto original era formado pela casa e por uma capela, ligadas por um passadiço, que pode ser visto na gravura de Ender, de 1817. A capela e o passadiço não sobreviveram até os nossos dias. A Quinta do Bispo passou por várias mãos até que, em 1873, a casa foi legada ao bispado da cidade, que ali instalou o seu Seminário Maior, o Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara (<http://riocomprido.blogspot.com.br/p/rio-comprido-historico.html>)



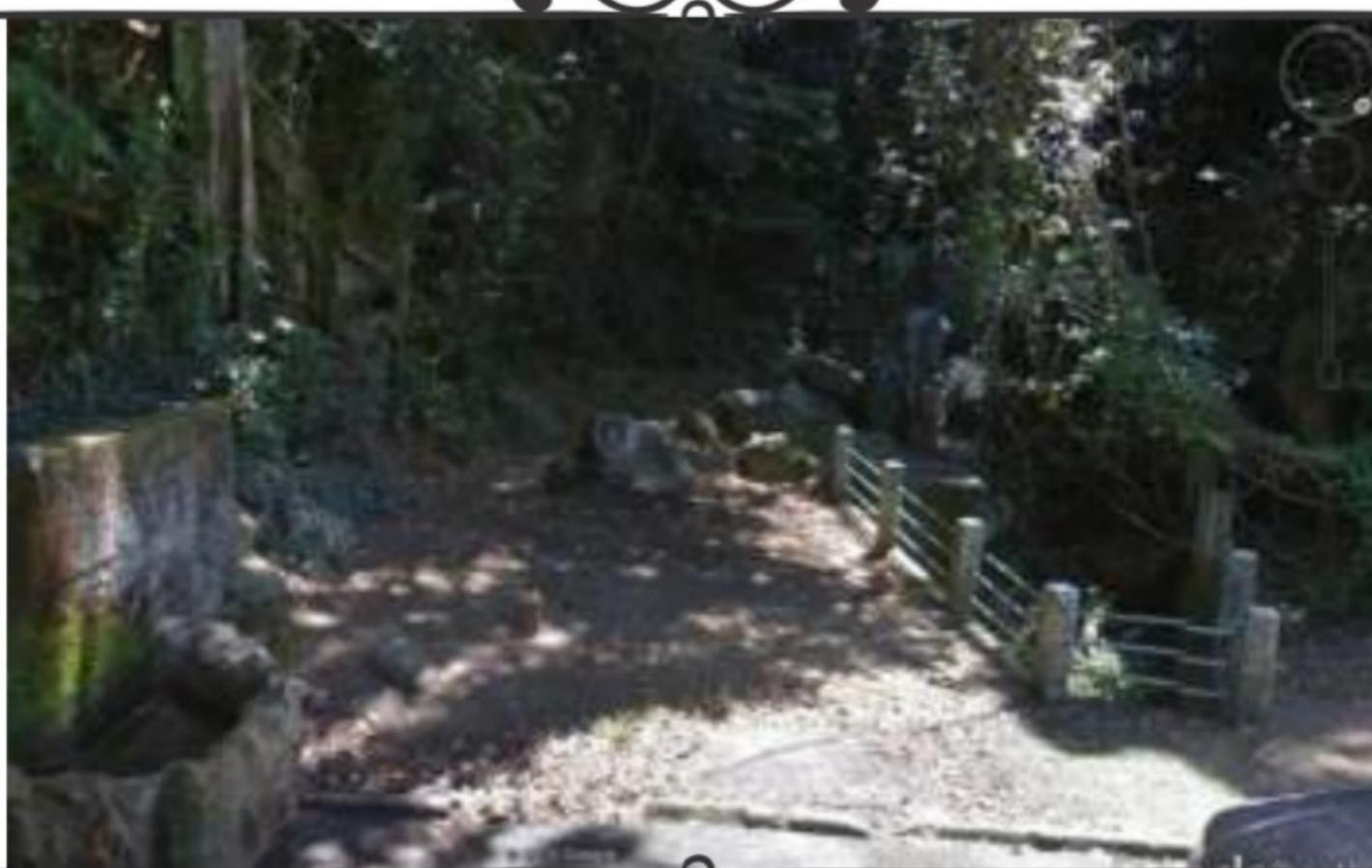
Casa do Bispo, gravura de Ender, de 1817.



Casa do Bispo, foto atual.



Canalização do Rio Comprido. foto de Augusto Malta - 1914.



*Nascente do Rio Comprido. Estrada Joaquim Mamede - Lagoinha - Santa Tereza
(Fonte: Google Earth)*



Rio comprido, já canalizado. Foto atual, 2015. (Fonte: Google Earth)

RIO MARACANÃ

As araras e maritacas guardam sua história em um chocalho

O maior e mais importante rio da Grande Tijuca nasce nas encostas do Parque Nacional da Tijuca, nas proximidades do Morro do Sumaré, seu nome deriva da palavra Tupi-Guarani, "*Mara-ka'nã*."

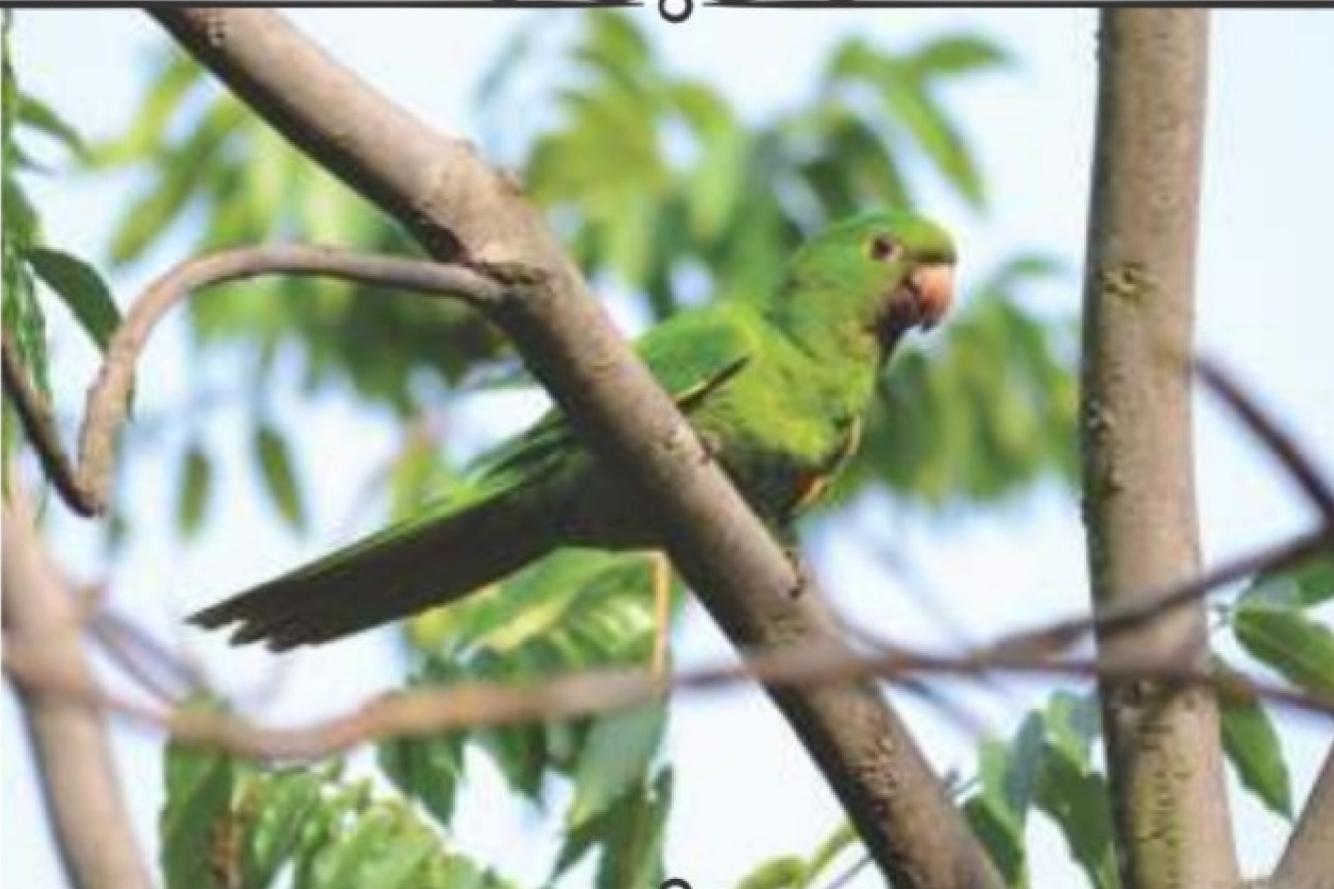
Nos diversos registros de Hans Staden, quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro, o mesmo faz referência a um chocalho muito comum, produzido pelos índios Tupinambás. Trata-se de famosa "maraca", um chocalho construído com galhos e palha, com sementes em seu interior. O termo "Mara-ka-nã" certamente deriva deste apetrecho. Porém, uma ave, mais conhecida como maritaca, também reproduz um som chocalhado, e atualmente é muito frequente nos arredores do Rio.

A sua extensão é de 7.000m. Suas águas abasteciam toda a freguesia do Engenho Velho. Foi canalizado em 1851.

Hoje, com a quase totalidade do rio muito poluída, os papagaios, "*maraka'nã*", estão paulatinamente retornando ao seu entorno. Na verdade, as maritacas que voam em bando por quase toda a tijuca, são Periquitões verdes, ou *Aratinga leucophthalmus*, e não a Maracanã verdadeira (*Primolius maracana*) que quase não mais são vistas, e sim garças e socós, que vêm do zoológico para se alimentar no rio. As águas são limpas até o bairro da Usina. No decorrer do curso as comunidades vizinhas (aglomerados urbanos), despejam seus resíduos no rio. Muitas enchentes são causadas pela impermeabilidade do solo, junto com a redução do espaço para o fluxo de água (diminuição na vazão do rio), que aumentam o volume dos rios e acabam transbordando. O rio Maracanã tem seu traçado contido por calha, para reduzir as enchentes em dias chuvosos. Devido a sinuosidade do rio, em muitos de seus trechos há obras de correção para melhorar a sua vazão. Não existe mata ciliar próxima, sendo essa uma das maiores causas para as suas enchentes.



Maracanã verdadeira (Primolius maracana)



Periquitão Verde ou maritaca (Aratinga leucopthalmus)

Desde o início de sua canalização, o Rio Maracanã já era utilizado para pequena navegação, principalmente para atender às residências que foram instaladas às suas margens. Sua nascente provém do morro do Excelsior, na Floresta da Tijuca, verte pelas encostas e termina por cruzar, já a céu aberto, a Av. Edson Passos. Primeiramente na altura do radar de velocidade, logo no início da via, seguindo então a descoberto entre as ruas Marechal Pilsudski e Eduardo Xavier, para, então, receber as águas do **Rio São João**, de outra vertente do maciço da Tijuca, bem no centro do Largo da Usina. A partir daí, o Rio Maracanã fica mais volumoso, e recebe ainda as águas do **Rio Felizardo**, que cruza a Rua São Miguel, em frente ao Colégio Palas, já canalizado. Já na altura da comunidade do Morro do Borel, recebe as águas do **Riacho do Pico da Carioca**, que também verte do maciço da Tijuca, localizando-se entre o Colégio Marista São José e as antigas Instalações do Supermercado do Carrefour. Cruza em seguida, já canalizado, a Rua Conde de Bonfim, e desagua no Maracanã, atrás do CIEP na Rua Ary Kermer, já na comunidade do Borel. A partir daí, o Maracanã segue em direção à Praça Saenz Pena, porém, entre a Rua da Cascata e a rua Mario de Alencar, o **Rio Cascata**, que nasce no alto do atual morro da Formiga, também contribui para as águas do Maracanã, em seu longo curso.



Rio Cascata (Fonte: Google Earth)

construir pequenos acessos à beira do rio, para lavagem de roupas e até mesmo para o embarque de pequenos barcos, que também se serviam do rio como via fluvial para o transporte. Melhor ponto para verificar esta constatação, está no local hoje denominado Centro Municipal de Referência da Música Carioca Artur da Távola, nas imediações da Av. Maracanã com Rua Garibaldi. Nos fundos, podemos **constatar o último cais residencial do Rio Maracanã**, muito bem conservado, mantendo as características próprias para o embarque de passageiros. Este fato, por si só, comprova a utilização do Rio Maracanã para navegação de passeio e até mesmo de carga dos antigos engenhos de cana de açúcar, que ocupavam a atual Floresta da Tijuca, e ainda as áreas de plantio de café e chá, muito comum no início do século XIX e final do XVIII. Após estas constatações, já nas imediações do Estádio Mario Filho (Maracanã), encontra o **Rio Joana** e prossegue em direção ao Canal do Mangue, por trás da Rua Ceará, e por fim, desagua no **Canal do Mangue**, que se dirige para a Baía de Guanabara.



Antigo Cais no Rio Maracanã (Av. Maracanã esquina com Rua Garibaldi) Foto: Google Earth

RIO TRAPICHEIROS

de trapiche, não tem nada!

A Chácara dos Trapicheiros, pertencia a uma família de nobres ingleses, que foram, também fundadores do Colégio Baptista Sheppard. Em seguida, as terras de sua nascente foram compradas pela Coroa Portuguesa. Este Rio também já deixou legados à Cidade do Rio de Janeiro. Nasce no Maciço da Tijuca, na vertente do Sumaré, em direção à Praça Saenz Pena, percorre o bairro, em sua maioria por trechos a descoberto, já tendo abastecido, inclusive a antiga Fábrica de Chitas, que localizava-se às suas margens, nos arredores da Praça Saenz Pena. Por fim, sua foz deságua na bacia do canal do Mangue, nas imediações da Praça da Bandeira. No alto da Tijuca, no final da Rua Saboia Lima, podemos encontrar uma de suas nascentes, nas proximidades de um antigo reservatório da CEDAE. No local, ainda podemos encontrar as ruínas do reservatório, em conjunto com um leito de rio, suave e límpido, ainda com pequenos poecilídeos (barrigudinhos), e com a presença de um peixe que a cada dia desaparece das matas da Tijuca, o bagrinho *Trichomycterus brasiliensis*,²¹ um peixe de águas frias, que se aventura entre as folhas secas e galhos no fundo do rio. O Rio Trapicheiro também nomeou um pequeno anfíbio, uma perereca chamada *Scinax trapicheiroi*,²² que também é muito comum nas áreas úmidas das margens do Trapicheiro. Mais abaixo, o rio também pode ser visto, a descoberto, no interior do Colégio Batista Shepard, seguindo canalizado até a Praça Gustavo Capanema, nos fundos do Shopping 45, na Praça Saenz Pena. Daí a descoberto, até a Rua Conde de Bonfim, canalizado até a Rua Heitor Beltrão, onde recebe as águas de um canal sem nome, que vem da Avenida Almirante Chrochane também a descoberto e em seguida percorre a Rua Heitor Beltrão até a Rua professor Gabizo, também seguindo canalizado,

²¹ de Pinna, MCC (1985). Hábitos alimentares de *Trichomycterus brasiliensis* (Siluriformes, Trichomycteridae) da Floresta da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ. Em 12º Congresso Brasileiro de Zoologia, pp. (PDF) Food and reproduction of *Trichomycterus itacarambiensis*, cave catfish from south-eastern Brazil. Available from: https://www.researchgate.net/publication/13983867_Food_and_reproduction_of_Trichomycterus_itacarambiensis_cave_catfish_from_south-eastern_Brazil [accessed Dec 27 2018].

²² https://www.researchgate.net/publication/40665238_Amphibia_Anura_Hylidae_Scinax_trapicheiroi_Distribution_extension

até a Rua Ceará, na Vila Mimosa, onde possui uma pequena passagem sob o viaduto da Rede Ferroviária, já totalmente a descoberto, e, em seguida, corre em direção à sua foz, no Rio Maracanã, na Rua Francisco Eugênio, em frente a Rua Figueira de Melo. Hoje já podemos contar com um grande reservatório na Praça da Bandeira, para em época de grandes chuvas, receber as águas do Rio Trapicheiro. Este Rio foi o principal meio de colonização pelos Jesuítas, da Grande Tijuca. Às margens do Trapicheiro, a primeira matriz de São Francisco de Assis foi edificada, dali sendo construído e aberto o famoso caminho da Grande Tijuca, que seguiu até o alto da Boa Vista, sendo hoje a atual Rua Conde de Bonfim, filho do famoso Barão de Mesquita, que abriu o caminho do Engenho Pequeno, hoje Rua Conde de Bonfim. O Destaque especial vai para as palmeiras seculares, com mais de 50m de altura, que hoje estão plantadas na entrada da igreja. Este rio, na verdade, foi o primeiro da Grande Tijuca que facilitou a exploração das plantações de cana-de-açúcar, café e chá, no maciço da Tijuca e na próspera planície que era abastecida por suas águas. No local havia muito volume hídrico, suficiente o bastante para garantir a boa produção de cana de açúcar, café, chá e bananas. O próprio nome "Trapicheiro" surge em razão do grande número de trapiches que eram instalados em suas margens, para o embarque das mercadorias (cana, banana, café, chá).

Um braço importante do Trapicheiro, ou até mesmo um arroio, também cruzava o caminho da grande Tijuca no Século XVIII. Foi exatamente nas imediações do hoje, famoso Largo da Segunda-feira, naquela época, foi praticado um assassinato e a vítima enterrada por ali mesmo. Em razão deste crime pouco comum para a época, o local foi marcado como "Largo da Segunda Feira", onde havia, uma pequena ponte sobre o arroio que ali passava.

Hoje não mais existe. Talvez este rio tenha sido um possível contribuinte do Trapicheiro, que descia dos atuais morros do Turano ou Maciço da Tijuca. Aliás, vale a pena conferir que ao final da Rua Jacuman, no encontro com a Rua Augusto Paulino Filho, na Comunidade da Cacrinha, há uma pequena cascata, conduzida por degraus, que certamente poderia ser um destes contribuintes do Trapicheiro.



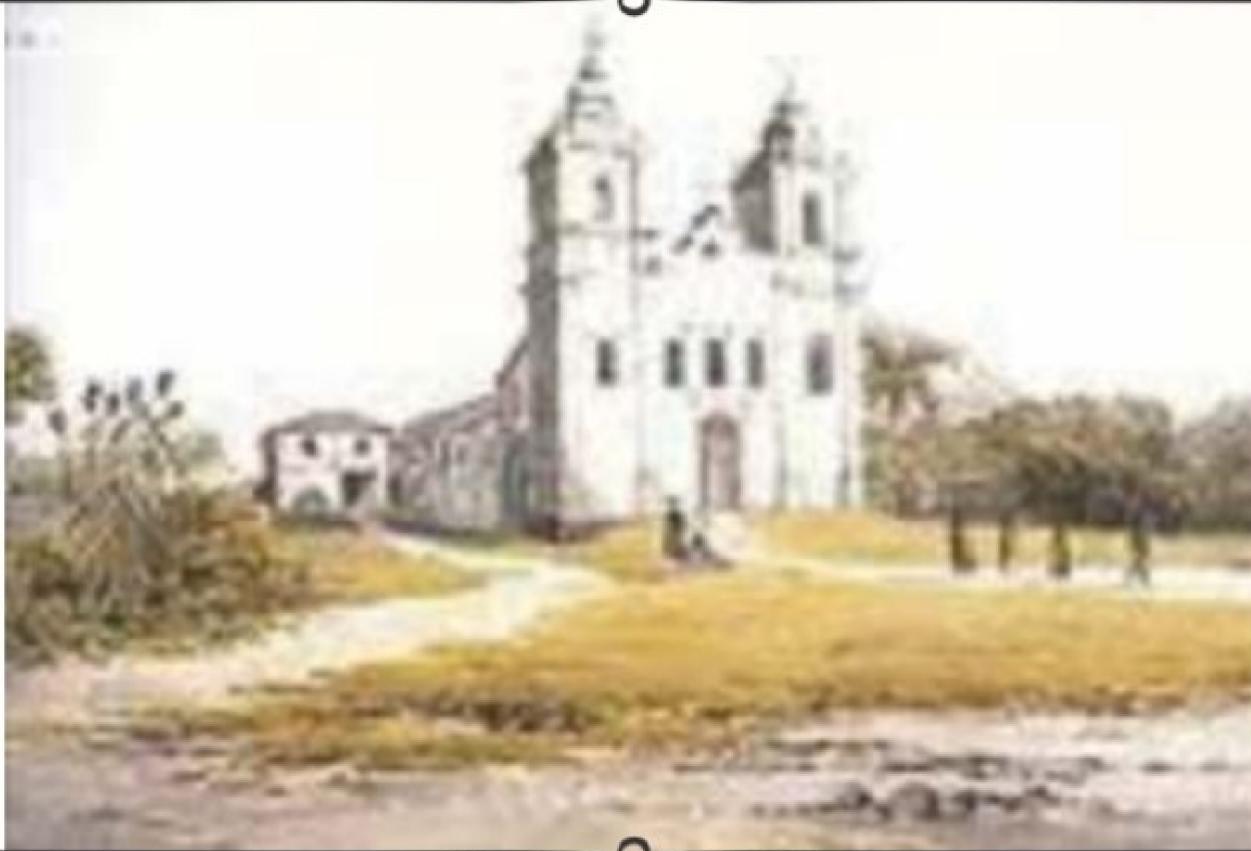
(foto: <https://pt-br.facebook.com/atijucadeantigamente>)

Vista do Arroio da Segunda Feira, local onde havia um possível contribuinte do Rio Trapicheiro.



*Cascata com degraus, na Comunidade da Chacrinha- possível contribuinte do Rio Trapicheiro
(foto do Autor)*

A Tijuca nasce às margens do Rio Trapicheiro, em uma área onde os jesuitas edificaram uma igreja, a de São Francisco Xavier.



Igreja de São Francisco Xavier, edificada de 1582 a 1585, entre o rio Trapicheiro e o Morro da Babilônia, no Engenho Velho ou Engenho Pequeno, propriedade dos padres jesuítas.

Com o decreto de expulsão da Companhia de Jesus do Brasil em 1759, o território se transformou. Os bens da ordem religiosa foram sequestrados e incorporados aos bens públicos. Surgiram logo chácaras e fazendas de abastadas famílias brasileiras que procuravam a região para fugir do calor e das epidemias do centro da cidade.

Os engenhos e grandes sesmarias margeavam a cidade do Rio de Janeiro e o cultivo do café e do chá nos morros tijucanos recebeu grande destaque naquela época. O plantio da cana-de-açúcar demandava infra-estrutura e uma modificação exercida pelo homem já ganhava contornos, pois o rio Trapicheiro teria seu curso desviado a fim de melhor abastecer o Engenho Velho. A ocupação portuguesa no recôncavo da Guanabara era mesmo promovida pelos jesuítas que ainda detinham a função de abastecer a zona central da cidade com alguns produtos alimentícios. (AZEVEDO & RIBEIRO, 2009).²³



Igreja de São Francisco Xavier e as palmeiras seculares, às margens do Rio Trapicheiro.



Trichomicterus sp. (peixe endêmico do Rio Trapicheiro)



Scinax trapicheiroi (a perereca que levou o nome do Rio)



Rio Trapicheiro, canal aberto nas proximidades da Praça Saenz Pena.



A antiga Fábrica de chitas

RIO JOANA

Ou Rio Perdido...

Talvez o segundo em grau de importância da Grande Tijuca, nasce no Grajaú, recebendo contribuições do Rio dos Urubus, e dos rios Jacó e Excelsior todos nascendo nas vertentes do Maciço da Floresta da Tijuca.

O Rio Perdido (também conhecido como Rio Joana) possui cerca de 2 km de extensão e percorre a calha do Vale do Elefante. A nascente do Rio Perdido está localizada nas imediações do Morro do Elefante, próximo à Garganta de Maria Devel, indo desaguar nas proximidades da comunidade Nova Divineia no Rio Jacó, entre os bairros do Andaraí e Grajaú. Neste local, ainda podemos encontrar um portão de uma antiga fazenda denominada Villa Rica, uma fazenda de café que no século XIX escoava a produção por este local. No mesmo local ainda podemos encontrar, traços de antigas casas de armazenamento de café, e um acampamento de antigos integralistas que utilizavam o local para seus exercícios militares, ruínas de uma roda d'água, além de paredões de antigos armazéns de cana de açúcar, além de bancos de espera, feitos em pedra de cantaria e óleo de baleia. Mais acima, pela trilha formada pelo vale do Elefante, que inicia no Portão da antiga Fazenda Vila Rica, no Parque Nacional da Tijuca, encontraremos a primeira cachoeira do **Rio Perdido** ou Joana. Neste local ainda podemos encontrar ruínas da antiga fazenda, ali há indícios do funcionamento de uma fábrica de anil em 1749 constituída de calçamento de pé-de-moleque, uma roda D'água, e um banco colonial construído com pedras portuguesas e óleo de baleia. Sobre o local passam as linhas de Transmissão da Estação de Grajaú, da empresa Furnas Centrais Elétricas S.A. Após a Rua Marianópolis, o Rio segue canalizado até o encontro com o Rio Jacó, na altura da Rua Borda do Mato, levando a partir daí este nome, quando segue em direção à Rua Uberaba e dobrando em seguida na Rua Paula Brito, para, finalmente retornar seu curso normal, na Rua Maxwell, quando retoma o nome de Rio Joana, recebendo, na altura da Rua Via Láctea, no conjunto habitacional "Tijolinhos", as águas do **Rio dos Urubus**, que nasce na serra do Grajaú,

verte em direção à Rua Barão do Bom retiro, e prossegue, canalizado pela Rua Teodoro da Silva, para enfim, prosseguir pela Rua Vianna Drummond e enfim, encontrar o Rio Joana, na altura da Rua Via Láctea, no interior do conjunto dos Tijolinhos.

O Joana, enfim, após receber estas águas, continua prosseguindo seu curso pela Rua Professor Manoel de Abreu, até receber as águas do Rio dos Cachorros, em frente à Rua Professor Eurico Rebelo, prosseguindo, então, até a sua foz, no **Rio Maracanã**. Importante ainda destacar, que neste mesmo local, o Joana também recebe as águas do Rio Andaraí que verte do morro de mesmo nome vindo a encontrar a sua foz no Joana, em frente a rua Via Láctea, juntamente com o Rio dos Urubus.

No século XVII o local e seu curso era chamado de Andary Grande, que abrangia todos os bairros acima referidos. O nome na língua Tupi, significa "*Andira-y*", ou seja, rio dos morcegos. Posteriormente ganhou o nome de Rio Joana. Na localidade, o Rio recebe as águas de alguns outros contribuintes, que nascem na serra do Grajaú e no morro dos macacos, ou serra do engenho novo. Este rio já foi de grande importância para o local, uma vez que margeava um dos caminhos mais importantes para as áreas dos engenhos do interior. O caminho era chamado de "Caminho do Andarahy Grande" e o local era tomado de morcegos, em virtude da quantidade expressiva de amendoeiras e árvores frutíferas no local. Este cenário não é muito diferente do que encontramos hoje.

O Rio possuía calha navegável e assistia as grandes fábricas do local, além do escoamento da produção dos grandes fazendeiros locais. Nos meados do século XIX, o bairro foi se tornando industrial. E foi nessa chácara, à Rua do Andaraí Grande nº 1C, que, em 1847, surgiu, no Rio de Janeiro, a primeira fábrica de tecidos em terras alugadas por Joaquim Diogo Hartley ao Rangel: a Fábrica São Pedro de Alcântara de Tecidos de Algodão, que operava com 60 teares. Nessa área da fábrica, que era a porta de entrada do Andaraí, foi criado, em 1857, o Hospital Militar do Andarahy Grande, que hoje é o Batalhão Zenóbio da Costa, sede do quartel do Primeiro Batalhão da Polícia do Exército, localizado entre a Rua Barão de Mesquita e a Avenida Maracanã. Atualmente, o nome de Andaraí, foi destinado a um outro contribuinte do Rio Joana, que nasce na serra do mesmo nome (entre os morros do Borel e do Andaraí), e desce pela vertente da Rua Moura Brito, na Boca do Mato, e termina por desaguar no Rio Joana, na altura de sua parte já canalizada e descoberta, no final da Rua Barão de Mesquita e início da Rua Maxwell. Mais adiante, pela observação do próprio curso do Rio Joana, iremos encontrar a foz de outro contribuinte, o **Rio Jacó**, que nasce no Maciço da Tijuca, recebe as águas do Rio Perdido, que cruza os bairros do

Grajaú e Andaraí, com galeria coberta, porém visível na Rua Bambuí, seguindo para sua foz no Rio Joana, na rua Maxwell esquina com Gomes Braga. Já o **Rio dos Urubus** nasce também nas Serras do Grajaú e Tijuca, descendo a vertente em direção a Vila Isabel, e pode ainda ser visto em seu respirador, na Rua Vianna Drummond, em frente à garagem de ônibus da empresa Vila Isabel. Em seguida o Rio segue seu curso pela Rua Nossa Senhora da Luz, pela rua Via Láctea, no interior do conjunto habitacional dos “Tijolinhos”, local onde havia outra fábrica de tecidos, a América Fabril, que hoje só deixou no local a sua emblemática chaminé e uma pequena e modesta vila operária.²⁴ Mais à frente deságua no rio Joana, na esquina da Rua Maxwell. Logo à frente, nas proximidades da UERJ e entre as Ruas São Francisco Xavier e Professor Manoel de Abreu, iremos encontrar a foz do Rio dos Cachorros, outro curso hídrico que nasce na Serra do Engenho Novo, (Morro dos Macacos) na vertente de Vila Isabel, desce a serra, segue em direção à rua Torres Homem, passando canalizado pelas ruas Moura Brito e São Francisco Xavier, em frente a UERJ, e logo após o largo da Elevatória da CEDAE volta a ser exposto, de maneira bem discreta, entre dois prédios paralelos, estando seu curso, hoje, bastante camuflado e quase imperceptível, por quem passa pelo local. Por fim, deságua no Rio Joana, na Av. Prof. Manuel de Abreu, quase esquina com o Estádio do Maracanã.



²⁴ “No local onde existe hoje o condomínio conhecido como Tijolino, encravado entre Vila Isabel, Grajaú e Andaraí e que tem como principais vias de acesso as ruas Barão de Mesquita e Barão de São Francisco funcionou a antiga e famosa fábrica de tecidos América Fabril. Com sete grandes blocos de apartamentos e milhares de moradores, o Tijolino é ponto de referência na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente existe um moderno shopping center que é vizinho do condomínio na Rua Barão de São Francisco, onde em tempos passados existiu um estádio de futebol que pertenceu ao clube Andaraí e posteriormente ao America Futebol Clube. A fábrica América Fabril ficou muito conhecida pela excelente qualidade de seus produtos e pela tradição que deixou no ramo de tecelagem. Do antigo estabelecimento fabricante de tecidos restou, como gostosa lembrança, uma velha e imponente chaminé de tijolos de barro, que resiste ao longo das décadas e é uma testemunha viva da existência da antiga fábrica construída naquele local. A equipe do Correio Carioca procurou uma antiga moradora do Grajaú que tem maravilhosas recordações da indústria. “Eu costumava fazer muitas roupas com os tecidos da fábrica América Fabril. Os panos e os bordados eram muito resistentes e muito bonitos”, comentou a Sra. Marina Oliveira, que se recorda saudosa do tradicional apito matinal da fábrica, hora em que estava preparando o café da manhã para a família em sua residência.

Informou ainda a Sra. Marina Oliveira que a América Fabril era uma indústria de tecidos de grande porte, até mesmo possuindo dois bondes para o transporte interno de seus produtos e materiais dentro de suas amplas dependências.



Foto antiga do início do séc. XX, à direita e à esquerda, podemos localizar o Rio dos Urubus, já subterrâneo, cruzando a Rua Vianna Drummond, em Vila Isabel. (fonte: <https://www.facebook.com/atijucadeantigamente/photos/a.568833443175440.1073741830.563903287001789/634768259915291/?type=1&theater>)

Ao longo do curso, o Rio Joana possui curiosidades interessantes. Muitas residências foram instaladas no local, em razão das empresas têxteis que ali se encontravam. O próprio bairro “Aldeia Campista” foi criado em razão da necessidade de se construir residências para os trabalhadores das fábricas do entorno.

Por não entenderem o nome, os colonizadores a modificaram, de acordo com os documentos que deixaram, para Andrai, Hendaí, Andrahy e finalmente Andaraí, conforme conservamos até hoje.

Essa indústria tinha um grande número de empregados masculinos e femininos, utilizava grandes máquinas, possuía um açude cuja água era utilizada na fabricação de tecidos e até mantinha uma vila operária, construída em seu entorno, com inúmeras casas que serviam de residência para os trabalhadores e suas famílias, que dispunham, assim, de grande segurança, maior estabilidade e mais comodidade para chegar pontualmente ao local de trabalho. Dessa vila operária ainda restam algumas simpáticas e bem conservadas casas, localizadas na Rua Duquesa de Bragança, nas proximidades do Largo do Verdun, mas que em nada lembram os velhos tempos do funcionamento da indústria América Fabril, com o movimento de seus muitos operários. Nessa mesma área outrora ocupada pela fábrica, hoje, também, funcionam uma moderna agência e um edifício com dependências importantes do Banco do Brasil e, já nas proximidades do Verdun, uma grande parte do terreno foi ocupada pela Caixa Econômica Federal. Hoje, também fazem parte do conjunto uma escola municipal e um centro de compras. O conjunto arquitetônico é ajardinado e serve como área de lazer. Além da saudosa, bela e velha chaminé restou da extinta indústria América Fabril a lembrança da qualidade dos produtos que saíam de seus teares, tecidos muito apreciados naquela época pela resistência, durabilidade, beleza, além da saudade daqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-la. (fonte: CORREIO CARIOCA - http://www.correiocarioca.com.br/html/materias/america_fabril.html (Acesso: 27.12.2018))

a Estrada do Andaraí Grande. Em 1875, essa estrada foi ligada à Rua da Babilônia (entre a General Roca e São Francisco Xavier) que recebeu o nome de Barão de Mesquita. Tanto por essa estrada, quanto pelo Rio Joana, era transportada a produção das fazendas do Andaraí. Em virtude da intensa industrialização do bairro, vilas operárias foram se formando no entorno das fábricas. Atualmente, muitas das moradias dos antigos operários ainda estão preservadas. As ruas abertas, ainda em 1800, entre o início do Andaraí – atual Praça Lamartine Babo – e a Rua Uruguai, se devem, em parte, ao advogado Luiz Gonzaga Bastos e, em parte, à Companhia Centro Industrial Nacional, formada para esse fim por dois estadistas do Império: Pedro de Araújo Lima (o Marquês de Olinda) e João Cardoso de Menezes e Souza (Barão de Paranapiacaba).

A igreja mais antiga da região é a de São Francisco Xavier, vindo, em seguida, a de São José e Nossa Senhora das Dores, edificadas em 1871 por uma irmandade formada por moradores do Andaraí.²⁵

Atualmente, a foz do Rio Joana é no Rio Maracanã, na altura do Palácio do Barão de Araruna, hoje de propriedade do Exército Brasileiro, onde está localizado a Biblioteca do Exército (BIBLIEX). Ocorre que esse objetivo, tem o intuito de retirar a carga de volume d'água que é lançada na Bacia do Canal do Mangue, e, em especial, os grandes alagamentos na região da Praça da Bandeira.

O Rio Joana ainda possui um braço remanescente, localizado no interior da Quinta da Boa Vista, que segue canalizado pela Rua São Cristóvão, até o Canal do Mangue, na Av. Francisco Bicalho. Este remanescente surgiu em virtude das obras de intervenção na região do Maracanã, quando do saneamento da antiga favela do Esqueleto e construção do prédio da antiga Universidade da Guanabara, hoje, UERJ. Há também, em curso, um projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, que está realizando uma grande obra de engenharia naquela região, com o objetivo de desviar o curso do Rio Joana, pelo bairro de São Cristóvão, percorrendo a Avenida do Exército e finalmente, desaguando na Baía de Guanabara, nas proximidades do Cais do Porto. As obras de execução já estão quase concluídas e o curso do Rio

²⁵ AMARAL. José Mauricio Cunho do. In "Tijuca em Foco. Ano I nº 11 Abril de 2013. Pág. 13

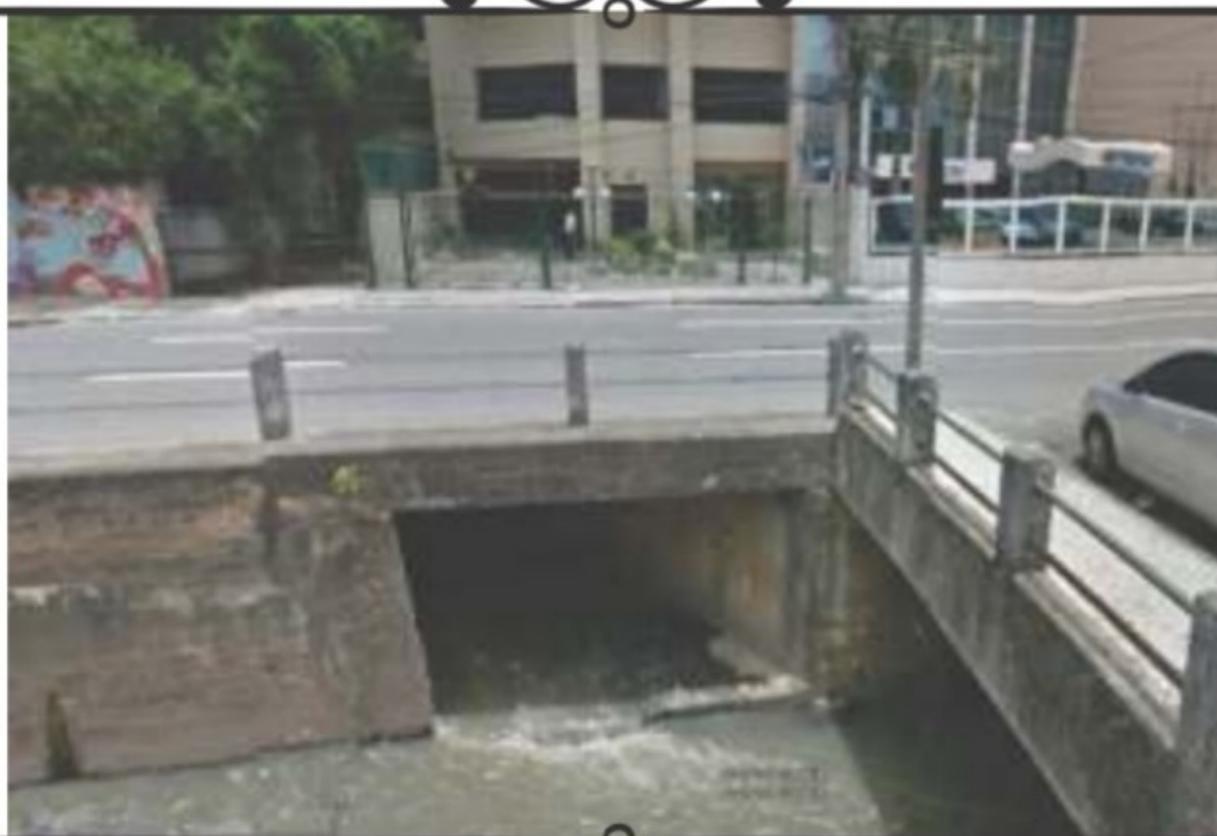
Joana será desviado para as águas da Baía da Guanabara, A construção mede 2.500 metros e o túnel será maior, por exemplo, que o da Covanca, na Linha Amarela, com 2.187 metros, e teria capacidade para duas faixas de rolamento, caso estivesse sendo feito para receber veículos. Mas quando for concluído, no seu interior, só irá passar água. Um leito subterrâneo pela maior galeria de drenagem do Brasil.



Rio Joana na Av. Prof. Manoel de Abreu



Rio dos Cachorros, no início da Rua São Francisco Xavier – Maracanã



Rio dos Cachorros, foz no Rio Joana, na Av. Professor Manoel de Abreu - Maracanã.

SUB-BACIA DO CANAL DO CUNHA

RIO JACARÉ, do despejo dos Jesuítas à renovação da favela.

Corruptela de *yacaré* (o “que é torto, sinuoso”), alusão às voltas que dá o rio Jacaré, que nasce no morro do Elefante e atravessa a região historicamente pertencente ao Engenho Novo dos jesuítas. Esta é a descrição de um rio também muito importante para a Cidade do Rio de Janeiro. Com sua nascente na no morro do Elefante, no maciço da Tijuca, pela vertente da Serra da arioca, o Rio Jacaré pode ser visto, ainda em seu estágio inicial, na Avenida Menezes Côrtes, atual Grajaú-Jacarepaguá, nas proximidades do Topo da Serra, com vertente para a comunidade de Camarista Meyer.

A ocupação da região conhecida hoje, como Grande Méier, era anteriormente denominada de Engenho Novo dos Jesuítas, construído em torno de 1707, que abrangia terras que iam da Serra dos Pretos Forros até a praia Pequena, em Benfica, e se confrontavam com o Engenho de Dentro. Sua exploração começou quando Estácio de Sá fez doação da Sesmaria de Iguaçu aos padres jesuítas. Sua Casa Grande estava localizada onde, hoje, encontramos a praça da Imaculada Conceição e seu santuário. No local, também existia uma antiga capela destinada a São Miguel e à Nossa Senhora da Conceição, construída em 1720. Em 1759, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, pelo Marquês de Pombal, as suas terras passaram às mãos de Manuel Gomes, Manuel da Silva e Manuel Teixeira. Posteriormente o Engenho Novo foi posto em leilão e passou a ser propriedade do Capitão de Milícias José Paulo da Mata Duque Estrada, que mudou seu nome para “Quinta dos Duques” e o ampliou com uma nova Sesmaria que se estendia até Manguinhos. Para escoar a produção da Quinta, eram usados tanto o Rio Jacaré quanto o Rio Faria. O interesse dos novos proprietários estavam voltados para a exploração da madeira das matas locais e ainda o cultivo de hortaliças. Esta exploração e ocupação do solo permitiu a abertura de grandes vazios no interior do engenho,

facilitando, posteriormente, a ocupação imobiliária do local. Escravos libertos construíram precárias moradias no Morro dos Pretos Forros, onde hoje encontramos as encostas da autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, ampliando a ocupação da região. Mais tarde, a colonização foi acelerada com a descoberta de ouro na região. Um dos mais ilustres moradores do bairro era o Ministro Conselheiro Couto Ferraz, o Barão de Bom Retiro. Seu nome tem origem na sua bela chácara do Bom Retiro, que fazia limite com a do fazendeiro Antônio Pereira de Sousa Barros, o Barão do Engenho Novo. Em sua homenagem, a estrada do Cabuçu foi rebatizada de rua Barão do Bom Retiro. Outros moradores famosos foram o Conselheiro Viena de Magalhães e sua esposa, a Condessa de Belmonte, mãe adotiva de Dom Pedro II, que deram nomes a ruas do bairro. Um outro importante fato, como acima dito, foi a descoberta de ouro na região, nas proximidades da Rua Frei Fabiano, nas encostas do famoso "Morro do Vintém", fama esta adquirida em razão dos altos pagamentos feitos aos escravos libertos e pretos novos, pelos trabalhos de exploração do ouro descoberto.

Atualmente, o bairro está totalmente tomado pela urbanização e por área residencial, constituída, em sua maioria de casas típicas dos subúrbios do Rio de Janeiro. No seu entorno, encontramos os dois aglomerados urbanos mais famosos da região, as favelas do Jacaré e Jacarezinho.

O Rio Jacaré segue seu curso após o Engenho Novo, pelo bairro de Jacaré, e Manguinhos, pelo interior da Comunidade do Jacarezinho, quase 80% de sua calha atualmente está a céu aberto, e suas águas constituídas, em sua maioria por esgotos e águas pluviais. No interior da favela do Jacarezinho, na Rua Alvares de Azevedo recebe as águas dos **Rio Salgado**, que nasce no Meier, na altura da Rua Torres Sobrinho. E também constituindo um importante contribuinte deste curso hídrico, cruzando os bairros do Meier, Cachambi e Jacaré, desaguando, por fim no rio deste mesmo nome. Quase às margens da área de propriedade da Fundação Oswaldo Cruz, e Manguinhos, o Rio Jacaré encontra o **Canal Faria-Timbó**, para, posteriormente, chegar até a sua foz, no **Canal do Cunha**, onde é visto pela maioria dos visitantes da Cidade, quando passam pela Avenida Brasil, na altura da Refinaria de Manguinhos. Por fim, o Canal do Cunha deságua na Baía de Guanabara, terminando o fluxo deste rio que já foi de grande importância para o escoamento da produção rural do Engenho Novo, juntamente com o **Rio Faria**.

facilitando, posteriormente, a ocupação imobiliária do local. Escravos libertos construíram precárias moradias no Morro dos Pretos Forros, onde hoje encontramos as encostas da autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, ampliando a ocupação da região. Mais tarde, a colonização foi acelerada com a descoberta de ouro na região. Um dos mais ilustres moradores do bairro era o Ministro Conselheiro Couto Ferraz, o Barão de Bom Retiro. Seu nome tem origem na sua bela chácara do Bom Retiro, que fazia limite com a do fazendeiro Antônio Pereira de Sousa Barros, o Barão do Engenho Novo. Em sua homenagem, a estrada do Cabuçu foi rebatizada de rua Barão do Bom Retiro. Outros moradores famosos foram o Conselheiro Viena de Magalhães e sua esposa, a Condessa de Belmonte, mãe adotiva de Dom Pedro II, que deram nomes a ruas do bairro. Um outro importante fato, como acima dito, foi a descoberta de ouro na região, nas proximidades da Rua Frei Fabiano, nas encostas do famoso "Morro do Vintém", fama esta adquirida em razão dos altos pagamentos feitos aos escravos libertos e pretos novos, pelos trabalhos de exploração do ouro descoberto.

Atualmente, o bairro está totalmente tomado pela urbanização e por área residencial, constituída, em sua maioria de casas típicas dos subúrbios do Rio de Janeiro. No seu entorno, encontramos os dois aglomerados urbanos mais famosos da região, as favelas do Jacaré e Jacarezinho.

O Rio Jacaré segue seu curso após o Engenho Novo, pelo bairro de Jacaré, e Manguinhos, pelo interior da Comunidade do Jacarezinho, quase 80% de sua calha atualmente está a céu aberto, e suas águas constituídas, em sua maioria por esgotos e águas pluviais. No interior da favela do Jacarezinho, na Rua Alvares de Azevedo recebe as águas dos **Rio Salgado**, que nasce no Meier, na altura da Rua Torres Sobrinho. E também constituindo um importante contribuinte deste curso hídrico, cruzando os bairros do Meier, Cachambi e Jacaré, desaguando, por fim no rio deste mesmo nome. Quase às margens da área de propriedade da Fundação Oswaldo Cruz, e Manguinhos, o Rio Jacaré encontra o **Canal Faria-Timbó**, para, posteriormente, chegar até a sua foz, no **Canal do Cunha**, onde é visto pela maioria dos visitantes da Cidade, quando passam pela Avenida Brasil, na altura da Refinaria de Manguinhos. Por fim, o Canal do Cunha deságua na Baía de Guanabara, terminando o fluxo deste rio que já foi de grande importância para o escoamento da produção rural do Engenho Novo, juntamente com o **Rio Faria**.



*Nascente do Rio Jacaré, na Av. Menezes Côrtes, (Grajaú Jacarepaguá)
vertente do morro do Elefante.*

RIO MEIER

Um dia já navegável.

Levando o nome do bairro de sua nascente, também já foi um rio de grande importância para a região. Hoje pode ser visto no final da Rua Dias da Cruz, esquina com a rua Intendente Cunha Menezes. Segue em direção ao Rio Faleiro, em Inhaúma, cruzando o final do Bairro do Engenho de Dentro e, em seguida, após encontrar o Rio Faleiro, segue pelo canteiro central da Linha Amarela, até encontrar o Canal do Cunha. Este rio também já foi um importante condutor de cana de açúcar, até a Baía de Guanabara, onde encontrava as embarcações maiores para a remessa da cana ao exterior. Além da cana, muitos outros produtos também eram escoados dos Engenhos Novo e de Dentro. Nos dias atuais, segue a céu aberto até a Rua Luis João Cordioli, daí é canalizado, passa por baixo da Rede Ferroviária e segue até a Rua Dona Tereza, no Engenho de Dentro, onde corre novamente a céu aberto até a Rua Comendador João Carneiro de Almeida, e Henrique Scheid, para, finalmente, encontrar a sua foz, no Rio Faria, no canteiro Central da Linha Amarela, altura dos bairros de Todos os Santos e Pilares.



Rua Dias da Cruz, construção de ponte sobre o Rio Meier.



Rio Meier, canal aberto na Rua Intendente Cunha Bueno.

RIO DOS FRANGOS



O bairro do Engenho de Dentro já foi quase todo banhado pelas águas do Rio dos Frangos, que ainda pode ser visto serpenteando as ruas do bairro, a céu aberto. Infelizmente suas águas já não são mais aproveitáveis, nem mesmo para a agricultura, extinta no local. Sua nascente está localizada na Serra dos Pretos Forros, nas proximidades da Rua Camarista Meier, onde havia um pequeno quilombo, de escravos refugiados, da Mina de Ouro do antigo morro do vintém,²⁶ nas planícies da Fazenda do Engenho Novo, de propriedade do Barão do Engenho Novo.

Naquele local, em razão da quantidade de trabalho, muitos escravos foram utilizados na extração do ouro da mina. Com o encerramento das atividades, os escravos se refugiaram na Serra dos Pretos Forros, nas proximidades da nascente do rio dos Frangos. O rio ainda pode ser visto com sua mata ciliar preservada, no interior das instalações do Antigo Hospital Pedro II, na Rua Ramiro Magalhães, quase esquina com Rua Doutor Lea e nas ruas que cortam o bairro do Engenho de Dentro. O Rio dos Frangos ainda continua seu curso pelo bairro, segue em direção à Rua Amaro Cavalcanti, nas proximidades da Praça do Gari, para em seguida, cruzar a Rede Ferroviária, em calha aberta, passando pela Rua Goiás e Rua Bento Gonçalves, já em Todos os Santos, para, finalmente, desaguar em sua foz, na Linha Amarela, no **Rio Faria**, seguindo, então, para a Baía de Guanabara.



²⁶ **DECRETO N. 6844 - DE 23 DE FEVEREIRO DE 1878 - Concede autorização ao Barão do Engenho Novo, para explorar jazidas de ouro no município neutro.**

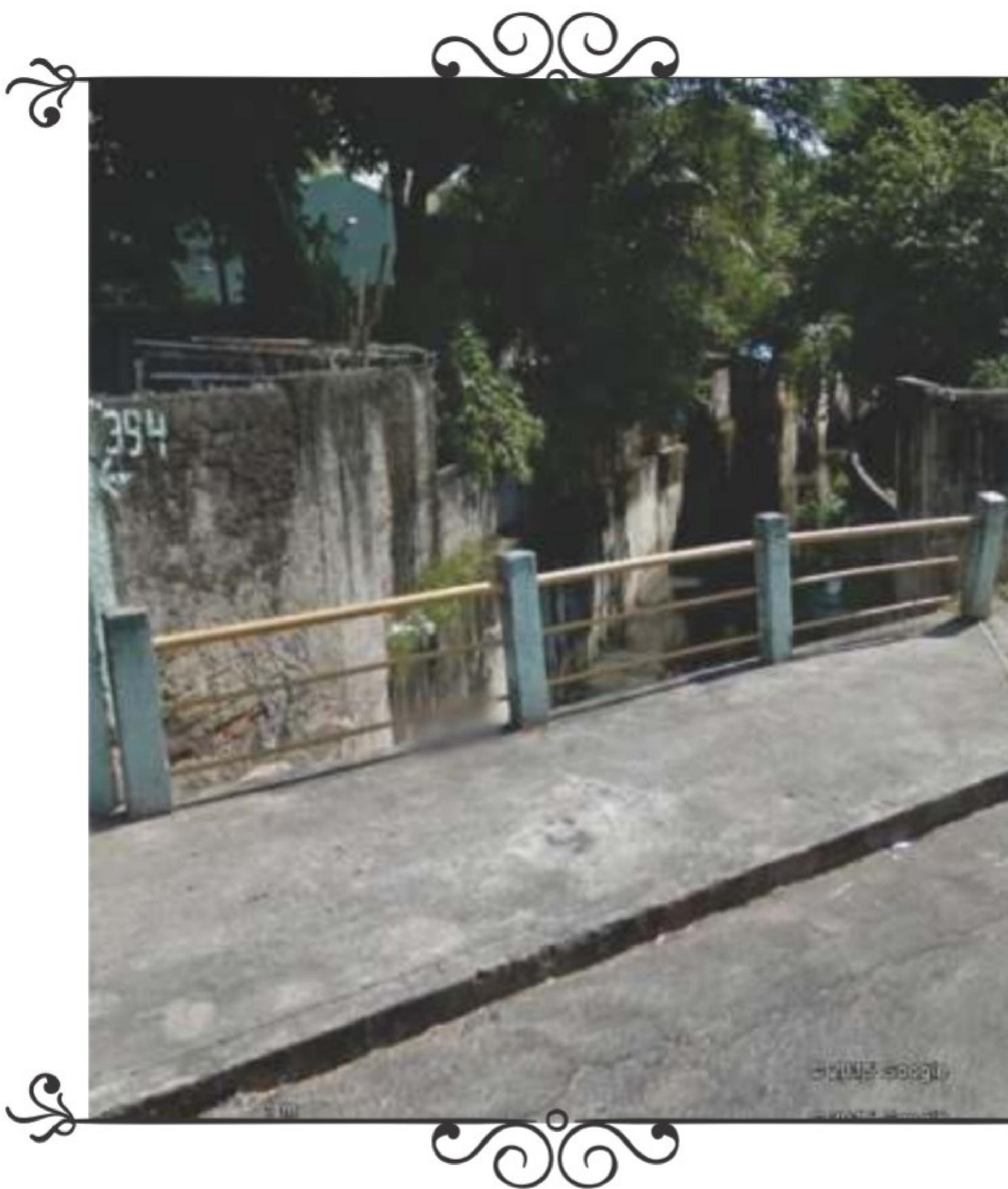
Atendendo ao que Me requereu o Barão do Engenho Novo, Hei por bem conceder-lhe autorização para explorar jazidas de ouro em terrenos de sua propriedade, no lugar denominado - Morro do Vintem - freguezia do Engenho Novo, do município neutro, sob as clausulas que com este baixam, assignadas por João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, do Meu Conselho, Senador do Imperio, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 23 de Fevereiro de 1878, 57º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú.”

Fonte: Senado Federal



Rio dos Frangos, no Engenho de Dentro, nas proximidades da Rua Doutor Leal.

RIO FARIA

Outro importante contribuinte dos engenhos Jesuítas.

O Rio Faria, que nasce na Serra da Misericórdia, em Água Santa, na APA (Área de Proteção Ambiental) do Várzea Country Clube, altura da Rua Fontoura Chaves, percorre bairros do subúrbio do Rio de Janeiro, iniciando por Água Santa, Piedade, Engenho de Dentro, onde recebe as águas do Rio dos Frangos, e do Rio Meier e finalmente, recebendo as águas do Rio Faleiro, já sob o canteiro central da Linha Amarela, reunindo as águas dos rios Faleiro, Frangos, Meier e Riacho da Covanca. O volume d'água do Rio Faria, cresce em razão da contribuição destes rios, que, em seguida, formam o Rio Faria, terminando por desaguar no canal Faria –Timbó. Seu percurso vai desde o bairro de Inhaúma, nas proximidade do cemitério, até Higienópolis, onde encontra o referido. No século XVI, esta região era povoada por importantes aldeias indígenas tupinambás, e valeram de grande suporte para o abrigo dos franceses nas diversas invasões da cidade. As praias de Inhaúma e São Cristóvão, constituíam importantes vias de acesso a esta região.

O Rio Faria também foi um grande colaborador no escoamento da produção dos Engenhos Novo e Velho da região hoje, considerada Grande Meier. Pelo Faria, desciam as embarcações lotadas de braçadas de cana, caixotes de hortaliças, frutas, etc. Além de possuir, como o rio Jacaré, um curso bastante sinuoso, o Rio Faria facilitava a navegação, principalmente pelo fácil fluxo de suas águas, mesmo em trechos sinuosos. Este também já foi um rio de grande importância para as fazendas desta região e auxiliava o escoamento da cana-de-açúcar e demais produtos hortifrutigranjeiros até o Porto de Inhaúma. Os jesuítas receberam uma área de uma légua e meia do rio Iguaçu (atual Comprido) até a tapera²⁷ chamada de Inhaúma. Nela estabeleceram engenho e lavouras e escoavam as mercadorias pelo Porto de Inhaúma, depois aterrado, no atual bairro da Maré.



Rio Faria, às margens da Linha Amarela.

RIO TIMBÓ

Timbó, segundo o Dicionário Aurélio é palavra de origem tupi que significa "o que tem cor branca ou cinzenta"; "vapor", "exalação" ou "fumaça"²⁸. O Rio Timbó é um irmão do Rio Faria e, por vezes, muito conhecido como **Canal Faria-Timbó**, com nascente nas proximidades do Morro do Inácio Dias, onde pode ser visto, a céu aberto, cruzando a Rua Padre Manuel da Nóbrega, na altura do nº 1084, no Bairro de Quintino e em seguida os bairros de Tomás Coelho e Inhaúma, para enfim, desaguar no **Rio Faria**, na Altura da passarela de Inhaúma, e a partir daí, leva o nome de **Canal do Faria Timbó**, e continua o seu curso pelo canteiro central da Linha amarela, para em seguida, rumar para sul, no entorno do abrigo Cristo Redentor e mais adiante, encontrar o **Rio Jacaré**, para cruzar a Avenida Brasil no famoso Canal do Cunha. Também constituiu um importante contribuinte para a irrigação das fazendas locais além de suas águas serem utilizadas pelos futuros moradores do local, no processo de urbanização dos bairros daquela região.

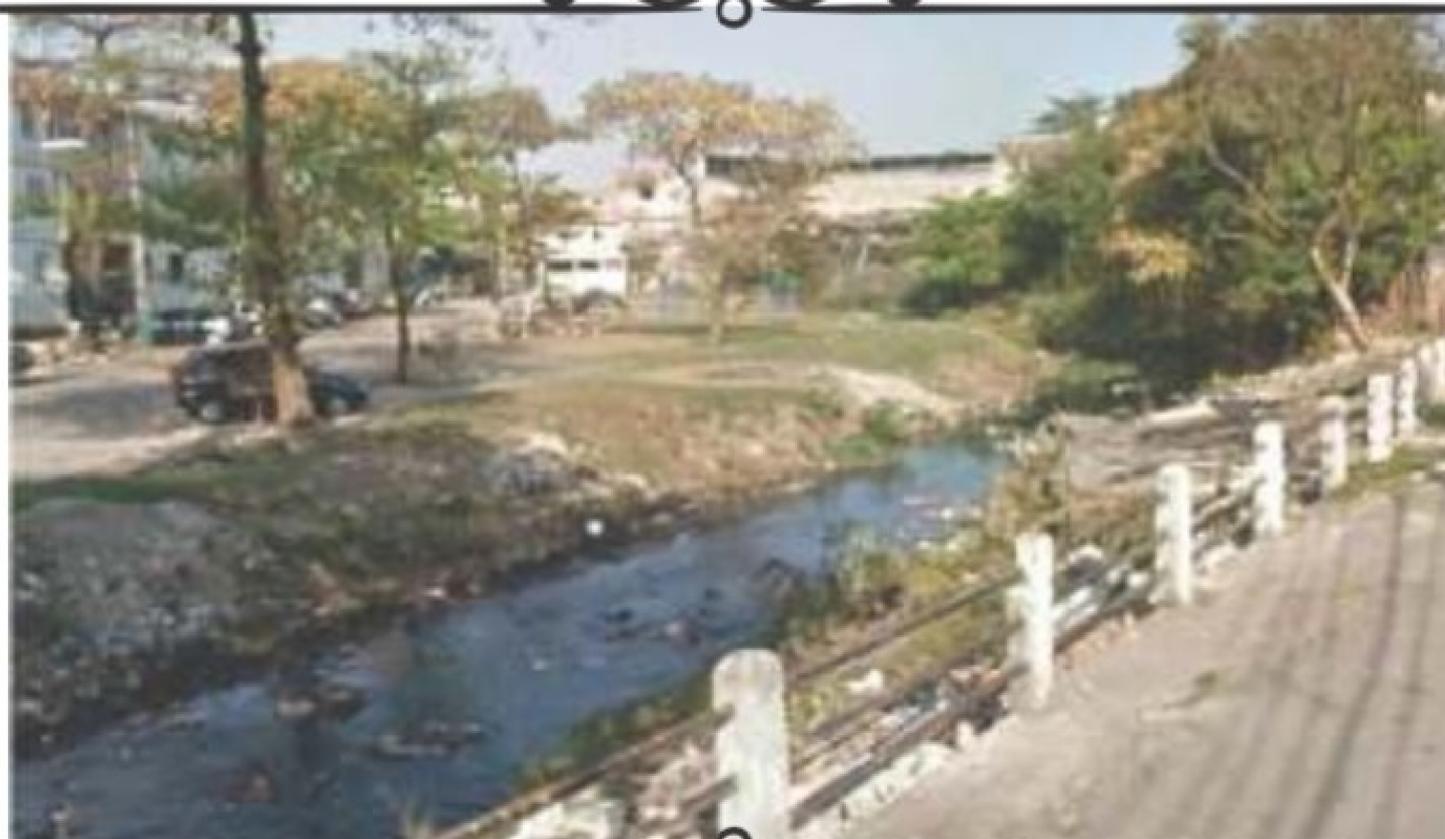


Rio timbó, cruzando a estrada do mesmo nome.

²⁸ O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa corresponde (3ª. edição) SP, Editora Positivo, 2004

RIO SALGADO

Este também já foi um rio de grande importância para a região do Méier, Cachambi e adjacências. Verte da Serra dos Pretos Forros, canalizado até a Rua Enéas Galvão, quando então surge, a partir da Rua Capitão Rezende, seguindo pela esquerda na Rua Cristiana, a descoberto, até a sua foz, no **Rio Jacaré**, na Comunidade de Jacarezinho, ao lado do CIEP Chanceler Williy Brandt. Este rio servia às fazendas do local, principalmente para a irrigação das hortas e plantações. Hoje, está totalmente assoreado e basicamente transformou-se em um canal de esgoto sem qualquer tipo de tratamento. Seu grau de poluição aumenta ainda mais, quando se aproxima da favela do Jacarezinho, onde sua calha aumenta e recebe muitos resíduos sólidos.



Rio Salgado, no interior da Comunidade do Jacarezinho.

RIÃO DOM CARLOS

Um rio muito escondido, no bairro do Caju, um dos que já foi um importante ponto de frequência da família real portuguesa. Neste local, D. João VI vinha banhar-se nas lindas praias do Caju.

Um dos primeiros habitantes deste local, excluindo-se, é claro, os índios Temiminós, foi um próspero comerciante português, José Gouveia Freire, que vendeu sua propriedade para Sua Majestade D. João VI, que necessitava se banhar nas águas curativas daquela região, uma vez que tinha sido mordido por um carrapato. Muitos portugueses que vieram com a corte para o Brasil, se abrigaram no bairro, que era composto de diversas praias, com água cristalina e areias brancas, como a praia de São Cristóvão (onde está localizada a igrejinha de S. Cristóvão) e a praia do Caju, onde até hoje é preservada a antiga Quinta, onde D. João se banhava, conhecida como Casa de Banho, transformada em museu da Comlurb. O prédio (uma casa térrea de arrabalde) é um raro exemplar da arquitetura do final do século XVIII ou início do século XIX.

A região também ficou famosa pela construção do primeiro cemitério público da cidade, que substituiu o que estava localizado na Praia de Santa Luzia, onde hoje está instalado o prédio da Santa Casa de Misericórdia, na Rua Santa Luzia.

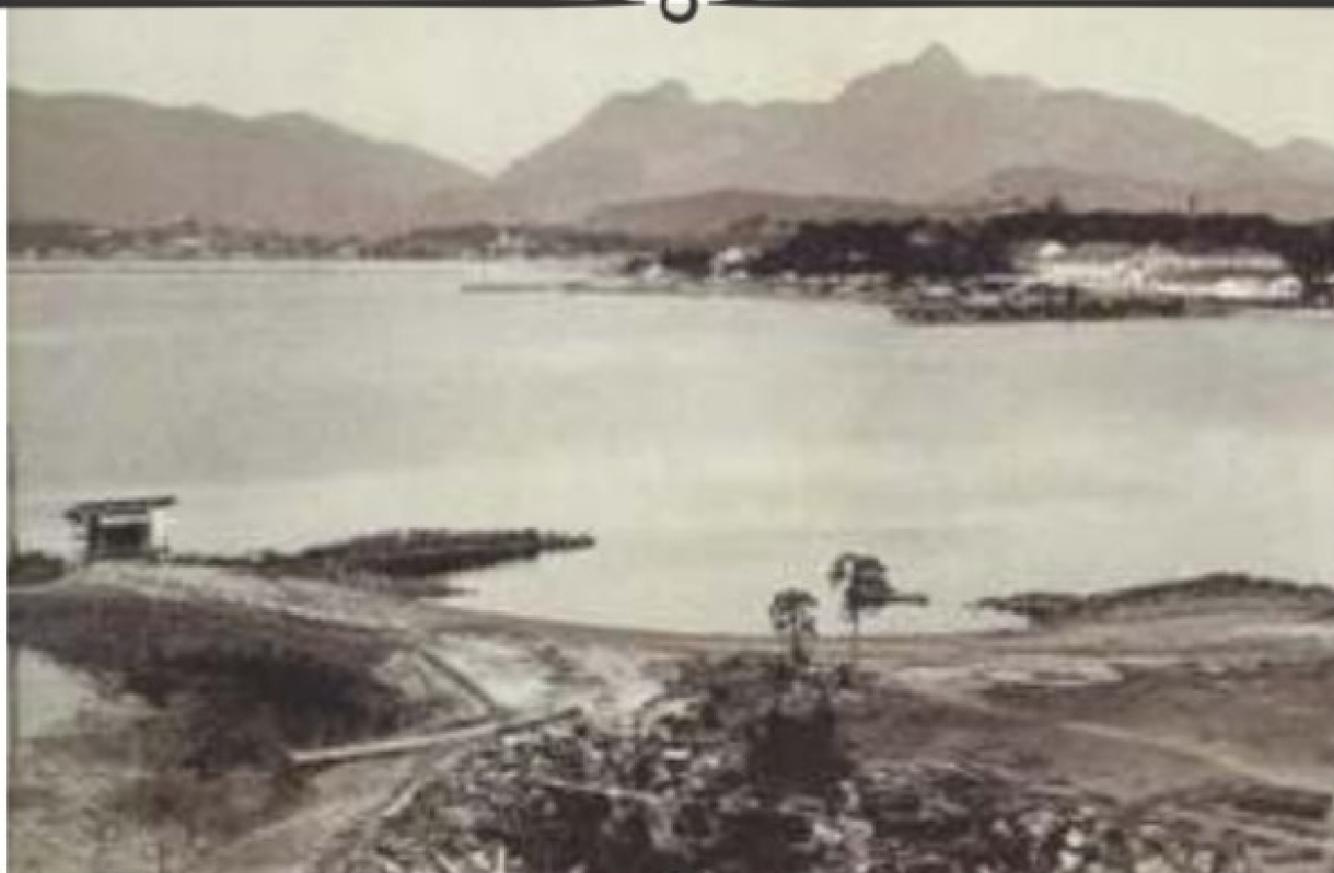
Nesta região, no Caju, o **Rio Dom Carlos** já deve ter feito sucesso, principalmente para os banhistas que faziam uso desta região para se livrar das doenças da época através dos banhos de mar. Certamente um banho de água doce, em seguida, era uma atração peculiar do local.

Hoje, porém, ao lado de quem ingressa ou sai da Cidade do Rio de Janeiro, o **Dom Carlos** está esquecido. Após a abertura da Avenida Brasil, a construção do Porto do Rio e a edificação da Ponte Rio-Niterói, o local foi objeto de grandes aterros para a atividade portuária e retroportuária. Com nascente localizada na Barreira do Vasco, o rio Dom Carlos hoje é formado por dois canais. O primeiro se inicia no muro divisório do Cemitério de São Francisco Xavier (Cemitério do Caju), e o outro, quase às margens do início da rampa de acesso à Linha Vermelha, na Avenida Brasil, entre as

comunidades de Parque Vitória e Parque Boa Esperança. O rio segue na altura do terminal de containers, no sentido norte, em direção ao Canal do Cunha, na área de logística, nas proximidades da antiga refinaria de Manguinhos, com acesso pela nova entrada do Porto do Rio. Infelizmente, mais um rio totalmente morto, constituindo, hoje, de apenas esgoto in natura e matéria orgânica em decomposição.



Rio Dom Carlos, foz no Canal do Cunha. (Foto: Google Earth)



Praia do Caju, antes dos aterros. (autor desconhecido)

SUB-BACIA DOS RIOS ACARI/PAVUNA/MERITI

RIO ACARI – Limite de bacias, municípios e regiões.

Os **Rios Pavuna e São João de Meriti** fazem limites geográficos com o Município de São João de Meriti e Duque de Caxias. Na verdade, **o Rio Pavuna** recebe as águas do **Acari**, para, posteriormente, contribuir para o **Rio São João de Meriti**. A sequência é Pavuna, Acari, Meriti. Neste local, os rios se reúnem e recebem contribuições, inclusive da Bacia do **Rio Irajá**, além dos canais e valas da região.

A bacia hidrográfica do **Rio Acari** recebe importantes contribuições de rios que cruzam o subúrbio da cidade. Mas, além desta peculiaridade, este rio ainda mantém uma característica que lhe é única. Ele consegue dividir a Zona Oeste da Zona Norte da Cidade sua foz está localizada no **Rio Meriti**, limite fronteiro entre os Municípios do Rio de Janeiro e São João de Meriti, e ainda é um dos maiores rios da Cidade. O **Rio Acari**, na verdade, é composto por diversos contribuintes e ganha maior volume d'água quando se aproxima de sua foz no **Rio Meriti**, na Baía de Guanabara. Os bairros da zona da Leopoldina são, em especial, bairros de grande tradição cultural, notadamente no que se refere ao samba. A área, nos séculos XVIII e XIX, pertencia a grandes fazendas e engenhos. Os dois bairros de grande destaque são Madureira e Vila Valqueire. Este último possui uma nomenclatura com histórico conflituoso, porém muito interessante. Vila Valqueire era conhecida como o Alqueire nº "V", ou melhor, o "V Alqueire". A toponímia da época terminou por incorporar a letra V ao vocábulo alqueire, com o nome estabelecido até hoje. O loteamento de Vila Valqueire, foi edificado no início das décadas do século XX e seus urbanistas tiveram o carinho de nomear as ruas do bairro com nomes de flores. Em tempos anteriores a região era conhecida como o Engenho do 5º Alqueire, que pertencia ao Sr. Francisco Teles, avô de Geremário Dantas, um grande proprietário de terras naquela região. O caminho também era cortado pelo

importante Caminho Real, ou Estrada Real, que ligava o Palácio de São Cristóvão à Fazenda de Santa Cruz. No local, o contribuinte mais famoso é o **Rio Valqueire**, que hoje nasce no morro do mesmo nome, juntamente com o Rio das Pedras (de Coelho Neto), ambos contribuintes do Rio Acari. O **Rio Valqueire** nasce nas vertentes do morro do Cachambi e surge aberto na Avenida Jambeiros, em Vila Valqueire, seguindo em direção à Marechal Hermes, cruzando a Estrada Intendente Magalhães, terminando por desaguar no **Rio Tinguí**, que segue também aberto, já no bairro Marechal Hermes. Aí recebe as águas do **Rio Sapopemba**, do **Rio Calogi** e do **Rio das Pedras de Coelho Neto**, que terminam por desaguar na cabeceira do **Rio Acari**, já no interior da comunidade. Além destes rios, o Acari também recebe contribuição do **Rio dos Cachorros II**, que nasce na serra de Irajá, e desce pela vertente sul, margeando a da atual CEASA, indo desaguar no **Rio Acari**, já na altura da Rodovia Presidente Dutra.



Foz do Rio Calogi no Rio Acari



Rio Sapopemba, ao lado do Piscinão de Deodoro.



Rio Valqueire, em canal aberto na Av. Dos Jambeiros em, Vila Valqueire.





Canal aberto do Rio Tinguí, em Marechal Hermes.

Em Vigário Geral, o **Rio Cambuí** também constitui um dos contribuintes do Rio São João de Meriti, nascendo no Morro do Sapê e vertendo para a Baía de Guanabara, sendo sua foz no **Rio São João de Meriti**.

Além dos rios da Zona da Leopoldina, que também vertem para o **Rio Irajá**, alguns rios da Zona Oeste, também levam suas águas até o **Rio Acari**, como os Rios **Marangá** e **Arroio dos Afonsos**, que na altura do bairro de Deodoro, cruzam a Avenida Brasil, e podem ser vistos em pequenas quedas, seguindo em direção ao Acari. Além destes, ainda podemos encontrar o Rio **Sapopemba**, que recebe, tanto as águas do **Marangá** e do **Arroio dos Afonsos**, como também as do **Rio Valqueire**, para, logo em seguida, desaguar no **Acari**.

Além destes, nas cabeceiras do **Acari**, ainda encontramos os Rios **Piraquara** e **Caranguejo**, que nascem no maciço da Pedra Branca e vertem para a sub-bacia do Acari, cruzando os bairros de Realengo e Magalhães Bastos, vindo a desaguar no **Rio Marinho**, já na Avenida Brasil. Também podemos conferir o **Rio Catarino**, que nascendo no maciço da Pedra Branca, na vertente Norte, cruza o Bairro de Padre Miguel, sob a comunidade de Vila Vintém, indo até a sua foz, no **Rio Marinho**, às margens da Avenida Brasil, na altura da Rua Belém, em Realengo.

Já o **Rio Marinho**, na altura da Comunidade do BATAN, recebe as águas do **Piraquara**, passando a se chamar, em Magalhães Bastos, na altura do viaduto da Transolímpica, Rio **Marangá**, onde prossegue, com este nome até a sua foz no **Rio Acari**.

Como verificamos, o **Rio Acari** é composto por diversos contribuintes, constituindo uma importante sub bacia hidrográfica do Município do Rio de Janeiro.

Nestas áreas, em geral tomadas por grandes pastagens e plantações, os rios do local serviam para irrigar a região, como também para facilitar o transporte do material recolhido. Os bairros de Campo Grande e Santa Cruz, ainda mantêm a característica de ruralidade, característica esta que se estendia até as fazendas do Engenho Novo.

Falar um pouco sobre os rios desta região, é recordar o árduo trabalho que os antigos agricultores desenvolviam nestas antigas áreas rurais. A maioria das glebas na zona da Leopoldina, eram ocupadas por fazendas produtivas, que seguiam os ciclos econômicos do País. Na maioria, os engenhos e fazendas acompanhavam o fluxo da economia local. A cana de açúcar foi uma das grandes vedetes das linhas de produção. Mas o café, os cítricos e hortifrutigranjeiros também já estiveram presentes naquela região.

O **Rio Acari**, como já vimos, nasce na Serra do Gericinó, na Zona Oeste da Cidade, e corta os subúrbios do Rio de Janeiro, vindo a desaguar no **Rio Meriti**, que faz divisa entre o Município de Duque de Caxias. É um dos maiores rios da Cidade e atualmente está pouco assoreado, sua calha vem recebendo obras de dragagem em limpeza e em alguns pontos ainda podemos encontrar a sua mata ciliar (vegetação que ocorre às margens do rio). Há relatos (no Wikipedia), de ocorrência de alguns jacarés de papo amarelo (*Cayman latirostris*) no rio, além de muçuns (*Synbranchus marmoratus*) e pequenos camarões de água doce (Pitus - *Macrobrachium carcinus*). A corruptela "Acari" é um termo com origem na língua Tupi e significa "rio dos acarás", através da junção dos termos aka'ra (acará) e 'y (rio). A palavra Acari também representa um nome de um peixe, da ordem dos siluriformes (bagres e cascudos), muito conhecido da população ribeirinha e com carne extremamente saborosa. (*Hyppostomus sp.*) Talvez, o seu nome venha em razão de possível ocorrência deste peixe no local. Os



Peixe Acari (Hyppostomus sp.)

Ainda nos dias atuais, podemos conferir, que, às margens de alguns rios deste local, como o caso dos Rios **Orfanato, das Pedras, Ninguém e Sanatório**, ambos das regiões e arredores de Madureira, Oswaldo Cruz, Bento Ribeiro e Honório Gurgel, também vertem para o Rio Acari, sua foz definitiva.

Estes rios foram o sustentáculo da produção rural local, abasteciam e irrigavam a região, que era muito próspera em áreas alagadiças, onde se cultivavam hortaliças. Uma peculiaridade interessante é que parte desta tradicional prática do final do século XIX e início do XX, ainda ficou inteiramente preservada e pode ser conferida no Bairro de Madureira, em plena expansão urbana e ainda tomado por um grande número de população local. Neste lugar, especificamente entre as ruas João Romeiro e Ernani Cardoso, logo abaixo das linhas de transmissão da concessionária de energia local Light, poderemos conferir a presença de hortas comunitárias, às margens do **Rio Ninguém**. Em seguida este mesmo rio vai de encontro **ao Rio Orfanato**, na altura da Estação de Oswaldo Cruz, da ferrovia Supervia, para, posteriormente, encontrar o **Rio Fontina**, em Bento Ribeiro. Em seguida, segue em direção ao bairro de Rocha Miranda, e nas proximidades da Praça Oito de Maio, sob os trilhos da Supervia, recebe as

águas dos rios **Fontina e Sanatório**. Neste ponto, atrás do muro da Rede Ferroviária, há outro local remanescente da região de hortifrutigranjeiros. Já no bairro de Honório Gurgel, na altura da Estação de Rocha Miranda, mais adiante, o rio passa a se chamar **Rio das Pedras**, terminando por cruzar o bairro de Coelho Neto e por fim, desaguar no Rio Acari.

O **Rio Pavuna** também é um rio de grande importância da região, recebendo as águas do **Rio Pau** e do **Rio Cabral**, ambos vertentes do Morro do Periquito e do Campo do Gericinó. Em seguida, recebe as águas do **Rio Anchieta**, que nasce no Morro do Carrapato, cruza a área militar, os bairros de Ricardo de Albuquerque e de Anchieta, para finalmente, desaguar no Rio Pavuna, cujo nome original era São João da Pavuna. Possui catorze quilômetros de comprimento e nasce no Pântano do Sítio do Retiro, na Serra de Bangu, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Percorre o município de São João de Meriti e retorna ao Rio de Janeiro no bairro da Pavuna, na altura do viaduto da Pavuna e da Rua professor Lindolfo Gomes, seguindo margeando a Baía de Guanabara até encontrar a sua foz, no Rio Acari. Infelizmente, o Rio Pavuna, pouco depois de sua nascente, já passa a receber esgoto *in natura* e despejos de resíduos industriais. Seu fluxo foi retificado em vários pontos e suas margens ou sofrem com grandes processos erosivos ou pelo alto índice de urbanização dos municípios do Grande Rio de Janeiro.



Rio Acari, Av. Brasil, após obras de saneamento.

RIO IRAJÁ

Uma pote de mel e uma rota de tráfico que foi esquecida.

O nome Irajá, segundo Teodoro Sampaio²⁹ é “o mel brota”, ou ainda para muitos, “o que está repleto de mel”, ou “cunha de mel”. Esta designação deriva de uma aldeia dos Tupinambás, na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, cujo nome era idêntico. Segundo SAMPAIO o nome também se referia à abelha maduriá, que tomou por base, a etimologia de uma localidade de mesmo nome, na região sul do Brasil. Contudo, o nome de origem do local não era Irajá, e sim *Mby-ry-ty*, ou Meriti. O nome Irajá talvez tenha sido adaptado da língua dos Tupinambás, que eram escravizados para o trabalho braçal nos engenhos daquela região. Como a cana de açúcar, produzia um melado semelhante ao mel e as fazendas locais eram dominadas pelos Jesuítas, estes colonos, certamente utilizaram a língua coloquial e atribuíram ao local o nome de Irajá.

A região do Rio Irajá, já pertenceu a uma das mais antigas sesmarias doadas pela Coroa Portuguesa aos primeiros colonizadores. Estas terras integravam o Engenho de Nossa Senhora da Ajuda, um dos mais antigos da cidade. Este rio também foi de grande importância para a irrigação das terras dos Jesuítas, e ainda para a condução do material destinado à construção da mais antiga igreja matriz da Cidade do Rio de Janeiro, atual Nossa Senhora da Apresentação de 1613, situada na principal colina do bairro, ao lado do Cemitério de Irajá.

No local, um rio, também de grande importância para a navegação da época, contribuiu em muito para o tráfico de cana de açúcar e demais matérias primas, principalmente por favorecer o caminho destinado às lagoas da Barra da Tijuca e Jacarepaguá, pelo caminho que existia no interior das fazendas do Visconde de Asceca e do Barão da Taquara. Em geral, os produtores de cana daquela localidade, visando burlar a fiscalização tarifária na Barra da Baía de Guanabara, escoavam clandestinamente a produção de cana de açúcar pelo Rio Irajá em pequenas

embarcações, até chegarem às fazendas do Visconde de Asceca, na região onde se encontra o Bairro da Praça Seca. Na verdade o nome daquele bairro deriva de “praça do Visconde de Asceca”, que na língua vulgar ou até mesmo em um pobre galicismo, passou a figurar como “Praça Sêca”. A partir daquele bairro, a cana era levada em mulas até o Rio Grande, em Jacarepaguá, que desaguava, por fim, na Lagoa da Tijuca, por onde os traficantes levavam a cana sem serem tributados pelos fiscais que estavam localizados na barra da Baía de Guanabara. Outro importante local, para pouso das tropas e mulas, era o famoso Largo do Bicão, onde os usuários do Rio Irajá, costumavam pousar, para dar sequência à viagem rumo aos sertões cariocas.

Este rio também recebe as águas de muitos outros contribuintes que foram de grande importância para a agricultura na região, principalmente para o abastecimento dos engenhos locais. Nesta sub-bacia hidrográfica, é importante destacar a famosa vala da Penha, ou Canal da Penha, no bairro de mesmo nome, que está localizada às margens da Av. Brasil, entre os bairros de Ramos e Penha, que também recebe as águas dos **Rios Nunes** e **Escorremão**, que nascem na vertente da Serra da Misericórdia. O **Rio Escorremão** desce a Rua Belisário Pena, totalmente canalizado, até a sua foz no Canal da Penha, na Avenida Brasil. E o **Rio Nunes**, já no Bairro de Olaria, pode ser visto em aberto, na Rua Darcy Bittencourt Costa, seguindo após, canalizado pela Rua Doutor Nunes até sua foz, no canal da Penha na Av. Brasil. Ambos pertencem à subbacia hidrográfica do Rio Irajá.

Outro rio também importante na região é o **Rio Quitungo**, que nasce em Vila Cosmos, na Serra do Juramento, desce a Av. Meriti, cruza a Vila da Penha, pela Rua Oliveira Belo e sua ciclovia, e na altura da Comunidade de Chega Mais e Cantinho do Rio encontra o Rio Irajá. Outro rio também contribuinte do Irajá, é o **Rio Arapogi**, que nasce na avenida do mesmo nome e por ela desce até a Avenida Antônio Ferraz, para aí, encontrar a sua foz, no Rio Irajá. Já o **Rio Bicas** nasce na altura da Rua Barão de Jaguari e encontra a sua foz, no **Rio Irajá**, na altura da Rua Padre Roser.



Rio Arapogi, na Avenida de mesmo nome.

RIO RAMOS

Também é titular de uma pequena sub-bacia hidrográfica que leva o seu próprio nome, e nasce nas proximidades da Rua Tupi, e na altura da Rua Nossa Senhora Das Graças, esquina de tupinambás, segue em canal aberto, até a rua Juazeiro, quando novamente é canalizado e ressurge na altura da Avenida dos Campeões, quando segue novamente em canal aberto, até a Avenida Brasil. Daí segue em direção ao Complexo da Maré e desagua na Baía de Guanabara, sob a Linha Vermelha, na altura do 22º BPM, e logo após o CIEP da Maré. Se observarmos a sua foz, na Baía de Guanabara, encontraremos uma clareira na mata ciliar e no manguezal de franja.



Rio Ramos, na Avenida dos Campeões. (Foto: Google Earth)



Rio Ramos, Foz no Canal do Cunha, Baía de Guanabara. (Foto: Google Earth)

SUB-BACIA DO RIO SARAPUÍ

RIO SARAPUÍ

O nome SarapuÍ possui origem indÍgena e deriva de "çarapó-y", que significa rio dos sarapós, espécie de peixes escorregadios de água doce. (*Gymnotus carapo*).

Este rio talvez seja mais conhecido nos municípios da Baixada Fluminense e muito pouco conhecido na cidade do Rio de Janeiro. Mas sua nascente está localizada na Serra de Bangu, com vertente para o **Rio Iguaçu**, até a Baía de Guanabara. Podemos encontrar o seu início, no final da Rua Mucuripe, no bairro de Senador Camará, ainda com o nome de **Rio Registro**. Neste ponto, podemos atravessar o rio com um único salto, pois a distância máxima entre suas margens não ultrapassa um metro. Suas águas ainda são transparentes neste local. Ainda em Senador Camará, o **Rio Registro** encontra as águas do **Rio Viegas**, na altura da Praça da Caserna, próximo ao morro do Sossego. Seguindo assim, cruza os bairros de Senador Camará e Bangu até encontrar o **Rio do Lúcio e o Rio das Tintas**, na altura da Rua Araruama, em Bangú. Em seguida, o **SarapuÍ** segue pela Avenida Doutor Maria Estrela, cruza a Avenida Brasil, na altura da Vila Catiri, circunda o Aterro Sanitário de Gericinó, cruza a área Militar de Gericinó e em seguida, vai em direção aos Municípios de São João de Meriti e Duque de Caxias, para, enfim, desaguar no Rio Iguaçu, Já nas proximidades da Baía de Guanabara.



Peixe Sarapó (Gymnotus carapo)

MICRO-BACIA DA ILHA DO GOVERNADOR

RIO JEQUIÁ

Neste local insular, apesar de muita história, poucos rios são encontrados. Sendo o principal e talvez único com condições de rio, o Jequiá, que nasce no Morro da Bica, no bairro do Cacuia, e deságua no famoso Manguezal do Jequiá, na Baía de Guanabara. Jequiá deriva do nome Jequi, que é uma armadilha para peixes, em forma de cesto, confeccionada com palha de tabôas. A região da Ilha do Governador já foi habitada, inicialmente pelos índios Temiminós. Já recebeu o nome de Ilha de Paranapuã, sendo também chamada de Ilha dos Maracajás (espécie de grandes felinos, então abundantes na região), pelos Tamoios, inimigos dos Temiminós. Terra natal de Araribóia, foi abandonada pelos Temiminós em consequência dos ataques dos inimigos Tamoios e traficantes franceses de pau-brasil, os quais foram definitivamente expulsos em 1567, pelos portugueses. O atual nome, Ilha do Governador, surgiu somente a partir do dia 5 de setembro de 1567, quando o Governador Geral do então Estado do Brasil (e interino da Capitania do Rio de Janeiro), Mem de Sá, doou ao seu sobrinho, Salvador Correia de Sá (o Velho), Governador e Capitão-general da Capitania Real do Rio de Janeiro de 1568 a 1572), mais da metade do seu território. Correia de Sá, futuro governador da capitania, transformou-se em um latifúndio produtor de cana-de-açúcar, onde um engenho produzia açúcar, exportado para a Europa nos séculos XVI, XVII e XVIII.

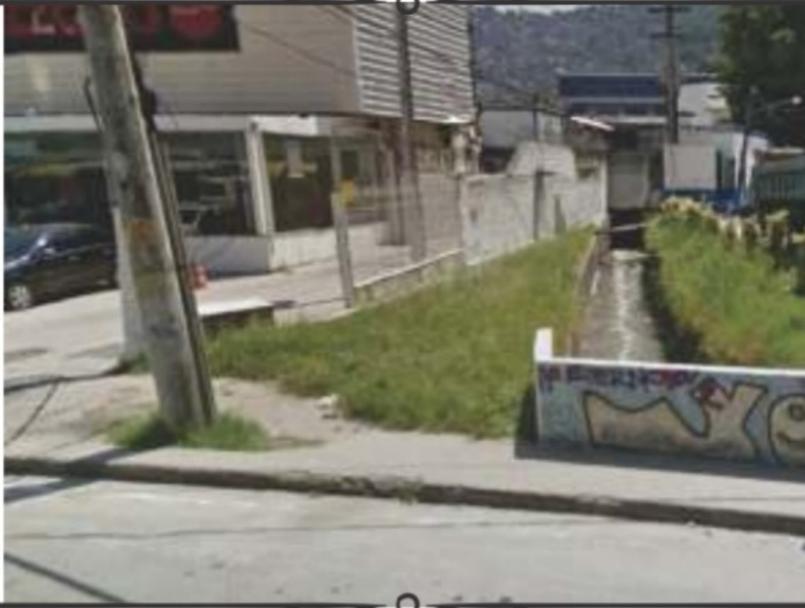
O Rio Jequiá desagua no famoso manguezal do Jequiá, uma Unidade de Conservação, que ainda abriga diversas espécies da fauna silvestre brasileira e migratória. É uma das maiores áreas verdes da região e até o último Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, era considerada como uma Unidade de Conservação (APARU – Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana Do Rio Jequiá). Este tipo de Unidade de Conservação foi abolido pelo novo Plano Diretor Municipal da Cidade (Lei Municipal nº 111/2011) e hoje o local está totalmente desprotegido, sujeito, inclusive, à ocupação urbana irregular.



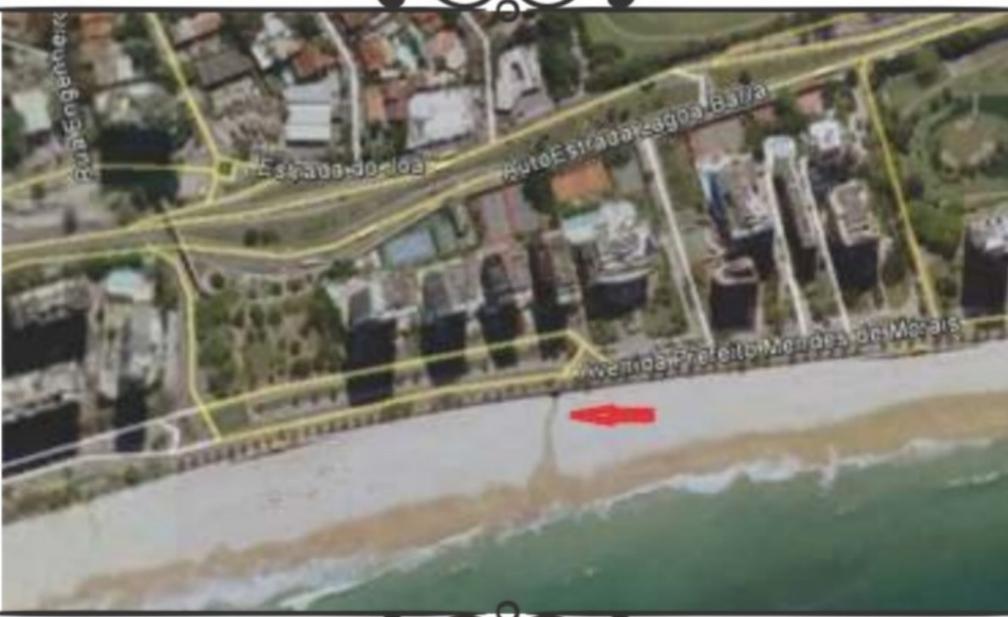
Rio Jequiá, foz na Baía de Guanabara.

SUB-BACIA DE SÃO CONRADO

Nesta sub-bacia, iremos encontrar Rios que vertem do Maciço da Tijuca em direção ao oceano, como o **Rio do Pires**, o **Valão da Rocinha** e o **Rio Canoas**. Todos deságuam na praia de São Conrado. O canal ou valão da Rocinha, foi traçado, em decorrência da ocupação urbanística da área. Já o **Rio do Pires** nasce no alto do Gávea Golf Club, no final da Rua Capuri, descendo pela Av. Jaime Silvado totalmente aberto, passa por debaixo da Estrada da Gávea, para finalmente desaguar no Canal de São Conrado, ao lado do Hotel Nacional, até chegar à sua foz, na praia do mesmo nome, porém, direcionado a um túnel extravasor, no costão da Avenida Niemeyer. **O Valão da Rocinha** verte do morro do mesmo nome e desagua no canal de São Conrado, ao lado do Hotel Nacional, na Avenida Aquarela do Brasil. Já o **Rio Canoas** nasce no Maciço da Tijuca e verte também para a praia de São Conrado, cruzando a comunidade na estrada das Canoas, passando junto ao muro do Gávea Golf Club, até cruzar a autoestrada Engenheiro Frnand Macdowell, antiga Lagoa Barra, onde pode ser visto, a céu aberto, no canteiro da pista central, seguindo novamente canalizado por baixo dos edifícios, até a sua foz, na praia de São Conrado.



*Valão da Rocinha, em São Conrado, nas proximidades do Metrô Linha 4.
(Foto: Google Earth)*



Destaque para a foz do Rio Canoas, na praia de São Conrado. (Foto: Google Earth)

SUB-BACIA DO RIO CACHOEIRA

O **Rio Cachoeira**, por muitos é confundido com o Rio Itanhangá, porém, sua nascente verte do maciço da Tijuca quando recebe as águas do **Rio Tijuca** e do **Rio Gávea Pequena**.

O RIO TIJUCA – Principal contribuinte da floresta.

O Rio Tijuca é facilmente localizado, encontra-se logo à esquerda da entrada principal do Parque Nacional da Tijuca.

Inicialmente, o próprio termo “tijuca” deriva do tupi guarani clássico, (tiyug - líquido podre, lama, charco, pântano, atoleiro). Tal significado advém dos diversos rios e cursos d’água que surgem do topo do maciço que leva o nome do bairro e percorrem a região das baixadas e deságuam no canal do mangue.

Neste local, a história de formação da Tijuca está eternamente gravada nas construções do homem, nas grandes marcas da urbanização e nos diversos espaços naturais daquela floresta. Tudo começou com o plantio de cana de açúcar, café e chá, naquela região.

A Floresta da Tijuca, antes mesmo de se transformar neste paraíso que hoje está gravado como Parque Nacional, protegido pela Lei Federal nº 9.985/00, no final do Século XIX, era uma área de grandes cafezais, e foi objeto de um grande incêndio, também provocado por um período de seca, que tornou todas as fazendas e engenhos improdutivos. Após este triste evento, em 1861 iniciou-se uma intensa intervenção do homem no Maciço da Tijuca, conduzida sob a direção do Major Manuel Gomes Archer, que durante 13 anos plantou mais de 80 mil árvores nativas e exóticas. Tal ação foi sucedida pelo administrador Thomás Nogueira da Gama, que durante 25 anos recuperou as matas do Sumaré e das Paineiras, tudo isto por encomenda do Imperador Pedro II, dando início a um processo de reflorestamento completo de toda a área da floresta da Tijuca.



Major Manuel Gomes Archer

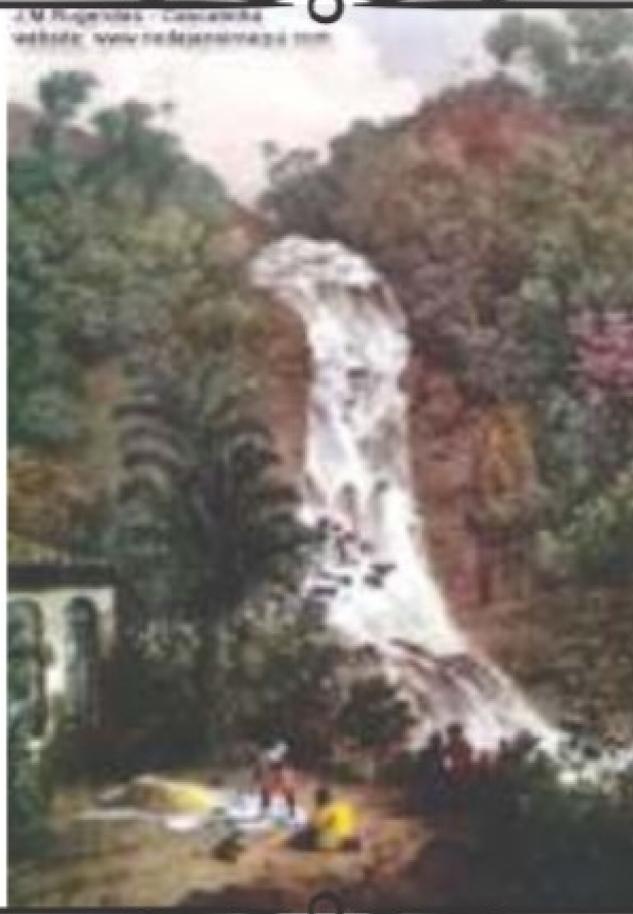
Portanto, verifica-se que há mais de dois séculos, tivemos em nossas mãos uma prova robusta de que é possível a recuperação natural de uma área desmatada mediante ações humanas de reflorestamento.

Se não bastassem estas peculiaridades, a Tijuca ainda guarda remanescentes da época da escravidão, como áreas onde são encontrados antigos sítios arqueológicos, senzalas desativadas e até mesmo construções da época em que o óleo de baleia e a argila eram o elemento de liga para as pedras portuguesas que contribuíram para a edificação dos engenhos e casarões daquela época.

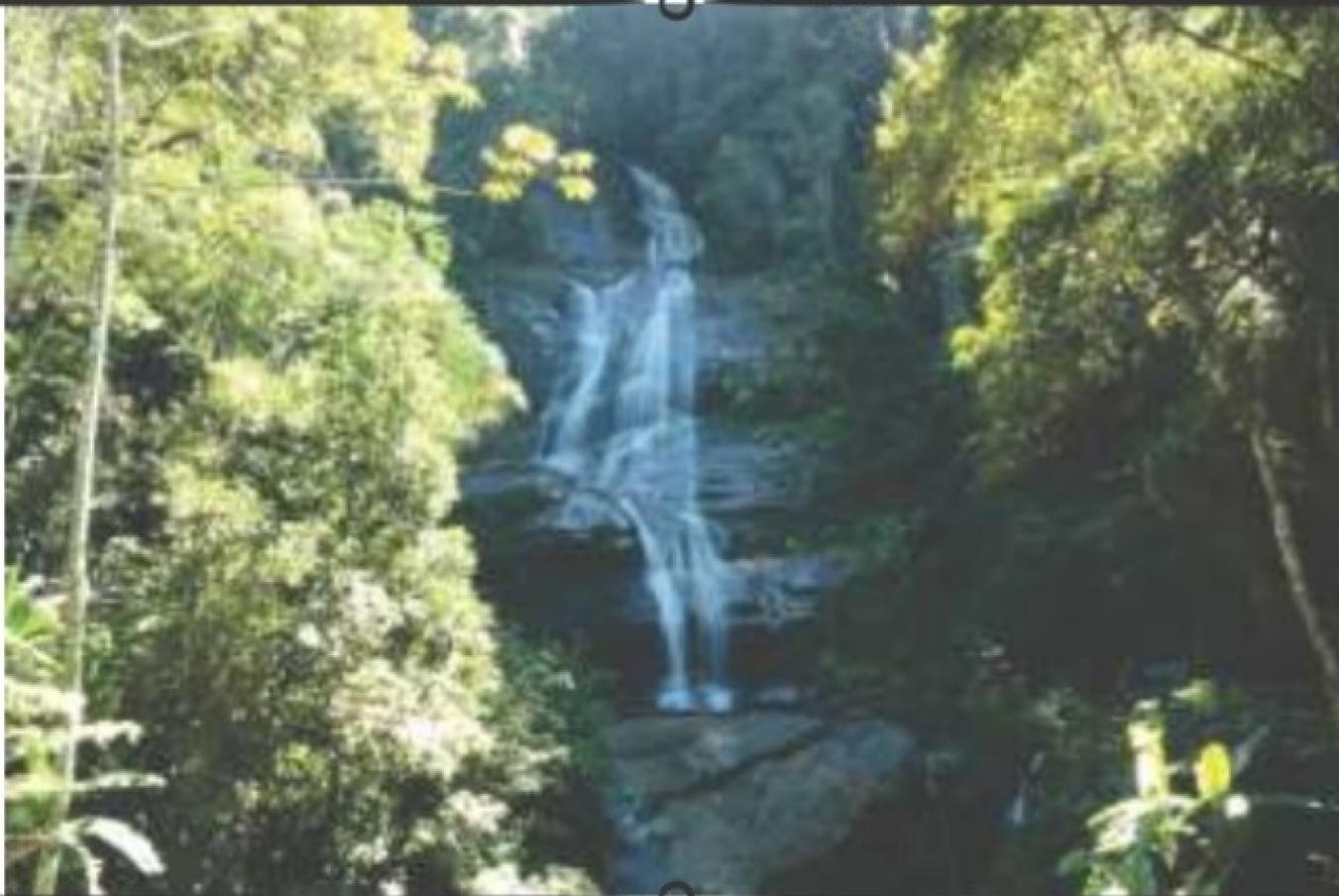
O **Rio Tijuca** recebe contribuição de diversos riachos que estão no interior do Parque Nacional da Tijuca, sendo eles o **Rio das Almas**, onde podemos encontrar a famosa trilha da Cachoeira da Almas, o **Rio Caveira** e o **Riacho Cupertino**. Mais abaixo, nas proximidades do Centro de Visitantes, o Rio Tijuca recebe contribuição do Rio do Archer e mais um pouco abaixo, antes do largo da Cascatinha, o **Rio Tijuca** recebe as águas do Riacho do Caranguejo e do Rio do Conde, para, então, nos abrilhantar com a bela queda da Cascatinha de Taunay, descendo a entrada principal do Parque, para, verter para o lado da Barra da Tijuca, pela Rua Boa Vista, e na altura da estrada do Açude, dobra à direita e segue seu curso por trás das instalações do Corpo de Bombeiros, descendo até a comunidade de Tijuaçu, onde recebe as águas do **Rio do Açude**, que também nasce e verte por estas encostas, daí, cruza a Estrada de Furnas e segue em direção à Comunidade de Mata Machado. Na altura da Estrada Itapicuru, recebe as águas do **Rio Gávea Pequena**, que já vem com o volume dos **Rios do Mocke e Córrego Alegre** e continua descendo a Estrada de Furnas, pelo lado esquerdo, já totalmente acachoeirado, com quedas acentuadas. Daí em diante, leva o nome de **Rio Cachoeira**.



*Cascatinha e casa de Taunay, Gravura de Fisquet, início do séc. XIX.
(Fonte: www.riodejaneiroaqui.com.br)*



Rugendas, Cascatinha (Rio Tijuca). Fonte: www.riodejaneiroaqui.com.br



Cascatinha, (Rio Tijuca), foto atual.

RIO CACHOEIRA

Após receber quase todo o volume d' água da vertente do Alto da Boa Vista e adjacências, o **Rio Cachoeira** desce margeando a estrada de Furnas, já em grandes quedas livres, com corredeiras acentuadas, para, enfim, fazer jus ao seu nome e chegar à planície do Itanhangá, onde ainda percorrerá o interior do Itanhangá Golf Clube, para, em seguida, desaguar na Lagoa da Tijuca, ao lado da Ilha Primeira.

Esta cachoeira, hoje, está tomada de áreas totalmente carentes de saneamento ambiental. A maioria de suas águas verte para o bairro de Itanhangá, com águas muito poluídas, até a sua foz, na Lagoa da Tijuca. O Rio Cachoeira margeia tanto áreas de bolsões de pobreza como também por condomínios de alto luxo no local.



Rio Cachoeira, em queda, em direção ao Itanhangá.

RIO ITANHANGÁ

Na língua Tupy, Itanhanga significa diabo de pedra, ou pedra do diabo. O **Rio Itanhangá** nasce no maciço da Tijuca e verte para a Lagoa do mesmo nome. Sua nascente está localizada nas proximidades do final da Estrada do Soberbo, no Alto da Boa Vista. Na planície, já no interior da comunidade de Tijuquinha, recebe as águas do **Rio Taquara** (que também nasce no maciço da Tijuca, na localidade denominada Taquara da Tijuca, no morro da Taquara, próximo ao Vale Encantado, no final da Estrada da Paz. Mais abaixo, o Rio Taquara recebe as águas do Rio do Leandro, já na altura da Estrada da Barra da Tijuca, no interior do Condomínio Itanhangá, precisamente na altura das ruas Jaguaretama e Caueiras.

RIOS TAQUARA DA TIJUCA, Leandro e Amendoeira.

O **Rio Taquara da Tijuca** também nasce no Maciço da Tijuca, nas imediações do Vale Encantado, e da localidade denominada "Taquara da Tijuca", no Alto da Boa Vista, e verte em direção à Lagoa da Tijuca, no Itanhangá. Este rio não pode ser confundido com o **Rio Grande** ou **Rio Taquara**, que possui bacia própria e nasce nas vertentes da Serra da Taquara, em Jacarepaguá. O **Taquara da Tijuca** tem curso sinuoso e desce o maciço da Tijuca e, já canalizado, segue por baixo da Rua Jaguaretama, no interior do Condomínio Itanhangá, até a sua foz, no **Rio Leandro**, na Estrada da Tijuca, na altura da Rua da Figueira, nos limites do Itanhangá Golf Clube e da Comunidade da Tijuquinha. Em seguida, já no interior da Comunidade Tijuquinha, encontra o **Rio Amendoeira**, que também verte pelas encostas do Maciço da Tijuca, para, logo a frente, desaguar no **Rio Itanhangá**, que segue seu curso pela Rua da Amendoeira, até a sua foz na Lagoa da Tijuca.



Foz dos Rios Cachoeira (à direita) e Itanhangá (à esquerda, acima), na Lagoa da Tijuca.

MICRO-BACIA RIO MUZEMA

RIO MUZEMA

Historicamente denominado “Rio dos Cocais”, À Semelhança do **Rio Jequiá**, na Ilha do Governador, o Rio Muzema é titular de sua própria bacia, não possuindo contribuintes e tampouco tributários. Nasce no Morro do Pica Pau, antigo morro da “Mucema” que na língua Tupi significa “Resgatado”³⁰. Este nome surge em razão de um pequeno naufrágio de um barco de pescadores no local que deu origem a comunidade. Em seguida deságua na Lagoa da Tijuca, passando pelo interior da comunidade Muzema e Cambalacho. O rio atualmente encontra-se totalmente assoreado, principalmente quando cruza a Comunidade local. Muitos prédios com 5 ou 6 pavimentos foram edificadas às suas margens, comprometendo a drenagem e saneamento local. Fatores estes que podem resultar em grandes tragédias ambientais.³¹

³⁰ CORRÊA. Magalhães. Imprensa Nacional. 1936.

³¹ A comunidade de Muzema, segundo os registros da XXIV região administrativa, foi ocupada no ano de 1951. Segundo este histórico, a área, antigamente, era ocupada por uma granja, propriedade do “Sr. Brilhante” que resolveu construir alguns barracos no local, para serem alugados. Quando o Sr. Brilhante faleceu, ninguém mais cobrou aluguel e os moradores não pagaram mais. Outros vieram também a construir barracos e casas na área, atraídos pelo sossego existente no local. Outro histórico existente, a partir de uma entrevista realizada com a primeira líder comunitária de Muzema, conta que, em 1971, era um lugar muito pobre, um pântano. Havia em média, dez moradores, apenas alguns barracos de eucatex e, como não havia estrutura, o terreno afundava. Não possuía, naquela época, água e luz. Em 1982, já havia mais barracos, alguns com água, nove relógios de luz numa cabine, para os que podiam pagar e uma padaria. O atual líder comunitário apresenta um relato que, no início, a comunidade era uma colônia de pescadores na margem da Lagoa de Marapendi, onde, com o tempo, começaram a chegar familiares, amigos e conhecidos nordestinos. Por situar-se na margem da lagoa, trata-se de um terreno da marinha e uma minoria da comunidade paga uma taxa para a mesma. A partir da abertura da Estrada do Alto da Boa Vista e da Estrada do Joá, possibilitou-se um maior acesso à região, aumentando o número de empregos e ampliando assim, cada vez mais, a comunidade. O nome Muzema, segundo o líder, é de origem indígena. (https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10854/10854_5.PDF acesso em 27.12.2018)



Rio Muzema e seu curso no interior das Comunidades de Muzema e Cambalacho, (detalhe em vermelho) e sua foz na Lagoa da Tijuca.

SUB-BACIA DO RIO DAS PEDRAS

RIO DAS PEDRAS

Também outra sub-bacia pequena, com apenas dois rios, o **Rio das Pedras**, que leva o seu nome e o **Rio do Retiro**. Este último, nascendo no morro da Taquara, no maciço da Tijuca, e desaguando no Rio das Pedras, na altura da comunidade. O Rio das Pedras pode ser visto ainda com águas límpidas no final da Via Ligth de Rio das Pedras, na esquina com a Estrada de Jacarepaguá, e ainda com as famosas pedras, que levam o seu nome. Sua vertente, a partir dali, é muito acachoeirada e as pedras do rio estão totalmente expostas, levando assim a sua característica peculiar.

A Comunidade de Rio das Pedras, como a da Rocinha, são regiões da Cidade que ganharam características próprias, autonomia e identidade. Seguindo perfil da Rocinha, Rio das Pedras também foi formada por nordestinos, em sua maioria que vieram à Cidade do Rio de Janeiro, atraídos pelas grandes obras na construção civil da região. No local, uma famosa casa de show ganhou notoriedade com o ritmo *funk*, O Castelo das Pedras, em razão de seu grande destaque, principalmente após a declaração de que o *funk* é patrimônio cultural do Rio de Janeiro,³² marcou uma época de grande importância na localidade. A região é um celeiro político de grande importância à Cidade. Muitos políticos foram eleitos com os votos apenas da comunidade local. A região é abastecida por um comércio ambulante extremamente vasto, que segue a principal rua da região. Atualmente, a Prefeitura do Rio realiza obras de saneamento no local.

³² Lei Municipal nº 6.342, de 2 de maio de 2018.



Destaque para o Rio das Pedras (área verde) cruzando a Comunidade (Foto Google Earth)

SUB-BACIA DO RIO DO ANIL

RIO ANIL

O nome do bairro do Anil tem sua origem em razão do local, na época colonial, ser completamente tomado por arbustos nativos que produziam o anil através dos frutos. As anileiras da região eram de alta qualidade. Por isso, houve grande aceitação do corante na Europa. O anil era transportado pelo rio de mesmo nome do bairro até a Barra da Tijuca. Daí ao porto do Rio de Janeiro, para ser embarcado em navios para a Europa. A cultura do anil, nessa parte de Jacarepaguá, durou até o século XVIII. Depois, como aconteceu em toda a província do Rio de Janeiro, a região também foi tomada por plantações de café.

A região do Anil, Gardênia Azul e Cidade de Deus faziam parte nos séculos passados da Fazenda do Engenho D'Água. A casa-sede ainda existe numa colina, situada no entroncamento da Estrada do Gabinal, Rua Edgard Werneck, Avenida Tenente-Coronel Muniz de Aragão e Avenida Airton Senna. O prédio está tombado pelo IPHAN e pertence aos descendentes do Barão da Taquara. Junto da casa se ergue a capela de Nossa Senhora da Cabeça, a mais antiga de Jacarepaguá, também tombada. A sede do Engenho D'Água e a igreja foram construídos em 1616 por Rodrigo da Veiga. Esse engenho foi a última propriedade que a descendência dos Correia de Sá possuiu em Jacarepaguá. Pertenceu à família desde a Colônia até o Império, em virtude da condição de morgado deixado pelo General Salvador Correia de Sá e Benevides. O morgado consistia em passar o domínio sempre para os filhos primogênitos, que não podiam vendê-lo.³³

Este Rio, na verdade, é composto por três outros, que, em sua nascente até a baixada de Jacarepaguá, possui água ainda muito limpa e ainda nos dias de hoje tem vida abundante, onde, subindo os morros da região, encontram-se cachoeiras diversas e limpas. Toda a parte do rio que corre por dentro dos condomínios, possui água limpa com vida aquática diversificada: peixes, mini caranguejos de água doce, pitus, etc. Mas, infelizmente, esse rio passa por processo de poluição quando se aproxima da estrada de Jacarepaguá, onde, também, existem áreas assoreadas, formando o canal do Anil mas sem que o fluxo de água chegue a ser interrompido, desaguando nas lagoas de Jacarepaguá.

O Rio Anil recebe contribuições do **Córrego Panela**, que na verdade até o Largo da Freguesia (Antigo Largo da Porta D'água), o Panela é chamado de **Rio Sangrador**. Além do **Córrego Panela** o **Rio Anil** ainda recebe as águas do **Rio Quitite**, que nasce na Serra dos Três Rios e verte para a baixada de Jacarepaguá, podendo ser visto, a céu aberto, e ainda com águas límpidas, no final da Estrada do Quitite, no bairro do Anil, ao lado da APCEF, em frente à Rua Salvínea. Este local, talvez tenha recebido o nome de Anil, e razão da vasta produção desta planta na Floresta da Tijuca, que era escoada pela Fazenda Vila Rica, na vertente do Andaraí. O **Rio Quitite** também recebe as águas do **Rio São Francisco**, que nasce no morro do bananal e pode ser visto com águas límpidas no interior dos condomínios que margeiam a Estrada do Bananal.

O Rio Papagaio nasce na Serra dos Três Rios (e é, em razão dele, que a toponímia da Serra ganhou seu nome) e deságua na baixada de Jacarepaguá, sendo sua foz no Rio Anil. O Rio Papagaio cruza os condomínios do Bairro do Anil em Jacarepaguá, cruza a Estrada de Jacarepaguá, nas proximidades da praça do Anil, e segue pela Rua Sargento Carlos Argemiro Camargo, para finalmente encontrar o **Córrego Panela** na esquina com a Avenida Otávio Mota. Daí em diante, o rio passa a chamar-se Anil. Em seguida, recebe as águas do **Rio dos Passarinhos**, um pequeno córrego que nasce no Bosque da Freguesia e passa pelo interior do Condomínio Recanto. Em seguida, o Rio Anil prossegue em direção à sua foz, no Arroio Fundo, para, finalmente, desaguar na **Lagoa do Camorim**.



Canal do Anil e sua foz no Arroio Fundo. (Foto: Google Earth)



Rio Arroio Pavuna, nas Imedições da Av.Salvador Allende. (Foto: Google Earth)



Córrego Panela. (Foto: Google Earth)



Rio Quitite, na estrada de mesmo nome. (Foto: Google Earth)

RIO SANGRADOR

Que já foi Porta D'água.

O Rio Sangrador, na verdade, já foi um dos mais importantes rios da região de Jacarepaguá. Ele recebe contribuição de três rios que vertem as encostas da serra do mesmo nome. São eles: o **Riacho dos Ciganos**, que está localizado em um vale muito profundo, formando um grotão, na Serra dos Três Rios, na altura do Km 3, sentido Jacarepaguá-Grajaú; o **Riacho Fortaleza** e o **Riacho Roucher**, ambos com nascentes nas vertentes da Serra dos Três Rios. O **Rio Sangrador** torna-se visível, na Estrada dos Três Rios, no início da subida da Serra, na altura da Estrada Santa Inês, em frente ao Condomínio Floresta da Serra. Neste ponto o Rio Sangrador já recebe as águas do **Rio Cantagalo de Jacarepaguá**, e prossegue o seu curso, por trás das ruínas da antiga fábrica de papel e cruzando a Estrada dos Três Rios, novamente, na altura do posto de gasolina local. Em seguida o Roncador segue por todo o bairro da Freguesia, até chegar ao famoso Largo da Porta D'água, atual Largo da Freguesia. A partir daí, leva o nome de **Córrego Panela**. O Rio Sangrador possui uma peculiaridade de grande importância histórica para a região de Jacarepaguá e para toda a cidade. Na verdade este rio serviu de caminho para um grande invasor francês da cidade, Jean François Duclerc, um corsário que, financiado pelo Rei Luis XIV, decidiu invadir a Cidade do Rio de Janeiro como uma vingança à derrota dos franceses na Baía de Guanabara, há quase 150 anos. Ocorreu que Duclerc e suas tropas tiveram uma experiência desastrosa, não conseguindo cumprir a missão legada pelo rei absolutista francês. Há registros de que Duclerc e suas tropas subiram e desceram a Serra dos Três Rios para chegar a região central da cidade. Um dos indícios que podem justificar essa hipótese foi a descoberta de canhões franceses, durante a construção da estrada em meados do século XX. Porém, suas tropas foram encurraladas por estudantes, militares e demais moradores da cidade, que, com armas rudimentares, venceram as tropas francesas. Fato que foi um pouco diferente da experiência da invasão do Corsário Almirante René Duguay Troiun, que conseguiu promover uma invasão extremamente proveitosa da

cidade, pelo Morro da Conceição. E fazendo com que o então governador Castro Morai se rendesse, e entregasse ao corsário um resgate de 610 mil cruzados, 200 bois de corte e 100 caixas de açúcar. Tudo isto, por muita sorte, antes de um carregamento de ouro vindo de Minas Gerais, chegar à cidade. Troiun conseguiu driblar as fortalezas de São João e Santa Cruz, na Baía de Guanabara, aproveitando-se de um nevoeiro intenso.³⁴

“Duclerc não conseguindo entrar na então Baía de Guanabara desembarcou no dia 10 de Setembro de 1710 com aproximadamente 1000 homens em uma praia próxima a de Guaratiba e tomou o caminho da cidade, vindo pela Estrada do Camorim, dos Três Rios, do Grajaú-Jacarepaguá, Garganta do Matheus, chegando ao Engenho Novo no dia 18 do mesmo mês. Provavelmente o Marquês de Lavradio, já no ano de 1777, lembrando-se da lição que Duclerc tinha dado a cidade no ano de 1710, resolveu, então fortificar os pontos fracos por ele considerados naquela época. Começou colocando duas baterias na barra da Lagoa outras duas com o nome de Itapuca e Pontal na praia próxima de Sernambetiba (hoje perto do Recreio dos Bandeirantes), três na Garganta do Matheus e no Desfiladeiro do Engenho Novo e Estrada Grajaú Jacarepaguá, isto é, uma bateria em cada local desses citados, duas baterias na Barra da Tijuca e no Alto da Boa Vista, todas elas com o único fim, cobrir as estradas para a cidade se, porventura desembarcasse alguma força entre a Ponta da Gávea e a Barra de Guaratiba, conforme podemos ler em Fortificações do Brasil de Augusto F. De Souza.”³⁵

No Largo da Freguesia estava a famosa Porta D'água, onde havia uma represa que reunia as águas do atual **Rio Sangrador**.

³⁴ <http://riodejaneiroaqui.com/blog/duguay-trouin/> (acesso em 28.12.2018)

³⁵ CORREIO DA MANHA. Ed. Nº 23.824. Pág. 6. De 12.12.1970. "GERICO nos bairros – A região administrativa de Jacarepaguá.



Rio Sangrador, recebendo as águas do Rio Cantagalo de Jacarepaguá (parte de baixo), no início da Av. Menezes Côrtes (Grajaú-Jacarepaguá).



Rio Sangrador

SUB-BACIA DO RIO GRANDE

RIO TAQUARA ou RIO GRANDE

Um dos maiores rios em extensão da região de Jacarepaguá, tendo suas nascentes no Morro da Taquara até o Arroio Pavuna, 10,5Km. Este rio nasce na Serra da Taquara, nas proximidades da localidade denominada Pau da Fome, onde recebe as águas do **Riacho da Padaria** e do **Rio da Figueira**, no final da Estrada do Pau da Fome, ambos nas vertentes do Maciço da Pedra Branca, para logo adiante, receber também as águas do **Rio dos Calharins**, na altura do vale de mesmo nome. Em seguida, o Rio Grande segue vertendo em direção à planície de Jacarepaguá, recebendo as águas do **Rio Pequeno** e do **Rio dos Teixeiras**, na altura da Comunidade de Jardim Shangrilá, rios que possuem atualmente estradas que levam os seus nomes. Neste local estava situada a Fazenda **Rio Grande**, e mais abaixo, até os dias atuais a Fazenda da Taquara ainda mantém sua capela, portal e casa senhorial, hoje declarada como Área de Proteção Ambiental e também tombada pelo IPHAN. O Rio Grande prossegue seu curso em direção à Praça da Taquara, entre a Avenida Nelson Cardoso e Estrada do Tindiba, onde pode melhor ser visto. Neste local, seu curso já está bastante caudaloso e suas águas extremamente poluídas. Com a pista do BRT passando por cima de suas águas. Em seguida, na localidade de Portugal Pequeno, recebe contribuição do **Rio Tindiba** e do Rio Pechincha e prossegue em direção à Cidade de Deus, percorrendo todo o bairro até encontrar o **Rio Banca da Velha** e, finalmente, desaguar no Arroio Fundo, embaixo do viaduto da Linha Amarela.



*Casa Senhorial da antiga Fazenda Taquara ou Fazenda da Baronesa
(Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/07/Rio-de-Janeiro-Fazenda-da-Taquara-Imagem-Oscar-Henrique-Liberal-Iphan-RJ-1.jpg>)*



Rio Grande ou Taquara, cruzando a pista do BRT na Praça da Taquara. (Foto: Google Earth)

RIO TINDIBA

Nasce nas proximidades da Rua Cândido Benício, na Praça Seca, e vai em direção ao Rio Grande, na Taquara. Nas proximidades do Tanque, recebe as águas do **Rio da Covanca**, e fica mais caudaloso, prosseguindo em direção a sua foz no Rio Grande, cruzando as avenidas Nelson Cardoso e Rocha, e recebendo as águas do Rio Tingui da Taquara, na altura da Estrada do Tindiba. Mais adiante, na localidade denominada Portugal Pequena, encontra a sua foz no Rio Grande.



Rio Tindiba. (Foto: Google Earth)

RIO PECHINCHA

Nasce no bairro de mesmo nome, nas proximidades do famoso “Castelo dos Vinhos” e verte em direção ao Rio Tindiba, para encontrá-lo na localidade de Portugal Pequeno. O nome do bairro é devido a um mercado que existia no local e vendia produtos com preços mais baixos que os estabelecimentos comerciais dos bairros vizinhos, principalmente a Taquara, um dos maiores polos comerciais de Jacarepaguá, até hoje. O Rio, que leva o mesmo nome, talvez possa ter adquirido esta nomenclatura em razão da mesma característica.



Rio Pechincha em obras de saneamento. (Foto: Google Earth)

ARROIO PAVUNA

Possui sua nascente nas imediações do aglomerado urbano da Vila Sapê, onde recebe as águas do **Rio Guerenguê** e de outros canais contribuintes. Este curso hídrico já nasce totalmente poluído, tomado pelo esgoto *in natura*, e corre em direção à Lagoa de Jacarépaguá. Após passar por diversos aglomerados urbanos, cruza a região do Condomínio Cidade Jardim, para desaguar e sua foz na Lagoa de Jacarepaguá.



Canal Arroio Pavuna. (Foto: Google Earth)

SUB-BACIA DO RIO GUERENGUÊ

RIO GUERENGUÊ

O **Rio Guerenguê** recebe as águas dos Rios do Areal, que nasce no alto do morro da Serra da Pedra Branca, e verte para a planície na localidade denominada Parque Curicica, onde encontra também as águas do **Rio do Engenho Novo**, que verte do Maciço da Pedra Branca em direção à Planície de Jacarepaguá, juntamente com as águas do **Rio Tucum**, com a mesma origem. Na planície, já na Rua André Rocha, no Parque Curicica, encontra o **Rio Monjolo**, para finalmente formar o **Rio Gerenguê**, que segue em direção à sua foz, **no Arroio Pavuna**.



Rio Guerenguê, na Rua André Rocha. (Foto: Google Earth)

SUB-BACIA DO RIO CAMORIM

RIO CAMORIM

"Camorim" é um termo de origem tupi que significa "robalozinho", através da junção de kamuri (robalo) com im (diminutivo). Há ainda uma outra definição informando que o Camorim significa "mata com muitos mosquitos", formado pela junção dos vocábulos "Ká" (mata) e Mury (mosca ou mosquito). O Rio Camorim tem 6,5 Km de extensão e nasce nas vertentes do Açude do Camorim, localizado no interior do Parque Estadual do Maciço da Pedra Branca, entre as Serras do Quilombo, do Nogueira e o Pico do Sacarrão. Toda a área era uma gleba de titularidade de Gonçalo Correia de Sá, filho do terceiro governador do Rio de Janeiro, Salvador Correa de Sá recebeu de seu pai a sesmaria em 1594 e aí erigiu o Engenho do Camorim que se estendia até as áreas de Vargem Grande e Pequena e parte do Recreio dos Bandeirantes. Gonçalo doou suas terras a sua sobrinha Dona Vitória de Sá e Benevides, que mandou construir a ermida de São Gonçalo de Amarante, em 1625. Em 1667, após o seu falecimento, deixou as terras para os Monges Beneditinos, que administraram o local até o final do Século XIX, quando, então, as terras foram hipotecadas pelo Banco de Crédito Móvel. Posteriormente, já no início do século XX, o banco alienou muitas áreas a diversos proprietários privados e parte ao Governo do Estado.³⁶ No local podem ser encontradas as Cachoeiras do Véu da Noiva e do Camorim. O banho e mergulho nas águas do Açude são proibido em razão do abastecimento de parte da região de Jacarepaguá e adjacências, além de existirem grandes grotões no fundo do lago. O rio desce a serra e encontra o Rio São Gonçalo, na altura da rua São Gonçalo do Amarante. Prossegue cruzando a Estrada dos Bandeirantes, e deságua em sua foz na Lagoa da Tijuca, na baixada de Jacarepaguá, passando, inclusive, pelo interior das instalações do RIOCENTRO.

³⁶ FRANCO, Iracema et. All. - INEPAC- Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, CEDAE, SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA – RJ "Inventário de Identificação dos Reservatórios da CEDAE". 2006.



Rio Camorim, cruzando a Estrada dos Bandeirantes. (Foto: Google Earth)

RIO CAÇAMBÊ

O **Rio Caçambê**, nasce na Pedra Negra, no Camorim, e verte no sentido da Lagoa da Tijuca, cruzando a Estrada do Camorim, já, na planície, e em seguida atravessa a Estrada dos Bandeirantes, segue a Avenida Canal do Rio Caçambê, contorna a Pedra da Baleia, cruza a Avenida Salvador Allende, para, finalmente, encontrar as águas do Rio dos Passarinhos de Jacarepaguá e do Rio Pavuninha, para chegar a sua foz, na Lagoa de Jacarepaguá, na Comunidade de Vila Autódromo.



Rio Caçambê, cruzando a Estrada dos Bandeirantes. (Foto: Google Earth)

SUB-BACIA
RIO DOS PASSARINHOS
DE JACAREPAGUÁ

RIO DOS PASSARINHOS DE JACAREPAGUÁ

Este rio, nasce no Morro do Tucum e com contribuições de um pequeno tributário do Morro Dois Irmãos, verte em direção à Lagoa de Jacarepaguá, indo encontrar as águas do **Rio Pavuninha** e do **Rio Caçambê**, na altura da Comunidade de Vila Autódromo. Por quase toda a sua extensão, o rio está totalmente poluído.

RIO PAVUNINHA

Muitos os chamam de Canal Pavuninha, em razão de seu curso e de sua formação ciliar, mas a denominação de Rio Pavuninha permanece. Sua nascente se localiza nas proximidades da Avenida Adauto Botelho, cruza a Estrada dos Bandeirantes, para finalmente alcançar a Salvador Allende e encontrar a sua foz no Rio Pavuninha já na Embaixador Abelardo Bueno, em frente a Comunidade de Vila Autódromo.

CONCLUSÕES

Na verdade, este trabalho não termina por aqui. A ideia deste projeto é continuar o mapeamento dos rios da Cidade do Rio de Janeiro, até alcançarmos todos os principais cursos hídricos. Nesta primeira edição, esgotamos os principais rios das bacias da Baía de Guanabara e Oceânica. No próximo volume, exploraremos a Bacia da Baía de Sepetiba, e todo o restante da Zona Oeste da cidade que, na verdade, contém o rio mais importante atualmente para a Cidade do Rio de Janeiro, o Rio Guandu. Trata-se de um rio artificialmente criado, com o objetivo principal de dar à cidade, um novo abastecimento hídrico, uma vez que os mananciais da Floresta da Tijuca já não mais estavam dando vazão à demanda de consumo. Mas esta é outra história que a exploraremos em nosso próximo volume. Até lá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU. Mauricio de Almeida. Sistema Urbano de Conservação do Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal. 1971.

AMARAL. José Mauricio Cunho do. In "Tijuca em Foco. Ano I nº 11 Abril de 2013. Pág. 13 "

ARQUIVOS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

<http://rhbjhistoria.blogspot.com.br/2011/11/rio-de-janeiro-especial.html#ruas> - acesso em 12.10.2014

AURELIO. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa corresponde (3ª. edição) SP, Editora Positivo, 2004.

AZEVEDO. Luiz Eduardo Maciel de. & RIBEIRO, Miguel Ângelo. " A presença da Imigração Portuguesa no bairro da Tijuca – RJ." (Mimeo)

BRASIL. Gerson. História dos Subúrbios. Botafogo. Pág. 15. Depto. De História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal

BRITO NETO A. A. Floresta da Tijuca, a primeira restauração da natureza no mundo. 1990

CUNHA, N. V. História de Favelas da Grande Tijuca contadas por quem faz parte delas. Ed. IBASE e Agenda Social Rio. Rio de Janeiro, 2006.

CARDOSO, E.D. et al (1984): História dos bairros – Tijuca Grupo de Pesquisa em Habitação do Solo Urbano – PUR – UFRJ. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia / Index Editora.

CARRERA, Francisco. Cidade Sustentável. Utopia ou Realida

CEDAE - www.cedae.com.br- Documentos históricos

CHAMBERLAIN, Tte. Vistas e Costumes da Cidade e Arredores do Rio de Janeiro em 1819.

- CORRÊA**, magalhães. Terra Carioca. Coleção Memória do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. 170. 1935. Rio de Janeiro. Brasil
- CORREIO DA MANHÃ**. Ed. Nº 23.824. Pág. 6. De 12.12.1970. " GERICO nos bairros – A região administrativa de Jacarepaguá.
- COSTA**, Walter Pinto. Revista SEAERJ – Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro – Edição comemorativa dos 50 anos da Sociedade/1985 – O esgotamento Sanitário do Rio de Janeiro do "Tigre" ao Emissário Submarino de. Ed. Lumen Juris. 2005.
- DIAS**, Alexandre Pessoa. & ROSSO, Thereza Christina de Almeida., In "O RIO CARIOCA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL: DA SUA HISTÓRIA O QUE PRESERVAR?" (mimeo)
- DIÁRIO OFICIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**, Edição de 12/05/1986
- FONTANA**, Riccardo, O Brasil de Américo Vespúcio, UNB, Brasília – 1994/1995. (Tradução: Edílson Alkmim Cunha e João Pedro Mendes)
- FRANCO**, Iracema et. All. - INEPAC- Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, CEDAE, SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA – RJ "Inventário de Identificação dos Reservatórios da CEDAE". 2006.
- GONTIJO**, Alexandre. A HISTÓRIA DOS RIOS TIJUCANOS - PARTE I. Revista Rota tijucana. Nº 03. 2011. Disponível em : <http://eventosambientaisieva.blogspot.com.br/2011/02/historia-dos-rios-tijucanos-parte-i.html>
- GOUVEIA**, Maria Teresa. Rio dos Macacos: paisagens e personagens de um rio / Maria Teresa Gouveia. - Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2007
- LAMEGO**. Alberto Ribeiro. O Homem e a Guanabara. 2ª. Ed. IBGE. Conselho Nacional de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. 1965.
- MARQUES**, Eduardo César. Da higiene à construção da cidade: O Estado e o saneamento do Rio de Janeiro, 1995.
- MATOS**, Mauro. Catumbi, um bairro do tempo do império. 2005. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.)

MIGUEZ Marcelo Gomes at. All. In "INTERAÇÕES ENTRE O RIO DOS MACACOS E A LAGOA RODRIGO DE FREITAS SOB A ÓTICA DOS PROBLEMAS DE DRENAGEM URBANA E AÇÕES INTEGRADAS DE REVITALIZAÇÃO AMBIENTAL." *Oecol. Aust.*, 16(3): 615-650, 2012 *Oecologia Australis*16(3): 615-650, Setembro 2012.

PACCINI, Paulo. In <http://www.semprerio.com/pt/home/item/31-o-chafariz-do-catumbi>) acesso em 05.02.2015

PÁDUA. José Augusto. In *A FLORESTA DA TIJUCA NA HISTÓRIA I: Geografia e Carisma*. Disponível em <http://www.oeco.org.br/colunas/jose-augusto-padua/17230-oeco-19200/> acesso: 21.10.2016 "

SAMPAIO. Teodoro F. *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*. 1992. (<http://riodejaneiroaqui.com/blog/duguay-trouin/> (acesso em 12.01.2015)

SANTOS, Leonardo Soares dos." O Desmanche de uma tradição: Reformas urbanas e herança medieval no Rio de Janeiro de fins do XIX". *Revista Mundo Antigo – Ano I – Volume I – Junho – 2012*

SILVA, José Ribeiro da,.*Os Esgotos do Rio de Janeiro*. VII. 2002

SILVA, José Ribeiro da,.*Os Esgotos do Rio de Janeiro*. VI. 2002

SENADO FEDERAL.

VARNHAGEN ,Francisco Adolfo de. Visconde de Porto Seguro. *História Geral do Brasil*. 10a ed., vol I, tomo I, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1978, pág. 324.

Documentos digitais:

<http://www.portalbaiadeguanabara.org.br/portal/especiais/item/56-rios?tmpl=component&print=1> - acesso em 12.10.2014

http://www.museudohorto.org.br/Ch%C3%A1cara_do_Algod%C3%A3o/_F%C3%A1bricas_de_Tecidos_e_vilas_oper%C3%A1rias?id=1132 (acesso em 16.11.2014)

<http://riocomprido.blogspot.com.br/p/rio-comprido-historico.html> (acesso em 16.11.2014)

Continua no Volume 2

Até Breve!



Apoio



www.ieva.org.br



<https://ambienteclima.prefeitura.rio/conheca-a-secretaria/>